

@Verdade

RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

Tiragem Certificada pela **KPMG**

@  **twitter.com/verdademz**

www.verdade.co.mz

Jornal Gratuito

Sexta-Feira 30 de Agosto de 2013 • Venda Proibida • Edição Nº 251 • Ano 6 • Fundador: Erik Charas



Os fazedores d'@Verdade em Nampula

www.verdade.co.mz

MURAL DO POVO

"NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROÍBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS" - CARLOS CARDOSO

Nos últimos cinco anos, @Verdade invadiu a sua vida e acabou, de uma forma ou de outra, por se tornar parte dela. Precisamente no passado dia 27 de Agosto, soprámos mais uma vela na escada da vida. Nos aniversários que antecederam o presente mostrámos, em várias temáticas, as pessoas que faziam o jornal. Por fazer o jornal compreenda-se o processo que vai desde a elaboração de conteúdos, passando pela maquetiza-

ção, e culminado com a distribuição do mesmo. Portanto, desfilaram pelas páginas do jornal os fazedores do mesmo. Vai este preâmbulo para deixar claro que já falámos muito de nós. Agora, na nossa óptica, cabe ao leitor dizer o que pensa de nós. E dizer o que acha equivale a falar das nossas qualidades e defeitos. Diga o que julga que, como jornal, podemos melhorar. De que o leitor sente falta? A palavra é sua...

MURO DA VERDADE - Av. Mártires da Machava, 905



Caro leitor

Pergunta à Tina...

Tudo o que precisas de saber sobre
saúde sexual e reprodutiva

SMS
90441

ou E-mail:
averdademz@gmail.com

SOCIEDADE 07

goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

CIDADÃO REPORTA

este é mesmo um país onde guebuza é dono!
Para ir ao distrito de Marracuene não sabia
que eram necessários 4 helicópteros!
Fazer uké mesmo, estamos na GUEBUZILAVIA



Osvaldo Gilberto Davuca Estes políticos são que nem pombos que damos graos de milho depois os gajos nos cagam na cabexa... outras coisas, pah. Gosto · 7 · há 2 horas



Zico Machabane criticam, criticam,... mas no momento certo pra inverter exa merda. nada fzem do melhor.ctnuam lambendo. melhor nao falarem nada Gosto · 5 · há 2 horas



Edite de Sousa falam falam falam mal nas costas, qd xega a hora das presidencias abertas n tem+boca, só tem bocas p fazer pedidos q sabem bem q nem vao ser realizados... deixem d reclamar pk é oq gostam.. Gosto · 4 · há 2 horas



Benjamin Jose Era so questao d ir d land cruisers, Navaras, e Mercedes benz. Sem precisar voar. Quando e k ele vai curtir a estrada nr 1??? Ta gastar dinheiro mahala pah. Gosto · 1 · há 2 horas



Ernesto Cofiane Sao os impostos da populacao que acabam nessas brincadeiras, e depois nao ha verba para ajudar a populacao Gosto · 1 · há cerca de uma hora



Sónia Cardoso Cumbane Pork k Chissano n cria um partido dele mesmo! Esse sim, sabe governar e n esta pouca vergonha e humilhação k xtamos a passar. Da até nonjo viver neste país. Gosto · 1 · há 39 minutos



Carlos Nhangumele É verdade, na radio onde trabalho o estúdio de gravacao esta fechado levaram o mesturador para esses comícios da visita d DONO de Mocambique... · há cerca de uma hora



Eddy Lumasai como diss um colega de CHAPA:: eh melhor Deus nos dar sabedoria e paciencia porque se nos der FORCA, somos capazes de bater esses "gajos" todos Gosto · 1 · há 2 horas



Albino Muchanga Vai de helicoptero onde nem chapa suficiente para os habitantes tem... · há 2 horas



Domingos Sonto Dominguez Pondja Pagamos impostos para ele ir a marracuene de 4 helicopteros. E eu fico na paragem tres horas e meia a espera do chapa. Gosto · 1 · há 32 minutos



Helio Emilio Emilio Porkaria do gajo. 4 helicopters de mavalane a marracuene? 4 x 30000usd = 120000 e em mt? Gosto · Responder · há 43 minutos



Pedro Gabriel Mandlate S depender do povo isto vai acabar embora a freli nao precisa do meu nem do seu voto pra ganhar as eleicoes. · há 53 minutos



Aderito Conceicao Guebuza e como uma crianca rebelde kquanto mais xamas atencao o puto vai fkando mais rebelde aind fooogo. Knto mais reclamamos dos seus gastos excessivos nexas "presidencias fexadas" ele nem ta ai, so falta sair da p.vermelha a p.da independencia d helicoptero. Isto e Guebuzalandia. kkkkk · há 58 minutos



João José Cossa O combustivel gasto nao comprava uma tonelada de arroz para os necessitados? · há cerca de uma hora



Rondão Cuacua Não aceitamos, este País é pobre, que popamos os nossos resoço. Não gastarmos assim, muitos de nós nêem saiba onde levar o pão de cada dia pra sua familia, não destruir economicamente o nosso País. pesam do futuro para nossas e nossos Nêtos e Nêtas · há cerca de uma hora



Herminio Ernesto Manoca Senhor ja reclamamos muito e continuamos a reclamar e ninguem nos liga, eu quero ser direto senhores vamos votar no mdm, caso nao faça nada de melhor vamos mudar para o outro partido isto deve rodar meus senhores para ninguem sentir se dono disso · há cerca de uma hora

Editorial

averdademz@gmail.com

Obras que testemunham uma década de mandato

Ao abrímos as páginas do Notícias – o jornal oficioso – deparamos com uma realidade aterradora: o órgão de informação mais antigo do país anunciou que irá publicar uma série de reportagens alusivas ao final dos dez anos de governação de Armando Emilio Guebuza. Curiosamente, a ideia do jornal que conheceu mudanças ao nível de direcção e que por coincidência abre, desde então, com as actividades do Presidente da República, irá abordar “grandes projectos que despontaram ao longo de dois mandatos (...) e que contribuíram para a melhoria da vida dos moçambicanos”. A pergunta que não quer calar e que, como dizia Azagaia, explode na garganta é a seguinte: e os pontos negativos da governação?

Como, por razões óbvias, o Notícias não falará das páginas negras da governação de Guebuza, @Verdade ocupar-se-á dessa missão. O primeiro aspecto nefasto da liderança actual do país é, como o próprio Notícias faz questão de nos demonstrar, a glorificação excessiva do Presidente da República. A reversão de Cahora Bassa e a ponte que leva o seu nome, no maior rio do país, são de facto grandes conquistas. Mas importa reafirmar que a reversão da barragem não significa mais energia e nem sequer mais alimento para a população que vive ao seu redor.

Os sete milhões que também são apontados como um grande marco impulsionaram a vida dos membros da Frelimo. Ou seja, o pré-requisito para aceder aos fundos de desenvolvimento local é ser membro da Frelimo. A nacionalidade, neste aspecto, é um mero artifício acessório. Isso deve ser vincado no mandato de Guebuza. Em dez anos tornou-se mais importante habitar no país Frelimo do que na pátria que dá pelo nome de Moçambique.

O nível de genuflexão e endeusamento da figura do Presidente da República representam uma grande mancha na sua governação. Há, portanto, mais papagaios do que nunca e a imprensa que vive dos nossos impostos está na dianteira deste processo asqueroso e repugnante que visa lambar despudoradamente as partes íntimas da governação.

As ditas Presidências Abertas e Inclusivas significaram sempre, é bom que se diga, a expressão máxima da teatralização da nossa auto-estima. Os distritos lavam o rosto para receber um Presidente que grita do palanque improvisado que o país está a progredir enquanto debaixo do verniz da mentira o povo mingua.

Guebuza há-de ser sempre o Presidente das convulsões sociais. Será lembrado ao final de dez anos como o mais alto magistrado da Nação que viu a sua filha virar milionário do dia para a noite. Isso ninguém irá esquecer. E na folha de deméritos da governação de Guebuza ainda temos de colocar em letras garrafais o aborto que foi a Revolução Verde.

O golpe teatral da cesta básica e a mentira do arroz de terceira qualidade. Um termo inventado no Ministério da Indústria e Comércio. Os especialistas do ramo de produção deste cereal nunca ouviram falar sobre tal classe de arroz. Guebuza também é o Presidente da caos no sector da Saúde e do saque flagrante de madeira nas nossas florestas.

Não adianta polir o Presidente e endeusar a sua figura. A verdade é como o azeite e sempre virá ao de cima. Guebuza será julgado também pelos seus erros. Nisso a história é infalível.



Boqueirão da Verdade

“Se o próprio Tribunal de Contas Públicas é dirigido por marginais da pior espécie, bem que Verónica Macamo pode roubar dinheiro do parlamento para comprar máquina de ginástica e cuidar da sua elegância com o nosso suor. Frelimo, Frente de Ladrões de Moçambique!”, **Matias de Jesus Júnior**

“Definitivamente, alguma coisa de muito grave se está a passar com a juventude atrelada ao partido no poder, a Frelimo e que controla o CNJ. Se formos pela via dos vícios da juventude do nosso século, diríamos, sem receio de processos de calúnia, que a direcção do CNJ anda a consumir muito álcool intercalado com outras substâncias entorpecentes. Se formos por vias da psicanálise, o aconselhável é diagnosticar a este mesmo CNJ, a alucinação mórbida!”, **Idem**

“É muito estranho que jovens potenciais líderes do amanhã prefiram organizar processos como eleições e debates que se querem participativos em campos agrícolas como se de uma organização de produtores de tabacos se tratasse”, **Ibidem**

“Há uma compreensão da nossa parte de que pela qualidade e quantidade dos recursos que Moçambique tem, estes incentivos sejam redundantes. A quantidade destes incentivos e o seu nível de generosidade é excessivo. O Governo não precisa de conceder isenções milionárias às multinacionais”, **CIP**

“Só para ter uma ideia, até os médicos que estavam de férias, na altura da greve, têm processos alegadamente por terem faltado ao trabalho; isto mostra que estes processos não são porque existe um problema. Servem para pôr medo e chantagear as pessoas”, **Alice Mabota**

“A Renamo podia ter ganho mais de metade dos municípios, só não aconteceu devido a esta questão que eles estão a colocar de se usar a maioria para facilitar a fraude. O que queremos é concorrer às eleições sem depender da Frelimo, porque se a Frelimo é a maioria, teremos o que ela quer que tenhamos”, **Fernando Mazanga**

“Numa altura em que os níveis de popularidade de Armando Guebuza estão a atingir recordes olímpicos, por não conseguirmos cumprir com as suas promessas, são cada vez mais visíveis os esforços do próprio Governo para dar a entender o contrário. A propaganda e o culto de personalidade à figura de Armando Guebuza começam no próprio partido e desaguam na Imprensa pública com rubricas de alegadas realizações”, **Canal de Moçambique**

“Depois de várias reuniões para encontrar estratégias de propaganda em volta da figura de Armando Guebuza, eis que a Frelimo decidiu ampliar tal propaganda. O Ministério da Cultura foi obrigado a usar o Festival da Cultura a realizar-se em A de 2014 na cidade de Inhambane para homenagear a figura de Armando Guebuza, alegadamente devido “ao contributo que tem dado para o desenvolvimento

da cultura e da auto-estima”, **Idem**

“Assim, a máquina funcionava porque o Presidente Chissano, apesar de muitas solicitações no exterior, tinha descentralizado muita coisa, tinha confiança nos seus colaboradores e respeito pelas instituições. Procurava não interferir no funcionamento das instituições. Deixava as instituições funcionar e acho que fez crescer o Estado e influenciou também, muito o seu desempenho”, **Luísa Diogo**

“Quem tem medo de eleições justas livres e transparentes? Não se escudem numa Constituição da República de Moçambique que jamais respeitaram ou cumpriram. Dizer de boca cheia que o Acordo Geral de Paz foi incorporado na CRM é irrelevante na medida em que tal acordo não foi implementado na íntegra. Todo o mundo sabe disso inclusive os deputados da Frelimo na Assembleia da República”, **Noé Nhantumbo**

“A opção militar seria um retrocesso histórico terrível e demasiado caro no sentido de vítimas humanas e para toda uma economia em relançamento. (...) Quem quer a paz não se prepara para a guerra e nem se esconde sob alegações constitucionais. Sufocar a sociedade com mensagens de uma pureza e rectidão jamais comprovadas não vai trazer a desejada paz. Sem perdão mútuo e reconciliação não se pode construir confiança e isso é visível entre os políticos moçambicanos”, **Idem**

“Algumas pessoas perguntam como é que a FIR está a proteger Dhlakama e até há quem pense que quando o camarada Edson Macuácuia afirmou isto era uma piada. Não, compatriotas! Há interesses estrangeiros que podem motivar os mercenários daqueles países (não os vou mencionar) a assassinar Dhlakama para, de seguida, culparem as FADM ou a FIR pelo sucedido. Está no interesse do Governo moçambicano proteger Dhlakama de modo a não ser assassinato pela mão alheia!”, **Eusébio Gwembe**

“A forma como o MDM indicou os seus candidatos, alguns dos quais com problemas na justiça, parece-me mais um teatro para justificar a vitimização futura. Não venham dizer que há perseguição política quando uns forem desqualificados! A história da humanidade testemunha factos nos quais quando alguém é nomeado para cargo público procuram-se os seus «podres»”, **Idem**

“Tudo isto prova que a Renamo não quer agora participar porque já se apercebeu que mais do que nunca, não tem mesmo o apoio da maioria dos moçambicanos. Na verdade, na verdade, como dizia sempre Jesus Cristo, só esta sua opção de boicotar, é de per si, uma clara auto-revelação de que a própria Renamo tem consciência de que se concorresse iria perder em grande. Os dirigentes da Renamo, como os seus doutos que movidos pelos seus próprios interesses pessoais, têm gravitado à sua volta, sabem todos que não teriam sequer o voto das suas próprias esposas ou dos seus próprios esposos, parafraseando agora o líder zimbabweano, Robert Mugabe”, **Gustavo Mavie**

OBITUÁRIO:

Julie Harris
1925 – 2013
87 anos



A actriz norte-americana Julie Harris faleceu no último sábado, 24 de Agosto, aos 87 anos de idade, vítima de insuficiência cardíaca, depois de ter já sofrido dois derrames cerebrais, em 2001 e 2011.

Não foram muitos os filmes em que Julie Harris participou, mas um deles marcou indelevelmente a sua carreira e a história de Hollywood – A Leste do Paraíso (1955), o filme que lançou para o estrelato James Dean. Julie Harris, então com 30 anos de idade, era uma sensação nos palcos nova-iorquinos e a sua longa carreira faria dela a “primeira dama” de uma era de ouro do teatro americano.

A Leste do Paraíso foi apenas um dentre os relativamente poucos filmes em que a actriz participou, raramente em papéis principais. Mas, ao contrário do que acontece a muitos, Julie Harris soube escolher os papéis e, ao fazê-lo, contracenou com alguns dos maiores ícones de Hollywood.

Foi, contudo, o teatro que fez o nome desta filha de um banqueiro de Detroit e de uma socialite. A representação tornou-se a sua revolta contra os desejos de uma mãe que sonhava com as colunas sociais, e conseguiu os seus primeiros papéis na Broadway quando ainda estava a estudar na Faculdade de Drama de Yale. The Member of the Wedding, adaptação do romance de Carson McCullers Frankie e o Casamento, onde interpretava uma menina de 12 anos, foi a peça que a revelou, em 1950.

Dois anos depois, em 1952, venceu o primeiro dos seus seis Tonys, os Óscares do teatro americano, pela sua criação de Sally Bowles na peça I Am a Camera, baseada nas histórias de Berlim de Christopher Isherwood (papel que recriaria na versão cinematográfica em 1955). Nomeada por dez vezes para o galardão de Melhor Actriz, a última das quais em 1997, foi a primeira actriz a ganhar o prémio em cinco ocasiões (até hoje, só Angela Lansbury e Audra McDonald igualaram o feito); o “desempate” deveu-se a um sexto Tony honorário, pelo conjunto da sua carreira, atribuído em 2002.

O seu maior sucesso foi a comédia 40 Carats, que esteve em cena quase dois anos em finais dos anos 1960.

Para além do teatro e do cinema, Julie Harris esteve igualmente activa na televisão, onde participou em inúmeras peças filmadas e telefilmes, e como actriz convidada em séries como Columbo, Daniel Boone ou Quem Sai aos Seus. No início da década de 1980, fez durante oito anos parte do elenco da série Knots Landing, uma “extensão” californiana da saga Dallas, e ao longo dos últimos anos gravou inúmeras vezes off para séries documentais.



Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

Tribunal Administrativo

Definitivamente, os Xiconhocas tomaram conta de tudo. Os nossos leitores andam boquiabertos. Vamos, por uma questão de decoro, elencar as manifestações menos apaixonadas destes no que diz respeito à indignação. “Covil de ladrões”, “antro de corrupção”, “um país não se constrói com corruptos desta estirpe”, eis alguns dos mimos dedicados aos Xiconhocas desta semana. Há, contudo, quem foi mais longe e referiu que um país no qual os guardiões da justiça se comportam como os irmãos metralha devia deixar de merecer a designação de Estado de direito. Nós concordámos plenamente....

Federação Moçambicana de Basquetebol

O nosso fracasso é a soma exacta da totalidade do nosso trabalho. A actuação vergonhosa da selecção nacional de basquetebol no último africano da modalidade resulta da manifesta e gigantesca incompetência da FMB. O espírito de sacrifício dos nossos atletas, desta vez, não foi suficiente para maquilhar a incompetência do edifício que zela pela modalidade. Aos jogadores, como disse um leitor, devemos todos prestigiar, mas não podemos, de forma alguma, pactuar com a aselhive dos dirigentes federativos. Os atletas deram tudo o que tinham a dar, mas o défice físico acabou por falar mais alto. Por causa da FMB, perdemos uma excelente oportunidade de fazer melhor figura.

Produtos fora do prazo

Há Xiconhocas a vender produtos fora do prazo, mas ninguém faz absolutamente nada. Na verdade, a grande novidade, essa sim, é que as autoridades governamentais não sabem ou fingem não saber que esta situação é ilegal. Portanto, o consumidor acaba por ter como tarefa fundamental ensinar o Ministério da Indústria e Comércio como fiscalizar a actividade do ramo.

Veja-se o exemplo das muitas vezes que compramos pão integral ou outro pão num supermercado e, depois, descobrimos que está, literalmente, podre. Como não aceitam devoluções, ficamos a perder, tanto tem sido assim que têm o descaramento de dizer que “nós não fazemos pão, comprámos assim”. Portanto, vai, mais uma vez, a teoria de não culpado. E quantas vezes não aparecem peitos de galinha, fígados, fiambres de galinhas, queijos e outras coisas putrefactas que, não podendo avaliar no local, o consumidor descobre em casa e perde nisso fortunas. Há maningue Xiconhocas neste país...

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2A8BBEFA) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Lavar o rosto para receber Guebuza

A Presidência Aberta e Inclusiva é um simulacro. E nem poderia ser outra coisa porque ela não se presta ao valor. Quando se fala da Presidência Aberta e Inclusiva cada um pensa que se trata de algum evento onde os locais visitados mostram as suas frustrações, desafios e anseios. E, como estamos numa época de teatralização e ampliação de coisas minúsculas, a Presidência Aberta e Inclusiva transmite sempre a ideia de que no país está tudo lindo e maravilhoso. Isso não é verdade.

Comecemos então pelo básico. Os distritos, vilas e municípios lavam o rosto para receber o Presidente da República. É como se os residentes desses locais acordassem no paraíso por um golpe de mágica. Limpa-se tudo e mais alguma coisa. Isso tudo para transmitir ao Presidente da República que ali há trabalho. E muito trabalho. Aqui, os responsáveis alteram a face do espaço geográfico a seu bel-prazer, que nada lhes acontece, isto é, o cidadão não tem instrumento de espécie alguma para desmascarar a sacanice. Os líderes locais são a exacta escória da sociedade. O mais que fazem é vender uma falsa imagem de um Moçambique próspero. Portanto, nas Presidências Abertas e Inclusivas, o fenómeno que se vive é de uma encenação clara e desenfreada, em que o verniz da mentira ocorre à

luz do dia. Assim vai o mundo das Xiconhoquices...

Detenção de uma activista

Definitivamente deixámos, faz tempo, de ser um Estado de direito democrático. A Polícia da República de Moçambique, mais uma vez, mostrou que ela pode e manda neste país. Alda Salomão, directora geral do Centro Terra Viva (CTV) foi conduzida e interrogada na esquadra da Polícia da vila-sede do distrito de Palma. O mais curioso, no que concerne à Xiconhoquice da coisa, é que as actividades que levaram Salomão a um interrogatório resultam de um memorando de entendimento entre as comunidades daquela circunscrição geográfica com o CTV. Sem, contudo, contar que as mesmas eram do conhecimento do administrador distrital.

As actividades restringiam-se à divulgação da legislação ambiental e de terras junto daquela Comunidade, abrangida pelo projecto de exploração de gás natural da ANADARKO e ENI, tendo como objectivo dar a conhecer os direitos e deveres da população em relação à terra e outros recursos naturais.

O entendimento que resulta da acção da Polícia não deixa margem para dúvidas. É evidente que os agentes da Polícia, a mando do secretário permanente do distrito de Palma, tinham o objectivo

claro e inequívoco de deixar as populações na mais profunda ignorância em relação aos seus direitos. O que, de alguma forma, foi conseguido. Infelizmente.

Os preços exorbitantes

Ninguém é obrigado a gastar o seu dinheiro num evento cultural, mas há preços que nos deviam fazer reflectir profundamente. Num país onde a maior parte da população vive com menos de um dólar por dia não se pode brincar com dinheiro dessa forma. Um espectáculo não pode, de forma alguma, custar quatro mil meticais aos bolsos do cidadão. Alguém tem de proteger o consumidor desta roubalheira. O pior mesmo é que o consumidor não tem como defender os seus direitos. Paradoxalmente, é que tanto os fiscais como as autoridades da área são pagas pelo consumidor.

Não queremos, no entanto, questionar o valor dos músicos ou da arte. Há, de facto, valor, mas o preço poderia ser mais consentâneo com a realidade do país. Aliás, num recinto aberto podiam baixar o preço e, ainda assim, ganharem mais dinheiro. O grave, no meio desta Xiconhoquice, é que as despesas de um evento desta natureza não são pagas pelo preço de entrada, mas pelos patrocinadores. E talvez por isso não seja justo impedir o povo de adorar os seus ídolos.

Crime gera temor na KaTembe

A morte de José Cunha, um cidadão pacato de origem portuguesa que criava aves e porcos no bairro Chali, a invasão da residência de Salomão Chongo, um pastor da Igreja Metodista Wesleyana de KaTembe, cujos pertences foram queimados no seu próprio quintal, dentre outros crimes ocasionalmente reportados a partir de diferentes pontos do Distrito Municipal de KaTembe, na cidade de Maputo, agudizaram o sentimento de insegurança.

Texto: Redacção/Continho Macanandze • Foto: Miguel Manguenze

Naquele ponto da capital moçambicana, o senso comum é de que os residentes vivem num ambiente caracterizado pela desesperança, pelo mal-estar, pela incerteza e pelo receio do desconhecido. A onda de criminalidade já é considerada um problema do dia-a-dia nos bairros de KaTembe, sobretudo em Incassane e Chali. A explicação de alguns habitantes interpelados pelo @Verdade é a de que tal facto se deve ao desenvolvimento que o distrito regista.

Na madrugada do dia 17 de Agosto, no bairro de Incassane, um bando de supostos assaltantes, composto por mais de uma dezena de indivíduos, invadiu o domicílio do pastor Salomão Chongo, do qual foram saqueadas malas de roupa a que atearam fogo no seu quintal.

Segundo a vítima, os meliantes puseram-se em fuga e encontram-se em parte incerta. Na altura em que o crime se deu, Chongo não se encontrava em casa. A sua família estava no domicílio mas ninguém sabe explicar como é que os malfeitores se introduziram na residência, pois nenhuma pessoa se apercebeu de algum movimento estranho.

Por volta das 05h:00 do mesmo dia, a família apercebeu-se de que havia estragos na casa, a porta aberta e as chaves do lado de fora. Fez-se o inventário dos danos causados e instantes depois notou-se que alguns pertences estavam a ser reduzidos a cinza.

A Polícia da 19ª esquadra no Distrito Municipal de KaTembe, que negou prestar-nos esclarecimentos em torno do caso, seguiu as pegadas dos bandidos até uma certa residência, porém, ninguém foi detido alegadamente porque isso não provava nada, contou-nos Chongo. Entretanto, as suas palavras contrastam com as da corporação. Esta refere que, graças ao auxílio dos fuzileiros, 17 indivíduos foram detidos na 11ª e 12ª esquadras e, posteriormente, transferidos para as prisões.

A calma está a desaparecer

A criminalidade está a ganhar contornos alarmantes e parece estar fora do controlo da Polícia, considerou o pastor, para quem o mais preocupante é que há casos de roubo e mortes que são reportados às autoridades, mas estas nada fazem para esclarecê-los.

Aliás, Chongo especula afirmando que algumas pessoas de má-fé estejam a usar água com a qual se dá banho aos defuntos para adormecer profundamente os proprietários das residências assaltadas. Paulatinamente, a tranquilidade que caracterizava KaTembe vai desapare-



cendo porque os meliantes encontraram refúgio nesta zona quando cometem desmandos noutros pontos da cidade de Maputo.

Incassane está a tornar-se um bairro inseguro

David Bambo, residente no bairro de Incassane, disse-nos que naquela área os assaltos eram raros, mas nos dias que correm tendem a aumentar. Há mais roubos nos domicílios que agressões na via pública. A falta de patrulha permanente por parte da Polícia, no período nocturno, pode ser a principal razão desse recrudescimento. A corporação anda indiferente. “Quando pedimos ajuda para estancar as acções dos meliantes, a desculpa é a de que não existem meios para o efeito”.

Criador de aves e porcos assassinado

No dia 22 de Agosto, também de madrugada, José Cunha, de origem portuguesa, de 60 anos de idade, foi assassinado na sua casa no bairro Chali, por uma gangue que invadiu o seu edifício presumivelmente com o intuito de se apoderar de uma parte das suas aves e suínos. A má notícia propagou-se como um rastilho e causou indignação nos destinatários, sobretudo nos que conheciam o falecido.

Segundo testemunhas, o presumível assassino de Cunha já esteve, no passado, detido devido ao roubo de aves na casa do morto. Aliás, cometeu outro crime, foi enclausurado e restituído à liberdade, havia 72h:00 quando novamente atacou a casa da vítima a que nos referimos.

O português era vizinho de César Hlhali. Este reconstitui o delito à nossa Reportagem e narrou que quatro indivíduos se introduziram no quintal de Cunha; uma vizinha apercebeu-se de uma movimentação estranha e correu a alertá-lo. César pegou numa catana e dirigiu-se à casa do morto para averiguar o que estava a acontecer. Infelizmente, Cunha estava estatelado e apagado.

De repente, o nosso interlocutor notou a presença de um grupo transportando animais, presumivelmente aves, num saco, tendo abordado a gangue que, como resposta, o agrediu. Nesse instante, César feriu a cabeça de um dos assaltantes com a sua catana. O instrumento com que ele se defendia caiu e ficou em poder do malfeitor. O “socorrista” pôs-se em fuga gritando por socorro, devido ao risco de vida que corria. Os vizinhos interromperam o sono, abandonaram

os seus domicílios para o acudir e o suposto criminoso caiu nas mãos da população, tendo algumas pessoas o identificado como um ex-membro das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), expulso por cometimento de roubos.

A detenção do malfeitor aconteceu graças à boa-fé de um cidadão que disponibilizou a sua viatura para o efeito depois de se ter procedido à perseguição do malfeitor, que só não foi linchado graças à intervenção da Polícia que agiu logo que tomou conhecimento da ocorrência.

Outros assaltos a residências

De acordo com outros interlocutores, que não quiseram dar a cara por temerem represálias, no bairro Chali, várias casas foram assaltadas só neste mês de Agosto. E há indivíduos de conduta duvidosa que à noite vagueiam na via pública. César confirmou isso e indicou que já houve registo de agressões físicas com recurso a objectos contundentes sendo que os malfeitores andam em bandos numerosos. Apesar da patrulha da Polícia na zona, o crime está a recrudesce. Uma das razões desse problema é o aumento de locais de lazer, de empreendimentos turísticos e a existência de gente que movimenta muito dinheiro.

Condenado a 23 anos

Um criminoso condenado a uma pena de 23 anos de prisão está em parte incerta, desde 26 de Agosto, quando ele e outros três indivíduos, todos da mesma família, se apoderaram de uma arma do tipo AKM de um agente da Polícia que os escoltava, depois do julgamento no Tribunal Judicial da Província de Maputo.

Os assassinos foram condenados a 23 anos de cadeia cada por se ter constatado que mataram um curandeiro no distrito da Moamba, na província de Maputo.

Na altura em que um elemento da Polícia os escoltava para as celas transitórias daquele tribunal, eles aproveitaram-se da sua distracção para tentar fugir. Um dos quatro reclusos arrancou a arma do elemento da Lei e Ordem e não houve disparos porque o instrumento bélico encastrou. Foi nessa altura que alguns funcionários daquela instância jurídica entrevistaram e detiveram três dos criminosos.

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Desnutrição crónica flagela crianças e mulheres grávidas no país

“Para reduzir a desnutrição crónica, o Governo precisa de adoptar medidas que vão além da erradicação da pobreza absoluta”. Esta máxima, que parece ter sido retirada do discurso dos apóstolos da desgraça, pertence ao Plano de Acção Multisectorial para a Redução da Desnutrição Crónica em Moçambique, um documento elaborado pelo Executivo de Armando Emílio Guebuza...

Texto: Redacção/Coutinho Macanandze • Foto: Arquivo

Tomé José Sábado, de 54 anos de idade, mora na margem do rio Révuê, no distrito de Manica, e vive do que aquela divisão territorial administrativa lhe dá: quase nada. Num casebre que não lhe protege do sol e muito menos da água, o cidadão, os três filhos e a esposa vivem num espaço que é, na verdade, a negação da existência humana. A cabana é feita de paus e coberta de ramos de coqueiro. Não tem mais do que três metros quadrados. Sábado conta que sempre encontrou o seu sustento num rio, mas isso era no tempo em que o garimpo não dava cabo do ecossistema.

Na pequena casa onde vive miseravelmente não há mobílias. Sábado dorme sobre paus trançados, suportados por pedregulhos. Os três filhos passam a noite no chão da cabana. Quando chove fica empapado e ninguém dorme, e eles permanecem todos de pé até o dia clarear.

À entrada fica uma cozinha improvisada. O fogão é móvel. Na verdade, são três pedras que Joaquina, a mulher de Sábado – não sabe a sua idade – movimenta a seu bel-prazer. Ela tem duas panelas velhas, duas colheres de pau e dois pratos. Estes seis artigos de cozinha constituem toda a sua fortuna.

Na hora da refeição comem duas pessoas de cada vez porque o número dos membros do agregado é superior ao de pratos. Ela, como só um coração de mãe permite, é sempre a última. Às vezes nem come. De acordo com a estatística, os filhos menores de Sábado e Joaquina dão corpo aos 44 por cento de crianças que sofrem de desnutrição crónica em Moçambique. A família de Sábado desconhece as directrizes do Seminário Nacional sobre Desnutrição Crónica que prevê a sua redução num período entre dez e 20 anos.

Objectivos do Desenvolvimento do Milénio em xeque

Casos de famílias como a de Sábado ocorrem um pouco por todo o país. Em Chigubo, por exemplo, verifica-se a mesma situação. Marta, de 14 anos de idade, percorre 48 quilómetros diariamente para obter água num charco. Os efeitos da desnutrição impõe outros problemas que vão desde o casamento precoce ao abandono escolar. As famílias abdicam das mulheres para diminuir, desse modo, o número de bocas para alimentar.

Muitas raparigas são forçadas a abandonar os estudos por causa das distâncias que têm de percorrer à procura do precioso líquido.

Em Chigubo, o acesso à água é crítico, e as mulheres e as crianças investem muito tempo na sua recolha e no abeberamento dos animais.

Embora as crianças, flores que nunca murcham no discurso oficial, mereçam a oportunidade de ser felizes e de frequentar a escolar, no coração de Chigubo as fontes de água é que determinam o futuro dos petizes no que ao ensino diz respeito. A



seca e a impotência da administração local transformaram o distrito no pior dos pesadelos para quem quer estudar.

Na Escola Primária Completa de Chamaila, por exemplo, estudam actualmente 215 alunos, mas no início do ano lectivo o número chegava a quase o dobro de crianças. Na sede distrital, Dindiza, o cenário repete-se. Nesta altura do ano, as turmas têm metade dos alunos que iniciaram este exercício de instrução.

Os números indicam que metade da população moçambicana sofre de desnutrição crónica, um autêntico revês ao discurso que prega uma vitória sobre a pobreza nos últimos anos. Os Objectivos do Desenvolvimento do Milénio (ODM) preconizam a flexibilização de acções para reduzir para metade o número de novos casos. Uma meta que, definitivamente, deve ser colocada de parte.

Os dados actuais dão conta da existência de 74 por cento de crianças que padecem de anemia em todo o país. No que diz respeito às mães, fala-se em cerca 48 por cento de progenitoras com deficiência de vitamina A. Sessenta e oito por cento da população apresenta insuficiência de iodo, aliada ao problema de défice de micronutrientes que concorrem para o aumento de casos de desnutrição crónica.

Metade da população moçambicana sofre das consequências da desnutrição crónica. No entanto, os números indicam que 48 por cento de pessoas padeciam de desnutrição crónica em 2003, tendo reduzido para 44 por cento em 2008. A elevada incidência de pessoas com baixa estatura está acima de 40 por cento, pelo que urge a necessidade de adoptar medidas que vão além da erradicação da pobreza absoluta.

O Ministério da Saúde (MISAU), no seu estudo sobre a desnutrição crónica de 2013, revela que 40 por cento das mulheres contraem a gravidez precocemente, 37 por cento apresentam baixo aleitamento materno exclusivo e igual número não beneficia de uma alimentação complementar adequada, para além do baixo consumo do sal iodado que ronda os 25 por cento.

A baixa renda, o consumo alimentar inadequado em quantidade diária por quilocalorias, o desmame precoce, o analfabetismo da mãe, as infecções crónicas na criança e da mãe durante a gravidez e a insegurança alimentar são as principais causas do recrudescimento da desnutrição crónica no país.

Os problemas da desnutrição

Em 2008, as taxas de desnutrição crónica situavam-se nos 56 por cento na província de Cabo Delgado, 51 em Nampula, 48 em Tete e Manica, 46 na Zambézia, 45 em Niassa, 41 em Sofala, 35 em Inhambane, 34 em Gaza, e Maputo província e cidade com 28 e 25 por cento, respectivamente.

Além das mortes que afectam crianças com cinco anos de idade, o problema também contribuiu para a perda de produtividade de dois a três por cento do Produto Interno Bruto (PIB), o que corresponde a 300 a 500 milhões de dólares por ano.

O documento do MISAU sustenta ainda que a desnutrição crónica ou baixa estatura de-

sempre se entre a concepção e os dois anos de idade, e não pode ser recuperada depois desse período. Esta falha precoce de crescimento aumenta os índices de mortalidade na primeira infância e diminui a função cognitiva dos que sobrevivem, dificultando os esforços para o alcance dos ODM.

Entretanto, em 2004, foram estimados em 110 milhões de dólares anuais os custos da não correcção desse problema.

Luta-se para cumprir as metas da ODM

Com efeito, o sector da Saúde reconhece que somente com a melhoria da segurança alimentar e nutricional, dos cuidados da mulher e da criança, do acesso aos serviços de saúde, água potável e saneamento do meio e dos recursos humanos, se poderá reduzir de forma paulatina os elevados níveis de desnutrição que o país apresenta.

Mais do que definir planos é necessário também que se intensifique a promoção intensiva do aleitamento materno e se reforce as acções nutricionais nos cuidados de saúde primária, defende a investigação a que nos referimos.

É preciso ainda adquirir-se mais suplementos nutricionais e de micronutrientes para a expansão do tratamento das mulheres grávidas e lactantes em risco nutricional para as três províncias do norte nomeadamente, Cabo Delgado, Niassa e Nampula, que apresentam os maiores índices de desnutrição.

Graças ao plano de acção multisectorial para a redução da desnutrição crónica em Moçambique foi possível incrementar a cobertura do Planeamento Familiar de 11 por cento, em 2009, para 23 por cento, em 2011.

Consta ainda do plano 2011-2015 em alusão que existem no país cerca de 44 por cento de crianças que sofrem dessa anomalia, e que uma em cada duas crianças menores de cinco anos não consegue atingir o seu potencial de crescimento físico, mental e cognitivo.

O MISAU aponta que a introdução do plano trouxe melhorias no combate e prevenção da desnutrição crónica, o qual, acredita-se, pode reduzir até 20 por cento os índices da prevalência nos próximos 20 anos.

Entretanto, para o cumprimento desse desiderato, urge a necessidade de desenvolver planos operacionais sectoriais e a alocação de recursos que permitam acelerar os progressos já alcançados no combate e prevenção da desnutrição crónica.

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.

Violação sexual: mulheres violadas desconhecem os seus direitos

As vítimas de violação sexual são também vítimas de mau atendimento nos hospitais. Às vezes, os profissionais de saúde desconhecem o tratamento obrigatório que deve ser prestado, a Profilaxia Pós-Exposição Sexual (PPE). Omitir este tratamento pode resultar em infecção por VIH e outras doenças de transmissão sexual, ou numa gravidez indesejada, produto da violação.

Texto & Foto: Nélcia Tovela/WLSA Moçambique

Com seis anos, Rosinha* foi sexualmente violada pelo dono da casa onde a mãe arrendava uma dependência, no bairro das Mahotas. Foi atendida primeiro no Centro de Saúde da Polana e depois no Hospital Geral de Mavalane. Além de ter aguardado, em sangramento, das 09 às 19h:00, no banco de espera do hospital, não foi encaminhada para o Serviço de Urgência de Ginecologia, e não lhe foi dada a Profilaxia. Como consequência, contraiu o VIH.

Rosinha fez o teste de VIH no dia 25 de Janeiro e deu negativo. Já o teste feito a 26 de Fevereiro era positivo. A criança está condenada a uma vida de tratamento anti-retroviral por negligência dos profissionais de saúde do hospital.

Tratamento obrigatório e gratuito

De acordo com o Protocolo Médico de Assistência às Vítimas de Violação Sexual do Ministério da Saúde (MISAU), a pessoa violada deve ter um atendimento imediato e obrigatório logo ao chegar ao hospital. Deve receber a Profilaxia Pós-Exposição Sexual, isto é, o conjunto de medicamentos para reduzir o risco de infecção pelo VIH e outras Infecções de Transmissão Sexual (ITS) e para evitar uma gravidez indesejada.

A PPE consiste em:

- Medicamentos anti-retrovirais tomados durante 28 dias para evitar contrair o VIH
- Medicamentos antibióticos para evitar AS ITS como a sífilis e a gonorreia
- Contraceptivo de emergência para evitar a gravidez

Quanto mais cedo após a violação se administrar a profilaxia contra o VIH, maior é a sua eficácia. A eficácia inicial – 80 por cento de hipóteses de não contrair o VIH do violador – diminui conforme passam as horas. Passadas 72 horas, ou seja, três dias, o efeito é nulo. Este tratamento não se administra a pessoas seropositivas dado que elas já são portadoras do vírus.

Para evitar a gravidez indesejada, o prazo de eficácia do contraceptivo de emergência vai até cinco dias após a violação.

Todas as unidades sanitárias deveriam seguir o protocolo, mas a distribuição das que oferecem esse serviço é variável.

As unidades sanitárias devem estar preparadas para receber as vítimas de violação sexual, principalmente as que precisam de uma emergência médica, no caso de sangramento.

O QUE FAZER SE FOR VIOLADA

As normas do Ministério da Saúde recomendam que, em caso de violação sexual, todas as mulheres e adolescentes com mais de 11 anos devem fazer a profilaxia da gravidez (contracepção de emergência).

Todos os que forem sexualmente violentados, homens ou mulheres de todas as idades, devem fazer a profilaxia contra outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (ITS) e a Profilaxia Pós-Exposição ao VIH se forem seronegativos. Se os técnicos de saúde que atendem não oferecerem ou não fizerem a profilaxia, deve-se recorrer à direcção do hospital. Se não for possível falar com a direcção da unidade sanitária, pode-se contactar a Inspecção Geral de Saúde, através da Linha Verde.

Inspecção Geral de Saúde (Linha Verde)

Contactos por província	Zambézia – 84 158 Nampula – 84 159 Niassa – 84 160 Cabo Delgado – 84 161
Maputo Cidade – 84 151 Maputo Província – 84 152 Gaza – 84 153 Inhambane – 84 154 Sofala – 84 155 Manica – 84 156 Tete – 84 157	Em caso de dificuldade, a Inspecção Geral do MISAU pode ser contactada através do número de telefone fixo 21 305 210.



Mas os hospitais não estão bem organizados para facilitar o acesso aos serviços. “Falta informação dos profissionais de saúde e falta organização no próprio serviço de urgência”, segundo explica a médica e coordenadora para a área de género da Johns Hopkins University (JHPIEGO), Ana Baptista. “Nem todos os profissionais conhecem a Profilaxia”, disse Baptista. “Trata-se de um tema relativamente novo no curriculum.”

Entre o discurso e a prática

Joana*, residente em Boane, de 46 anos, foi violada por dois indivíduos na noite do sábado 7 de Abril deste ano.

Na madrugada do domingo chegou ao hospital de Boane, mas o enfermeiro disse-lhe que não sabia administrar a Profilaxia. Apenas lhe lavou os genitais lacerados com Savlon. Mandou-a voltar no dia seguinte.

De manhã cedo, Joana sofreu mau atendimento no hospital – esperou sentada no chão durante horas porque o enfermeiro se esqueceu dela. Só teve a Profilaxia-Pós Exposição ao fim da manhã, graças à ajuda de um médico que foi informado do caso através das amigas da Joana.

Outro problema é a falta de informação sobre este tratamento gratuito e obrigatório nos hospitais. Poucas mulheres sabem que podem evitar algumas consequências da violação se actuarem com rapidez, se forem ao hospital e exigirem o que é seu direito.

No Hospital Central de Maputo, sete de cada dez vítimas de violação chegam passados três dias, já tarde para prevenir o VIH mediante a Profilaxia. (Ver dados na caixa)

Trauma e recuperação

O apoio psicológico é fundamental para superar os traumas que podem levar a trastornos de socialização e fraco desempenho académico, explica a psicóloga Saida Kham, do Hospital Geral José Macamo em Maputo.



DICAS IMPORTANTES NO PPE

A importância de seguir a medicação contra o VIH em caso de Profilaxia Pós-Exposição (PPE)

Algumas pessoas podem sentir efeitos colaterais durante o uso da PPE, como dores no estômago, náuseas, vômitos, sensação de fraqueza e cansaço. No entanto, estes efeitos variam de pessoa para pessoa. Para melhor os suportar, é importante ter uma alimentação adequada.

Para ter sucesso na prevenção da infecção pelo VIH, é fundamental completar o tratamento durante o tempo indicado, que é de 28 dias.

Pense que está em causa a sua saúde e a qualidade de vida futura.

A importância de fazer a contracepção de emergência

A contracepção de emergência é um método com sucesso comprovado e que previne que as vítimas de violação não engravidem do seu agressor.

Em algumas pessoas há efeitos colaterais de curta duração e que passam sozinhos. O seu sucesso depende também de não deixar de tomar os medicamentos durante o período indicado.

“O número de casos está a aumentar”, explica, “mas não está claro se mais pessoas procuram apoio ou se há mais crimes”. Por dia, Kham atende três ou quatro casos de violações, a maior parte crianças. “Chegam com depressões graves”, disse.

A Profilaxia Pós-Exposição Sexual é um direito básico de todas as vítimas de violação. Mas os serviços são insuficientes, e o atendimento irregular. Embora o Protocolo seja um grande avanço, o sistema de saúde está a falhar quanto às mulheres violadas.

**Para proteger a privacidade, os nomes são fictícios*

Dados assustadores

Estes números mostram “o tremendo peso da violência sexual, em particular para raparigas menores de 14 anos,” observa o estudo da JHPIEGO.

• O Hospital Central de Maputo (HCM) registou 2406 casos de violação sexual entre Junho de 2005 e Outubro de 2011. Destes, quatro eram rapazes entre 2 e 12 anos de idade.

• O mais grave é que apenas três de cada dez vítimas chegaram dentro das 72 horas necessárias para administrar a Profilaxia contra o VIH.

• Mais de metade das vítimas eram raparigas menores de 14 anos.

• Duas de cada 10 vítimas tinham entre 15 e 19 anos

• Metade das vítimas eram estudantes

• Em 12 por cento dos casos, o violador era um familiar

Fonte: MISAU/JHPIEGO

Procure apoio psicológico

Para além do acompanhamento psicológico prestado pelos serviços de saúde, na cidade de Maputo pode-se procurar este tipo de apoio noutras instituições:

• **MULEIDE (Associação Mulher, Lei e Desenvolvimento)**
Para além do apoio jurídico às vítimas, presta também atendimento psicológico gratuito, dirigido por um psicólogo. Trabalha em cooperação com o Gabinete de Atendimento Psicológico (GAP) da Universidade Politécnica.

Endereço da MULEIDE
Av. Paulo Samuel Kankhomba, 2150
Telefone: 21 325 580 – Celular: 82 578 6135

• **Gabinete de Atendimento Psicológico (GAP), Unidade de Extensão e Cooperação Universitária da Universidade Politécnica**
As mulheres, jovens e crianças que necessitarem de apoio psicológico podem também ir directamente ao GAP. O atendimento psicológico faz parte da actividade de extensão da Universidade, que deste modo presta um serviço à comunidade.

Endereço do GAP, Universidade Politécnica:
Av. Paulo Samuel Kankhomba, 1011, no rés-do-chão da Escola Superior de Gestão, Ciências e Tecnologias.
Celulares: 82 408 0637/ 84 309 6595

Pai abandona família por rejeitar um filho deficiente

Mamudo Assane é um pai xiconhoca. Ele abandonou a família e está em parte incerta, supostamente porque não aceita conviver com o seu descendente deficiente, Abdala Mamudo Assane, de 17 anos de idade, que nasceu com problemas de audição, fala e, em 2010, o seu estado de saúde degenerou em paralisia que afectou os seus membros superiores e inferiores.

Texto & Foto: Redação/Nelson Miguel



A família de Assane reside no quarteirão cinco, na unidade comunal oito de Março, na cidade de Nampula. A vida de Abdala é um drama desde que nasceu e ser rejeitado por um pai é uma das piores coisas que podem acontecer a um ser humano nas condições em que ele se encontra.

Não se sabe ao certo que problemas causaram a ausência da faculdade de ouvir e a perda de movimentos no adolescente. Entretanto, a sua mãe assumiu ao @Verdade que durante a gestação consumia fármacos sem nenhuma prescrição médica.

Meses após o seu nascimento, Abdala mostrou-se um menino pouco saudável. A progenitora, Ancha Assane, recorreu aos serviços do Hospital Central de Nampula mas não obteve sucesso. “Recordo-me de que o meu filho não ficava um mês sem adoecer”.

Nesse momento, segundo a nossa entrevistada, Mamudo Assane esteve presente e acompanhava o filho a fim de ser observado pelos médicos, os quais disseram que tarde ou cedo, Abdala teria, dentre outros problemas, os da fala e da audição. Foi a partir dessa altura que Mamudo começou a demonstrar aversão em relação ao próprio filho e à cónjuge.

“Desde aquela data, o meu esposo passou a não dormir em casa, noutros dias chegava tarde e embriagado. Um dia abandonou definitivamente o lar e, quando lhe perguntámos sobre a atitude que tomou, confessou que o menor lhe incomodava por ser deficiente”, narrou Ancha que nos revelou que esse xiconhoca disse que não iria assumir um filho com deficiência auditiva.

E os terapeutas não estavam enganados, pois, em 2010, Abdala ficou paralisado, o que significa que, se Mamudo Assane teve a coragem de rejeitar um filho sem audição, dificilmente vai aceitar uma criança entorpecida.

Mesmo separada e debatendo-se com uma série de adversidades para sobreviver, Ancha nunca desistiu de cuidar do seu menino. Ela assegura que não cometeria uma xiconhoquice dessas! Ela procura dar o melhor de si para que o adolescente não cresça com perturbações causadas pelo estigma.



Abdala não frequenta a escola por ausência de meios para o efeito, especialmente transporte. Aliás, os parentes paternos do rapaz também o rejeitam alegadamente porque nunca na família nasceu alguém com aquelas anomalias.

Ancha pensa que o agravamento da deficiência do filho pode ter sido causado pela falta de dinheiro para comprar os medicamentos que eram prescritos pelos profissionais de saúde, principalmente para submetê-lo a um tratamento médico especializado. “Quando procurava o pai ele fugia. Nalgumas vezes encontrava-o e levava as receitas com a finalidade de comprar os fármacos, mas nunca o fez”.

Fátima Patela, avó do adolescente, contou-nos que um dia o seu neto se dirigiu a um fontanário com o intuito de buscar água e, de repente, caiu e reboiou no chão. Ninguém prestou atenção nele porque algumas pessoas pensavam que se tratava de uma brincadeira.

Abdala, segundo a nossa interlocutora, foi socorrido e levado para o Hospital Central de Nampula, onde recebeu vários tratamentos, porém, o problema agravou-se e a partir daí nunca mais voltou a locomover-se. Sem o pai por perto e a mãe sem dinheiro, o rapaz nunca mais beneficiou de um exame médico.

Apesar da sua falta da faculdade de audição, aos 10 anos, Abdala passou a dedicar-se a pequenos serviços remunerados em diferentes mercados da cidade de Nampula e conseguia dinheiro para ajudar nas despesas de casa, enquanto o progenitor deambulava pela urbe.

Em 2010, o rapaz começou a enfrentar o maior drama da sua vida quando ficou com os membros superiores e inferiores paralisados. A mãe e a avó, com quem vive, dependem da venda do carvão vegetal e de outros produtos.

Presentemente, o rapaz passa o dia sentado na sala da sua casa, da qual dificilmente se move para fora sem a ajuda dos familiares.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque ela diz que meteram álcool lá no útero para a destruir?

Olá queridos leitores. Sabiam que em muitas partes do mundo (senão em quase todo o mundo) os homens têm dificuldades sérias em procurar serviços de saúde. Muitos homens só descobrem que têm doenças crónicas ou de difícil tratamento quando estas estão bastante avançadas. Há, em Moçambique, alguns projectos sociais que estão paulatinamente a incentivar os homens a procurar apoio médico e a envolverem-se também na saúde das suas esposas e dos seus filhos. Uma coisa é certa: quando qualquer doença é detectada com antecedência é sempre possível descobrir formas de evitar que ela se propague. Então, homens, não deixem de enviar mensagens para a nossa coluna, mas, por favor, também procurem ajuda de médicos/médicas quando suspeitarem de que podem ter alguma doença. Não fiquem à espera até que piore. Podem enviar perguntas para esta coluna.

Enviem-me uma mensagem através de um sms para **90441**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá Tina. Tenho 23 anos e sou mãe de um menino de 1 ano e 11 meses. A minha preocupação é que já há um tempo que tenho tido problemas com o meu esposo porque já não tenho a mesma disposição de antes para fazer sexo, e isso está a abalar a nossa relação. Será que eu estou com problemas de saúde?

Olá querida, imagino a tua frustração. A ausência de sexo numa relação traz problemas entre os casais. Estes problemas são gerados pela falta de compreensão de ambos os lados sobre o que está a acontecer com o parceiro que já não demonstra desejo sexual. Uma coisa eu posso garantir-te: é temporário, vai passar. É que muitos homens e mulheres não sabem que o desejo sexual das mulheres (e até dos homens) pode reduzir dramaticamente depois do nascimento do bebé, e há várias razões para isso. Uma mulher que está a cuidar do bebé, está a amamentar, tem menos probabilidade de desejar sexo, porque ela está quase sempre cansada. Noutros casos pode ser a mudança radical que acontece com as hormonas, que faz com que a mulher se sinta desequilibrada. A mudança das hormonas pode fazer com que a mulher sinta menos vontade de ter intimidade sexual, se sinta mais emocional e precise apenas de receber carinho e atenção do seu parceiro. Outras mulheres perdem interesse porque sentem vergonha do seu novo corpo, já não se sentem tão atraentes como eram antes de o bebé nascer. Então, o meu conselho é que tu procures conversar com o teu parceiro, expliques as coisas que sentes no teu corpo, e peças que ele te ajude. Retomar o desejo sexual parte principalmente da compreensão de ambos, e passa por encontrarem outras formas de ter prazer na companhia um do outro.

Boa tarde dona Tina. A minha mulher fez um aborto. Depois de uma briga, ela diz que meteram álcool lá no útero para a destruir. Há dois anos que não consegue conceber. O que faço?

Olá meu caro. Hmm... se estou a perceber a tua história há aqui um problema de comunicação sobre o que cada um de vocês deseja. Ora vejamos: se a tua mulher interrompeu uma gravidez no hospital e lá recebeu todos os cuidados de saúde necessários para evitar infeções ou mesmo outros problemas que causam infertilidade, então há pouco risco de ela ter perdido a capacidade de conceber outro filho. Se ela tiver realizado um aborto de risco, é bem possível que ela possa estar a genuinamente ter problemas para conceber. Quanto ao álcool, eu não tenho a certeza o que isso significa, porque nunca ouvi dizer que se deixa álcool no útero; acho que nem seria possível chegar lá, a não ser através de uma operação de barriga aberta. Não sei como responder a isso. O melhor conselho que te posso dar é que convides a tua mulher a ir a uma consulta de ginecologista, contigo, e contem a história à/ ao médica/o e peçam a sua opinião e o diagnóstico. Só assim é que podes tirar as tuas dúvidas.

A CONTECEU
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade
SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

Administradora de Eráti-Namapa protagoniza desmandos

No distrito de Eráti-Namapa, na província de Nampula, a chefe do executivo local, Ângela de Carmo Beneze, promove o favoritismo, o tráfico de influências, a intromissão em assuntos que não lhe dizem respeito, dentre outros problemas que, segundo a população, estorvam o desenvolvimento daquele ponto do país.

Texto: Redacção/Sérgio Fernando • Foto: Sérgio Fernando

Ângela Beneze rege Eráti-Namapa desde 2010, porém, os habitantes dizem que pouco ou quase nada ela faz em prol de quem está a servir. A visada procura tirar benefícios em tudo para si e ou para os seus correligionários, amigos e parentes. Os anseios da população não passam de uma miragem supostamente porque a governação é caracterizada pela exclusão, incluindo os líderes comunitários.

O descontentamento dos residentes daquele distrito é de tal sorte que poucas pessoas contribuem para a implementação das actividades previstas no Plano Económico e Social (PES), por exemplo. Os estudantes são compulsivamente mobilizados para participarem nas cerimónias públicas com vista a fazer passar uma imagem positiva do governo local. Os funcionários são maltratados, humilhados e constantemente ameaçados caso contestem algo que corra mal. E estão inseguros, pois temem que sejam expulsos.

De 2010 a esta parte, mais de cinco directores dos serviços distritais foram suspensos injustamente e os seus lugares foram ocupados por pessoas da confiança política de Ângela Beneze.

O antigo director dos Serviços Distritais da Educação, Juventude e Tecnologias (SDEJT), André Neto, foi afastado das suas funções porque a administradora fez uma campanha para o efeito. Ela coagiu os dirigentes das escolas primárias e completas a emitirem um abaixo-assinado contra Neto alegadamente por desviou fundos do programa de Apoio Directo às Escolas (ADE).

Refira-se que uma administradora não tem competências para movimentar quadros da Educação, apenas faz uma proposta à direcção provincial da sua área de jurisdição. Contudo, recorrendo a um processo pouco claro, Ângela Beneze fez de tudo até conseguir deslocar António Victor do cargo de director da Escola Secundária de Namapa, para substituir André Neto nos SDEJT.

Em 2011, a Direcção Provincial da Educação em Nampula enviou uma carta à administração de Eráti-Namapa para que André Neto fosse transferido para o distrito de Mossuril, porém, aquela responsável distrital engavetou o documento.

Confrontada com estas e outras anomalias, Ângela Beneze desdramatizou o assunto e disse-nos, telefonicamente, que as coisas não aconteceram da forma são descritas. Em relação ao nepotismo, ela explicou que se tratou de uma movimentação de funcionários com vista a melhorar a prestação dos serviços públicos.

E no que diz respeito à destituição de André Neto, a administradora explicou que ele é acusado de desvio de fundos e está a responder a um processo disciplinar, enquanto o assunto segue os seus trâmites legais. Contudo, desde que o visado foi demitido, em Janeiro deste ano, nenhuma autoridade competente o chamou com vista a confrontá-lo com os problemas de que é indiciado.

Concursos públicos duvidosos

Os concursos públicos para o provimento de vagas são realizados sem se obedecer aos mecanismos previstos por lei de ingresso no Aparelho do Estado, asseguraram os nossos interlocutores. No distrito de Eráti-Namapa vive-se um ambiente de cortar à faca. A administradora já tentou intrometer-se nas decisões do partido, mas os “camaradas” travaram a sua ganância de querer dar ordens a todos. Consequentemente, de há um tempo para cá, o relacionamento entre Ângela Beneze e o primeiro secretário do partido Frelimo no distrito azedou.

Os concursos públicos para o Fornecimento de Bens e Prestação de Serviços ao Estado, regidos pelo Decreto n.º 15/2010, de 24 de Maio, são ganhos por pessoas da confiança da administradora. Por exemplo, a firma



Muhila Construções ganhou as obras de construção de uma secretaria do posto administrativo de Namapa-sede. O governo distrital desembolsou, para o efeito, mais de 90 por cento do orçamento, porém, o empreiteiro abandonou o empreendimento a meio do processo e nada é feito para responsabilizá-lo.

O mesmo construtor foi novamente indicado pelo governo distrital para edificar as secretarias dos postos administrativos de Odinepa e Merrote, tendo as obras sido abandonadas outra vez. Ângela Beneze ainda não exigiu explicações aos dirigentes daquela empresa de construção civil e nenhuma fiscalização é feita. Entretanto, a administradora afirmou que a firma Muhila Construções vai responder na justiça pelo seu descuido.

A intromissão

Ângela Benze ordenou ao Conselho Consultivo que aprovasse a disponibilização de 2.500.000 meticais, dos “sete milhões” alocados ao distrito, a favor de um cidadão identificado pelo nome de Amuri Ali, supostamente para abrir uma oficina de lavagem, reparação e venda de peças sobressalentes. Todavia, o beneficiário aplicou o valor na criação de uma empresa chamada EPSECO para a prestação de serviços e aulas de informática que, neste momento, está a funcionar nas instalações do Estado que outrora serviam de depósito distrital de medicamentos.

Consta ainda que aquele órgão recebeu uma carta escrita por Beneze a orientar que os programas de Ali deviam ter prioridade. “Sobre esse assunto não deve perguntar a mim porque não estou abalizada na matéria. Consulte o secretário permanente distrital, que sabe qual tem sido o tratamento das fichas dos mutuários”, defendeu-se a entrevistada, negando ter estado envolvida em tráfico de influências no sentido de o cidadão obter o valor em alusão.

Para além de Ali estar a viver numa casa do Estado, as residências que deviam ser habitadas por funcionários da Função Pública são arrendadas aos trabalhadores das construtoras que estão a reabilitar a EN1, sobretudo, no troço entre o rio Lúrio e o rio Licunthi.

Jovens marginalizados



A taxa de desemprego naquela parcela do país é bastante elevada. Um grupo de jovens criou duas associações, nomeadamente “Opaka Mera” e “Oteka Mera”, especializadas no fabrico e fornecimento de material de construção. Porém, Ângela Beneze dificultou o progresso das agremiações. Por conseguinte, desde 2010 as obras do distrito passaram a ser executadas por empreiteiros sediados na cidade de Nampula, cujo processo de contratação não é transparente e as obras são de baixa qualidade.




Por exemplo, a ponte que dá acesso à vila de Namapa beneficiou de uma reabilitação de raiz mas as viaturas cuja capacidade excede cinco toneladas não podem transitar por ela. Os camiões que transportam mercadorias para abastecer os estabelecimentos comerciais locais usam uma via alternativa.




Patrício João da Cruz disse que as instituições “Opaka Mera” e “Oteka Mera” foram dissolvidas por falta de sustentabilidade e os seus fundadores, dos quais ele faz parte, estão dispersos e à procura de meios de sobrevivência, para além de o executivo local estar a dever às agremiações em menção.

A administradora explicou que os jovens daquelas associações optaram livremente por não se candidatarem a concursos públicos. No tocante à falta de embolso do dinheiro referente a mão-de-obra de algumas construções, a chefe do executivo distrital justificou que nunca foi informada e o concurso foi lançado a nível provincial. Prometeu averiguar a situação junto do sector de Planeamento e Infra-estrutura.

Relativamente às duas associações a que nos referimos, cujos constituintes alegam que foram marginalizados, Ângela Beneze não aceitou pronunciar-se, tendo-nos remetido à Unidade Gestora Executiva de Aquisições (UGEA), a nível do distrito.

Previsão do Tempo	
Sexta-feira 30 de Agosto	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado, localmente limpo. Neblinas matinais locais. Vento de nordeste a leste fraco a mode-rado.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado localmente limpo. Possibilidade de ocorrência de neblinas matinais locais. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuviscos locais ao longo da faixa costeira. Vento de nordeste a leste fraco a moderado

Sábado 31 de Agosto	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado passando a muito nu-blado. Neblinas matinais locais. Vento de nordeste rodando para sueste fraco a moderado, soprando por vezes com rajadas.
Zona CENTRO	
	Céu geralmente pouco nublado . Neblinas matinais locais . Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado localmente muito nu-blado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a leste fraco a moderado

Domingo 01 de Setembro	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de chuvas fracas locais. Vento de sueste fraco a moderado por vezes com rajadas.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Vento de nordeste rodando para sueste
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de leste a nordeste fraco a moderado.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia	

Diga-nos quem é o

XICONHOCA



Envie-nos um SMS para **90440** E-Mail para averdademz@gmail.com ou escreva no **Mural do Povo**

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Boa tarde, Jornal @Verdade. Gostaria, através do vosso meio de comunicação, de expor uma inquietação dos pais e encarregados de educação dos alunos da Escola Primária 25 de Junho, sita no bairro da Zona Verde, no município da Matola. É que somos vítimas de roubo desde 2011. Desembolsados dinheiro e juntamos blocos para construir novas salas de aulas com vista a evitar que as crianças estudem ao relento mas não vemos o benefício disso.

Ajudamos, também, no pagamento do salário do guarda porque o estabelecimento de ensino se queixa de défice orçamental para o efeito, porém, parece que vale a pena não aderirmos a essa iniciativa por causa da incompetência dos gestores daquela instituição de ensino.

Ficámos sensibilizados com as condições precárias em que a escola se encontrava e juntámos dinheiro na esperança de melhorar o aproveitamento pedagógico dos nossos filhos e o ambiente em que os professores leccionam. Durante meses juntámos material de construção, nomeadamente areia, blocos, e pedras no recinto da Escola Primária 25 de Junho. Contudo, volvido algum tempo, tudo desapareceu sem nenhuma explicação. Ninguém da direcção está disponível para dizer aos pais e encarregados de educação para onde foi o material e em que momento sumiu.

Em 2012, os gestores daquele estabelecimento de ensino convocaram os pais dos educandos para outra reunião, na qual pediram que contribuíssemos novamente, alegadamente porque, no ano anterior, algumas pessoas não tinham desembolsado os valores exigidos, o que não constitui verdade, para além de

que isso era uma ofensa para aqueles que ajudaram e não viram nenhum benefício dessa acção.

Este ano, as cobranças foram obrigatórias e quem não acatasse o seu filho não teria informações sobre o seu aproveitamento pedagógico no fim do trimestre. Cada pai devia desembolsar 30 meticais para pagar o pagamento do guarda, 50 meticais e dois blocos para a construção de salas de aulas.

Os pais e encarregados de educação dos alunos da 1ª classe que ingressaram na Escola Primária 25 de Junho, em 2012, pagaram, no acto da matrícula, 80 meticais destinados aos mesmos fins, com a promessa de que até Outubro do mesmo ano teriam duas salas de aulas concluídas, o que até hoje ainda não aconteceu.

Neste contexto, os responsáveis dos educandos sentem-se burlados pela direcção da escola. Contabilizando os montantes disponibilizados entre 2011 e 2012 totalizam 150 meticais e quatro blocos por cada pai. O nosso descontentamento deve-se, sobretudo, ao facto de estarmos a pagar uma coisa que nunca se concretiza e ninguém nos sabe dizer qual é o fim dado ao nosso dinheiro.

Estamos cansados de ser extorquidos e pedimos socorro na expectativa de que já não iremos financiar projectos inexistentes. Queremos salvar os nossos filhos do perigo de contraírem enfermidades devido à sua exposição a intempéries durante as aulas, mas parece que há falta de vontade. Gostaríamos que alguém daquela escola nos esclarecesse sobre o que foi feito com o valor e com o material de construção.

Segundo Delminda da Casaia, os pais dos instruendos agiram mal ao exporem a sua preocupação ao @Verdade, uma vez que deviam ter contactado a direcção para obter esclarecimentos ao invés de se fazerem passar por vítimas, supostamente sem nenhum motivo.

Depois dessas palavras, a directora aconselhou a nossa Reportagem a permanecer na Escola Primária 25 de Junho com vista a colher o pronunciamento do referido presidente da comissão administrativa, o qual, ao fim de três horas da nossa estadia no estabelecimento de ensino, ainda não se tinha feito presente no local.

Resposta

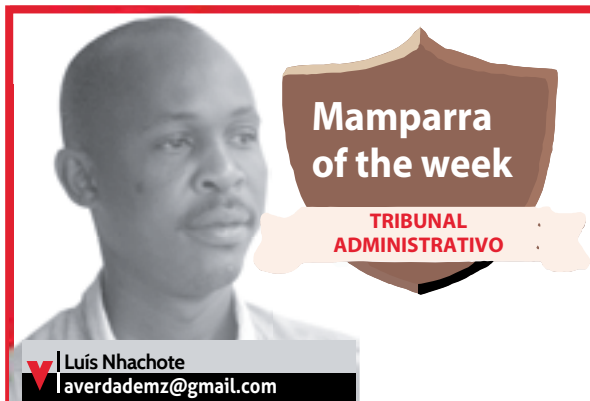
Sobre o assunto dos nossos reclamantes, o @Verdade contactou a Escola Primária 25 de Junho, por intermédio da respectiva directora, Delminda da Casaia. Esta desdramatizou o problema e disse que a inquietação dos pais e encarregados de educação não corresponde à verdade, pois as obras cobertas pelo fundo desembolsados por eles já arancaram.

“A construção das salas de aula é uma realidade, mas não irei tecer mais declarações sobre o caso porque somente o presidente da comissão administrativa da escola é a pessoa indicada para responder à inquietação dos pais e encarregados de educação”, afirmou a dirigente.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorretos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para o número 90440. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.



Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

O mamparra desta semana é o Tribunal Administrativo(TA), a suprema organização que fiscaliza anualmente as contas do Estado. Um expressivo relatório de auditoria às contas daquela instituição apurou a aplicação irregular de fundos, os pontapés à lei de Procurement, entre outras arbitrariedades.

Os financiadores do Tribunal Administrativo são, para além do Estado, os contribuintes da Finlândia, a Cooperação Alemã, o Reino da Suécia e os Países Baixos.

Na auditoria que consta dos termos de referência, foi detectada uma série de pontapés à legislação. Só em adjudicações directas ilegais terá havido um rombo de 19 milhões de meticais.

Até que ponto se pode confiar a quem audita as contas dos impostos dos cidadãos nacionais quando a mesma casa é o epicentro da barbaridade?

Para se ter uma ideia clara, os funcionários do TA beneficiam de um valor ilimitado de uso de telemóveis que não está regulado por lei e terão abusado dessa “benesse”. Onde estamos e com quem estamos metidos afinal?

Esta farra, segundo o que foi tornado público, causou um buraco de 170 milhões de meticais no TA!!!

Quer dizer, eles, na sua missão apregoam o que não deve ser feito e fazem exactamente o contrário!!!

Parece aquela máxima secular que assim diz: “não faça o que eu faço, mas faça o que eu digo”!

Como foi que este nosso país que o Presidente Armando Guebuza adora chamar de “Pérola do Índico” chegou a este nível de promiscuidade? Em que(m) se inspiraram estes “zelosos” legalistas?

Em alguma escola certamente eles estão a aprender. A tal escola, ao que parece, só vão os melhores quadros.

É que alguém tem de pôr um travão neste tipo de mamparices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

VERDADE

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634



Democracia

CTV denuncia intimidações protagonizadas pelo governo de Palma

O secretário permanente do distrito de Palma, na província de Cabo Delgado, Abdul Cartela, mandou interrogar, no passado dia 22, a ambientalista e directora do Centro Terra Viva (CTV), Alda Salomão, alegadamente por ela estar a agitar a população para que esta questionasse o Governo acerca dos projectos de exploração mineira na-quele canto do país.

Texto: Redacção • Foto: CTV

O CTV, que se dedica à investigação e à intervenção ambiental para a gestão dos recursos naturais, desenvolve desde Fevereiro deste ano actividades no distrito de Palma, uma zona abrangida pelo projecto de exploração de gás natural da ANADARKO e ENI.

O objectivo desta entidade neste distrito é essencialmente preparar a comunidade local, através de divulgação da legislação inerente à concessão de terra, direitos e deveres das comunidade, para a sua participação no processo de consulta para a implementação do projecto de exploração de recursos minerais.

É que, após o anúncio de descobertas de recursos minerais em Palma, a zona começou a registar um movimento desusado de pessoas querendo adquirir terra naquele distrito.

A acção da CTV terá incomodado o governo de Palma que, à dada altura, como resultado da acção desta entidade, teria sido pressionado pela população de modo a esclarecer os contornos dos projectos que envolvem a ANADARKO e a ENI.

A directora da CTV conta que na sua actividade em Palma constatou que a comunidade estava a ser colocada de lado, não lhe sendo disponibilizado qualquer tipo de informação acerca destes projectos que já estão a ter impacto nas suas vidas. Entretanto, antes de iniciar a sua actividade no distrito, Alda Salomão ter-se-ia apresentado ao governo provincial, na pessoa da secretária permanente, Lina Portugal, de quem teve o aval para executar os seu trabalhos.

Governo preocupado

Após ter sido autorizada, o CTV iniciou actividades de formação de activistas locais com vista a auxiliar a comunidade na luta pelos seus direitos. A acção do CTV despertou a comunidade de Palma, que começou a exigir do Governo explicações acerca das informações que lhe chegavam apontando que, devido ao projecto de exploração dos recursos minerais em Palma, a população seria reassentada.

O facto é que até ao mês de Junho a empresa já estava a realizar a primeiras actividades sem que tivesse havido inicialmente um contacto com a população local.



Nas suas pesquisas, o CTV apercebeu-se de que havia muitas irregularidades no processo. A empresa não possuía nenhuma licença ambiental, instrumento sem o qual não se pode desenvolver uma actividade, e não tinha feito o estudo do impacto ambiental na área.

Não obstante, o Governo afirmava ter realizado consultas às comunidades; mesmo assim, tinha dificuldades em provar uma vez que não possuía nenhuma acta dos supostos encontros. Facto evidente é que a população, em termos de informação, continuava à margem do assunto.

Após muita pressão para que o Governo esclarecesse a população sobre o que se estava a passar em Palma, eis que a 8 do mês em curso a população é informada de que seria realizada no dia 10 uma reunião de consulta à comunidade, que na verdade era um encontro para se discutir o reassentamento da comunidade. Informada, a directora do CTV desloca-se no dia 13 de a Palma para se inteirar do assunto.

Nesse encontro, a população questionou a administração acerca dos processos de atribuição do Direito de Uso e Aproveitamento de Terra (DUAT) à empresa e sobre a licença ambiental. A população quis saber ainda para onde será levada quando for retirada do seu local de residência. Estas questões que ficaram sem resposta alegadamente porque quem cuida destes aspectos é o Governo central.

Contudo, estes questionamentos colocaram o administrador Pedro Romão numa posição pouco confortável, pois este não tinha resposta para as questões que lhe eram colocadas. Este facto fez com que, no encontro seguinte, que teve com a líder do CTV, Romão adoptasse uma postura um tanto quanto mais arrogante tendo afirmado que “a comunidade de Palma tem de perceber que não tem poder para travar o projecto” que “nem tudo deve ser feito dentro da lei”, assumindo, deste modo, que algo andava fora da lei.

A detenção

Alda Salomão conta que depois deste encontro ainda manteve mais uma reunião, “mais serena”, com o administrador onde acordaram que era importante que as partes cooperassem para o bem da comunidade e do país.

Entretanto, no dia 22, enquanto ela se preparava para partir para Maputo, eis que, por volta das seis da manhã, recebe uma visita de três homens, dois armados e um vestido a civil, que impuseram que ela os acompanhasse à esquadra, supostamente porque o comandante queria falar com ela.

Na esquadra, Alda Salomão foi recebida pelo chefe de operações, que revelou que a ordem para que ela fosse interrogada vinha do secretário permanente do distrito, Abdul Cartela porque, segundo argumentou, o Governo andava insatisfeito com a actividade do Centro Terra Viva. Foi interrogada pelo chefe das operações afecto no posto e por um agente do Serviço de Informação e

Segurança do Estado, que também a acusaram de desacato à lei e incitação à violência.

Foi-lhe dita na esquadra que o secretário permanente andava aborrecido porque, depois da intervenção do CTV, “as reuniões do Governo com as comunidades afectadas pelo projecto de exploração do gás natural, das multinacionais ANADARKO e ENI, estavam a correr mal desde que o CTV esclareceu os cidadãos daquela zona sobre os seus direitos e deveres em relação à terra e a outros recursos naturais. Ainda lhe foi exigido que apresentasse uma credencial que autorizava a CTV a operar naquele distrito.

No entanto, depois de a Polícia ter conhecimento de que ela teve um encontro com a administrador e que haviam chegado a um consenso sobre a importância da actividade de CTV, ela foi liberada.

Reacção das OSC

Através de uma nota enviada à imprensa, as organizações da sociedade civil reagiram contra a acção da Polícia a mando do governo de Palma. Estas repudiam o comportamento da Polícia e exigem que “sejam apuradas responsabilidades e sancionados os que, a coberto de um poder que lhes é conferido pelo Estado, violam os direitos dos cidadãos”.

No entender das OSC, o interrogatório levado a cabo pelos agentes da Polícia e na presença de um membro dos Serviços de Informação e Segurança do Estado viola de forma flagrante o direito à informação; o direito de cidadania que, entre outros aspectos, se manifesta pela possibilidade de os grupos sociais com interesses próprios, colectivos ou difusos, impugnarem actividades que contrariam a lei em geral e a legislação ambiental e de terras, em particular, e ainda o direito de as organizações da sociedade civil contribuírem para a realização dos direitos e liberdades dos cidadãos, conforme estabelecido no artigo 78 da Constituição da República.

“Com esta atitude, os agentes da Polícia, a mando do secretário permanente do distrito de Palma, visam objectivamente intimidar as organizações da sociedade civil, mesmo quando se encontram a realizar actividades que deveriam ser consideradas como complementares às do Governo,”

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.

A verdade em cada palavra.

Democracia

Frelimo anuncia os seus candidatos às eleições autárquicas de 20 de Novembro

Depois de muita espera, a Frelimo procedeu no último fim-de-semana à eleição dos candidatos às autárquicas de 20 de Novembro próximo, que irão decorrer em todos os 53 municípios existentes no país. Assim, para as cidades da Beira e Quelimane, actualmente sob gestão do Movimento Democrático de Moçambique, o partido do batuque e da maçaroca indicou Jaime Neto, deputado da Assembleia da República, e Abel Henriques, funcionário dos Serviços de Registo e Notariado, respectivamente. Estes terão a dura missão de enfrentar os actuais edis, nomeadamente Daviz Simango e Manuel de Araújo.

Na cidade de Maputo, capital do país, o actual edil, David Simango, concorre à sua própria sucessão e terá como adversários o engenheiro, bancário e comentarista Venâncio Mondlane, do MDM, e o deputado Ismael Mussa, candidato independente.

Entretanto, ainda neste exercício, foram afastados da corrida César de Carvalho, de Tete, Rita Muianga, de Xai-Xai, Narciso Pedro, de Maxixe, Chale Issufo, de Nacala-Porto, Alberto Chicuamba, da Manhica, e Castro Namuaca, de Nampula, entre outros.

NAMPULA

Para os municípios do maior círculo eleitoral do país, para além de Absalão Siueia, que irá concorrer pela cidade de Nampula, foram eleitos Saide Amuri, para a Ilha de Moçambique, João Luís (Monapo), Rui Chong (Nacala-Porto), Constantino António (Ribáuè), Américo Adamugy (Angoche), e Ângelo Gerónimo (Malema).

Nesta província, o processo de eleição dos candidatos foi renhido e surpreendente, a julgar pela forma como decorreu. Por exemplo, na nova autarquia de Malema, a deputada Maiópuê

era a favorita, mas foi derrotada por Ângelo Gerónimo, um camponês daquele distrito. Situação idêntica verificou-se na autarquia costeira da Ilha de Moçambique, onde o actual edil não conseguiu votos suficientes para concorrer à sua própria sucessão, tendo sido derrotado por Saide Amur Chimbinda, um jovem, diga-se, sem muita popularidade.

ILHA DE MOÇAMBIQUE

Saide Amur, de 42 anos de idade, é natural da Ilha de Moçambique e está a terminar o curso de Estudos de Desenvolvimento, na Universidade A Politécnica, na cidade de Nam-

Texto: Redacção

Publicidade

**Abre conta
no Banco
onde mais
ganhas.**
**Grande prémio
de 1.000.000
de Meticais.**

Abre conta no BCI, de Agosto a Dezembro de 2013, adere ao Depósito Crescente Novo Cliente BCI* e/ou a uma das soluções de financiamento para a concretização dos teus projectos e habilita-te ainda a ganhar 1.000.000 de Meticais.

É bom ser Cliente daqui.

Termos e condições aplicáveis.
Prémio de 20 mil, 30 mil e 1 milhão de meticais atribuídos por sorteio, em Janeiro de 2014, para Clientes particulares que procedem à abertura de conta entre Agosto e Dezembro de 2013 e subscrevem um dos seguintes produtos:
Depósito Crescente Novo Cliente*, Crédito ao Consumo, Crédito de Crédito ao Consumo Destinado (CC).

* taxa anual nominal bruta fixada de 10,00%.

pula. Trabalhou em duas organizações não-governamentais, nomeadamente Programa Mundial de Alimentação e Save The Children. Actualmente, desempenha as funções de líder da Confraria Chadulia Liaxurudia, de crentes islâmicos, na Ilha de Moçambique.

ANGOCHÉ

Américo Adamugy, de 49 anos de idade, que concorre à sua própria sucessão, é professor de profissão desde 1984 e é licenciado em Matemática pela Universidade Pedagógica, delegação de Nampula. No primeiro mandato autárquico, em 1998, foi vice-presidente da Assembleia Municipal de Angoche, ano em que ingressou nas fileiras do partido Frelimo, como membro da Organização da Juventude Moçambicana.

MALEMA

Ângelo Gerónimo Fonseca, natural do distrito de Malema, de 50 anos de idade, é agricultor e criador de gado desde o ano de 1990.

NAMPULA

Adolfo Absalão Siueia, licenciado em Gestão e Contabilidade pela Universidade Mussa Bin Bique em Nampula, notabilizou-se na greve dos trabalhadores da extinta empresa Têxteis de Moçambique (Texmoque), na cidade de Nampula, da qual era director. Foi vereador para o pelouro de Mercados e Feiras em Nampula durante dois mandatos (1998-2003 e 2003-2008). Em 2010 foi administrador do distrito de Malema. Actualmente, é docente da Universidade Pedagógica de Nampula, e funcionário do governo provincial.

MONAPO

João Luís, que concorre à sua própria sucessão, é professor de profissão. Foi deputado da Assembleia da República pelo círculo eleitoral da província de Nampula entre 2004 e 2009.

NACALA-PORTO

Rui Shong, natural do mesmo distrito, é empresário da área de camionagem.

NIASSA

Em Niassa, Vicente Lourenço concorre à sua própria sucessão no município de Cuamba. Para Lichinga, Metangula, Marrupa e Mandimba foram eleitos Saide Amido, Sara Mustafa, Marta Romeu e Victor Sinóia, respectivamente.

CUAMBA

Vicente Costa, que concorre à sua própria sucessão, natural de Cuamba, tem a profissão de professor. É licenciado em Ensino de História e Geografia pela Universidade Pedagógica. Foi eleito presidente nas eleições intercalares de 7 de Dezembro de 2011, na sequência da renúncia do antigo edil. Antes ocupava o cargo de director dos Serviços Distritais Educação, Juventude e Tecnologia de Cuamba.

MARRUPA

Marta da Anunciação Romeu, que também concorre à sua própria sucessão, tem 41 anos de idade e é licenciada em Planificação, Administração e Gestão de Educação. Foi docente da Universidade Pedagógica em Lichinga.

ZAMBÉZIA

Na Zambézia, para além da eleição de Abel Henriques, um funcionário dos Serviços de Registos e Notariado, para "enfrentar" Manuel de Araújo na corrida ao município de Quelimane, foram também escolhidos Virgílio Dinheiro, Janguir Hussene, Sertório Fernando, Beatriz Sulvai Nhula e Felisberto Mvua para Maganja da Costa, Gurúè, Alto Molócuè, Mocuba e Milange, respectivamente.

GURÚÈ

Janguir Hussen Jussub, natural da cidade de Quelimane, foi funcionário do Banco de Moçambique. Em 1983 exerceu a função de operador de câmara na Televisão de Moçambique. Em 2013 foi vereador para a área de Administração e Finanças do Conselho Municipal de Gurúè.

MANICA

Para candidatos a edis dos cinco municípios da província de Manica, nomeadamente Chimoio, Gondola, Sussundenga, Manica e Catandica, foram indicados, respectivamente, Raul Adriano, Eduardo Gimo, Venâncio Veremo, Raimundo Quembo e Tomé Maibeque.

SOFALA

Na província de Sofala, para concorrer à presidência da segunda maior cidade do país, Beira, a Frelimo escolheu o deputado da Assembleia da República Jaime Neto, que terá como principal adversário o actual edil, Daviz Simango.

Para os restantes municípios, nomeadamente Dondo, Gorongosa, Nhamatanda e Marromeu, foram nomeados Castigo Hale Chiutar, Moureze Causande, Manuel Jasse e Palmerim Rubinho, respectivamente.

INHAMBANE

Benedito Guimino concorre à sua própria sucessão no município da cidade de Inhambane, enquanto que Simão Pedro, Abílio Machado, Clemente Boca e Abílio Paulo lutam pela gestão das autarquias de Maxixe, Vilanculos, Massinga e Quissico, respectivamente.

GAZA

Em Gaza, Ernesto Chambisse é o candidato da Frelimo na cidade de Xai-Xai, Lídia Francisco Cossa, em Chókwè, Maria Helena em Manjacaze, Reginaldo Mariquela na vila da Macia, Francisco Manjate em Chibuto, e Mufundisse Chilengue na Praia de Bilene.

REDD+ é uma falsa solução para problemas climáticos

O mecanismo adoptado pelas Nações Unidas e parceiros para a mitigação dos efeitos das mudanças climáticas, designado REDD+ (Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal), é uma falsa solução para o problema em causa. A posição foi defendida recentemente em Maputo pela Rede No REDD, um movimento recentemente criado para se opor ao programa.

Texto: Alfredo Manjate • Foto: Arquivo

É que, contrariamente às “maravilhas” invocadas nos discursos oficiais sobre o REDD+ indicando que este visa, por exemplo, a preservação dos recursos naturais, com destaque para as florestas e a melhoria da vida das comunidades, entre outras, este mecanismo, diz a Rede No REDD, está a fomentar a usurpação da terra e o trabalho forçado junto das comunidades.

A REDD foi concebida e divulgada como a solução válida para os problemas das mudanças climáticas causadas principalmente pela emissão de gases com efeito estufa no espaço. Ela preconiza que os países ou mesmo entidades tidas como poluidoras possam manter o nível de poluição, bastando que para o efeito “abracem” um projecto de protecção da floresta ou a plantação de árvores de modo a garantir a retenção de carbono, um gás com efeito estufa.

Os movimentos que se opõem à REDD+ entendem não ser legítimo “destruir uma floresta num país porque se está a proteger outra noutro canto do mundo” tal como pressupõe o programa.

Exemplos de países como a República Democrática do Congo e o Uganda onde já está a ser implementado o REDD+ demonstram que este têm efeitos profundamente catastróficos contra as comunidades ao fomentar a usurpação da terra ou a submissão das comunidades locais a trabalhos forçados em nome de preservação da natureza.

O continente africano e a América latina são apontados como os pontos mais propícios para a implementação da REDD+ devido à sua riqueza em recursos florestais e a Rede No REDD não hesita quando afirma que a REDD+ é, acima de tudo, uma nova forma de colonização até agora disfarçada.



Porque são contra?

Os opositores deste mecanismo que se pretende seja uma solução contra problemas climáticos, que estiveram reunidos em Maputo, entendem que a forma como o REDD+ está a ser implementado revela que o mesmo está a trazer para África uma nova forma de colonização, obrigando as comunidades a dedicar as suas energias a plantar e a cuidar de árvores, e fornecendo campos de cultivo ao invés de produzir comida.

Esta situação é agravada pelo facto de as mesmas comunidades não beneficiarem de nenhuma remuneração com essa actividade. Nos casos em que há remuneração, os valores são irrisórios e não permitem o desenvolvimento das populações.

“Os povos indígenas e os camponeses estão a ser assassinados e deslocados à força, criminalizados e culpados pelas mudanças climáticas”, denunciou o norte-americano, Tedd Gold Tooth. Estas são algumas das razões que fazem com que a Rede No REDD afirme que “o REDD+ é uma solução falsa para a mudança climática promovida pelas Nações Unidas, pelo Banco Mundial e pelos “criminosos climáticos”, como a Shell e a Rio Tinto. Esse comércio permite que os poluidores continuem a queimar combustíveis fósseis e a reduzir as suas emissões nos pontos de origem, pelo que aquela instituição se opõe a este mecanismo.

Assim, o REDD+ “constitui o pior programa proposto para solucionar a questão das mudanças climáticas, pois este veio com a máscara de uma solução”. Oficialmente, REDD significa Redução das Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal, mas realmente significa Recolhendo Lucros através de Expulsões, Desmatamento e a Destruição da Biodiversidade.”

Situação de Moçambique

Dados apresentados no encontro de Maputo indicam que cerca de um terço do território nacional está a ser proposto para o negócio de carbono no Corredor de Nacala. Oficialmente, em Moçambique ainda não existe nenhum projecto de REDD+ em andamento, mas há projectos considerados pilotos com os quais se pretende adquirir experiência.

Durante o encontro, os intervenientes moçambicanos denunciaram o facto de não se ter feito nenhuma consulta acerca de necessidade ou não de o país adoptar o REDD+. “Nós apenas fomos chamados para ajudarmos a definir como é que o REDD+ será implementado no país”, disse Anabela Lemos, da Justiça Ambiental, na presença dos representantes de Ministério de Coordenação Ambiental, que, entretanto, contactados pelo @Verdade para se pronunciarem acerca do assunto, alegaram não ter mandato para o efeito.

Governo aprova regulamento da REDD+

Segundo consta, o Governo de Moçambique que já vinha sendo pressionado por países como a Noruega para criar condições legais para a implementação do REDD+ no país. A Noruega, segundo foi referido no encontro, está a financiar com 1.97 milhões de libras esterlinas o projecto “Testando Modelos de REDD+ no corredor da Beira”, que deverá durar três anos, com o término previsto para Dezembro de 2015.

No entanto, na última terça-feira (27), o Governo aprovou o já “esperado” regulamento do REDD+ indicando as condições de implementação deste no país. Assim, segundo o Executivo, as comunidades e pessoas que desenvolverem actividades que têm em vista sequestrarem o carbono deverão beneficiar de incentivos financeiros para poderem continuar a desenvolver e, sobretudo, a utilizar de maneira racional os recursos naturais.

O instrumento aprovado pelo Governo estabelece que para a implementação do REDD+ devem ser feitas consultas comunitárias nas áreas onde existem plantações e onde se faz a exploração florestal.

Ainda sobre o regulamento, o documento determina que há necessidade de se fazer estudos de impacto ambiental nos locais de implementação dos projectos e salvaguardar a garantia da segurança alimentar para as comunidades.

Relativamente às taxas que serão pagas ao Governo pelos proponentes dos projectos está estabelecido que 60 por cento do valor se destina ao Orçamento do Estado, 20 por cento ao Fundo do Ambiente e outros 20 por cento às comunidades. Entretanto, ainda não estão estabelecidos os mecanismos de distribuição dos fundos às comunidades.

Publicidade





ASSOCIAÇÃO DOS DADORES DE SANGUE DE MOÇAMBIQUE (ADSM)



DÊ vida como presente

Sangue Novo para Moçambique

Pela passagem do 29 de Agosto Dia Nacional do Dador de Sangue, a ADSM saúda todos heróis Anónimos por esta causa altruísta.



MOÇAMBICANOS E AMERICANOS
JUNTOS NA LUTA CONTRA O HIV SIDA

Democracia

Forças governamentais e homens da Renamo confrontam-se no Centro do país

Na quinta-feira da semana passada (22), o país registou dois episódios de troca de tiros entre as Forças Armadas de Defesa e Segurança (FADM) e os homens armados da Renamo, ocorridos na região Centro, concretamente na província de Sofala.

O primeiro ataque ocorreu de madrugada quando as forças governamentais estacionadas naquela região foram emboscadas por homens da Renamo quando faziam uma patrulha num perímetro controlado pela segurança do líder da “Perdiz”, Afonso Dhlakama, que está aquartelado em Satundjira desde finais de 2012. Fontes indicam que, após o confronto, militares das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) e agentes da Força de Intervenção Rápida (FIR) se terão deslocado à cidade da Beira para solicitar reforço, que veio dar origem ao segundo confronto.

Na troca de tiros terá perdido a vida mais de uma dezena de elementos das FADM e da FIR e há informações segundo as quais

houve baixas também do lado da Renamo.

O segundo ataque ocorreu na noite do mesmo dia. Segundo relatos, as forças governamentais terão adoptado uma nova estratégia. Usaram a Estrada Nacional Número 1 para chegar à base da Renamo, localizada entre os distritos de Chibabava e Machanga, mas, mesmo assim, foram emboscadas.

Esta mudança de estratégia aparece depois de as forças governamentais terem, repetidas vezes, sofrido baixas consideráveis nos seus confrontos com os homens de Afonso Dhlakama.

Tudo indica que este confronto havido na noite daquele dia terá

sido em retaliação ao ataque que se registou na madrugada na região de Mangomonhe, no distrito de Chibabava, em Sofala. Não houve informações relativas ao número de agentes que terão perdido a vida, mas fontes apontam para a morte de alguns cidadãos de nacionalidade zimbabweana que supostamente estariam a apoiar as forças governamentais. Há também indicação de danos em pelo menos um camião militar.

Este é o terceiro ataque, de conhecimento público, entre forças governamentais e os homens armados da Renamo que desde o passado dia 20 de Junho do corrente ano se posicionaram na Estrada Nacional nº1, a única via terrestre que liga o Sul ao Centro e ao Norte de Moçambique, alegadamente para alargar o perímetro da segurança do líder do partido, Afonso Dhlakama.

O tráfego rodoviário con-

tinua condicionado à escolta militar no troço da EN1 entre o rio Save e Muxúnguê.

Entretanto, o Governo ainda não veio a público dar informações sobre estes dois episódios. Por seu turno, o porta-voz da Renamo, Fernando Mazanga, não confirmou nem desmentiu esta informação, tendo apenas dito que ainda aguardava ordens para falar sobre o assunto. “Ouvi dizer dos meus colegas mas como estou em Maputo, não posso confirmar. Por mais que tenha essa informação, não posso falar porque, como sabem, eu sou porta-voz. Recebo ordens para me pronunciar”, disse.

Texto: Redacção



Siga no Twitter
@DemocraciaMZ

Diálogo: Renamo exige facilitadores e observadores para se ultrapassar impasse

A Renamo voltou a propor ao Governo, na mesa do diálogo, a intervenção de facilitadores nacionais e observadores internacionais como forma de dar outra dinâmica às negociações que estão “enclafadas” há pouco mais de três meses. Esta pretensão foi manifestada na segunda-feira à saída da 18ª ronda de diálogo, que terminou sem consenso.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguzeu

“A Renamo, mais uma vez, voltou a insistir na necessidade de se integrar neste diálogo facilitadores nacionais e observadores estrangeiros, não como condição prévia mas pertinente para se encontrar uma solução conducente a eleições livres, justas e transparentes onde os vencidos vão reconhecer os vencedores”, disse o líder da equipa da “Perdiz”, Saimone Macuiane.

Entretanto, esta sugestão teve uma resposta negativa da parte da equipa do Governo chefiada por José Pacheco, ministro de Agricultura. Sobre este ponto, Pacheco afirmou de forma peremptória que o “Governo não vai trazer terceiras pessoas para este diálogo sem que a matéria em discussão esteja esgotada. Temos mandato para trabalhar nestas matérias e encontrar soluções.”

No entender de Pacheco ainda há espaço para que as partes alcancem consenso sem precisar de “ajuda extra”. Por seu turno, Saimone Macuiane que chefia a equipa da Renamo, disse ter ido, mais uma vez, à ronda de diálogo com a es-



perança de ver resolvida a questão sobre a matéria eleitoral, o que só não aconteceu porque o Governo não cedeu.

Governo insta a Renamo a integrar a CNE

Já o Governo moçambicano instou a sua contraparte a ocupar os seus lugares nos órgãos eleitorais como forma de se enquadrar nos preparativos das eleições autárquicas de 20 de Novembro próximo, nas 53 autarquias existentes em todo o território nacional.

Refira-se que a Renamo não ocupou até agora os dois lugares a que tem direito na composição da Comissão Nacional de Eleições (CNE) por considerar que o sistema de proporcionalidade não garante a transparência daquele órgão.

José Pacheco explicou, contudo, que é participando nestes órgãos que a “Perdiz” poderá fazer valer a sua opinião, tendo sublinhado que os outros representantes de partidos políticos já ocuparam os seus lugares na CNE.

O líder da equipa governamental referiu que a Renamo voltou a condicionar a passagem para os pontos subsequentes ao encerramento da matéria eleitoral. “O Governo está neste diálogo com espírito de abertura e cordialidade em respeito à Constituição da República e demais legislação em vigor”, disse Pacheco.

Nesta ronda o Governo insistiu, de novo, na necessidade de se avançar para a discussão sobre o desarmamento dos homens armados da Renamo, uma condição imprescindível para o alcance da paz e estabilidade com vista a avançar-se para a matéria subsequente.

Contudo, a Renamo continua intransigente e não aceita passar para outro ponto sem que se encerre a discussão da legislação eleitoral.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.

Milange

Um município estagnado

Localizada na província da Zambézia, a vila municipal de Milange ainda enfrenta diversos problemas, volvidos 15 anos da sua municipalização. A falta de vias de acesso pavimentadas, o acesso limitado a água potável e o desordenamento territorial são alguns dos aspectos que dão a impressão de que pouco ou quase nada foi feito naquela autarquia. Porém, o comércio informal é o “movia” da economia do município.

Texto & Foto: Helder Xavier

Em Milange, a oportunidade de emprego é quase nula e milhares de munícipes dedicam-se à produção agrícola. A agricultura, praticada manualmente e em pequenas explorações familiares, é a actividade dominante na circunscrição e envolve quase todas as famílias. Porém, não é somente dessa ocupação que sobrevivem os habitantes, havendo centenas de pessoas que ganham a vida no comércio informal, o principal motor da economia local. Rafael Magno, de 31 anos de idade, é exemplo disso. Há seis anos, Magno dedica-se à venda de milho, uma ocupação que abraçou quando se sentiu insatisfeito com as suas condições de vida que definham a cada dia que passava. Presentemente, por mês, em média, ele amea-lha 10 mil meticais.

Nos dias que correm, a actividade informal é a principal fonte de renda dos munícipes de Milange. Grande parte dos comerciantes recorre ao Malawi, que dista sensivelmente 20 minutos da vila municipal, para adquirir os produtos que, posteriormente, são vendidos no município. Dentre as mercadorias importadas destacam-se os produtos agrícolas como milho, amendoim e feijão, e também bens como vestuário e utensílios domésticos. De referir que, economicamente, Milange anda a reboque daquele país vizinho. Este facto pode-se constatar nos principais mercados municipais onde a moeda malawiana é frequentemente usada nas transacções comerciais em detrimento do metical.

Na verdade, a actividade informal, que cresce a olhos vistos e emprega cada vez mais um número crescente da população na vila municipal de Milange, é uma alternativa ao desemprego cujo índice é bastante elevado e tende a crescer. O comércio prossegue sem freios, ganha vida nas ruas, e é maioritariamente controlado por cidadãos estrangeiros oriundos sobretudo do Malawi. A falta de emprego tem sido uma das grandes preocupações da juventude que, no seu entender, vive num total abandono, uma vez que a vila não conheceu absolutamente nenhum investimento de vulto com o intuito de galvanizar o desenvolvimento económico local.

A vila de Milange, para os mais jovens, ainda é um lugar



com o progresso retardado. A maioria não tem motivos de orgulho do município onde reside há anos. Jorge Almeida, de 36 anos de idade, afirma que em Milange ainda não se assistiu aos primeiros sinais de desenvolvimento desde a sua municipalização. “Desde que a vila foi elevada à categoria de município nada mudou, as vias de acesso continuam precárias e a população ainda continua privada de serviços básicos”, diz. O desagrado de viver neste município que, por sinal, é a sede do distrito mais povoado da província da Zambézia, está estampado nos rostos dos munícipes.

Acesso a água e ao saneamento do meio

O acesso a água potável é uma dor de cabeça na vila de Milange. Todos os dias, os munícipes de Milange passam pelo drama de não ter o precioso líquido para consumo. Nos últimos tempos, o problema tem vindo a verificar-se com maior intensidade. E essa situação afecta directamente pouco mais de metade dos residentes da autarquia.

Na maioria dos bairros o acesso a água potável ainda é um problema sério. Pelas manhãs e finais de tarde, os munícipes, principalmente mulheres e crianças, deslocam-se aos riachos que atravessam o município para obter água. Alguns são obrigados a percorrer longas distâncias, apesar de as autoridades municipais terem aumentado o número de furos nos últimos tempos.

No manifesto eleitoral do actual edil a questão de acesso a água canalizada para a população é uma das principais prioridades, porém, pouco foi feito. A solução encontrada pelos moradores mais desfavorecidos é o rio, para onde centenas de famílias acorrem para lavar a roupa e acarretar água para consumo. Refira-se que a percentagem de cobertura da rede de abastecimento de água canalizada em Milange ainda é insatisfatória. É, na verdade, um martírio que perdura há vários anos. Embora cada ano se registre melhorias no fornecimento de água, todos os dias, sobretudo durante as manhãs e no fim da tarde, a imagem continua a mesma: munícipes com recipientes à procura de água.

De forma geral, o saneamento do meio é preocupante, principalmente nos bairros periféricos, onde se encontra a maior parte dos munícipes, apesar de haver recolha de resíduos sólidos de forma permanente. Na verdade, a cobertura de serviço municipal ainda é deficitária, limitando-se à zona de cimento, com destaque para o perímetro onde funcionam os serviços de administração distrital. Como alternativa, os moradores da zona suburbana depositam os detritos ao ar livre.

Outra questão preocupante relaciona-se com a falta de uma



ACONTECEU
A verdade em cada palavra.
Seja um Cidadão e Reporte a Verdade
SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634
@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.



lixeria com todas as condições necessárias para o tratamento de resíduos sólidos. A falta de sanitários públicos, sobretudo nos locais de grande concentração humana, como, por exemplo, os mercados, é também um problema que sobressai aos olhos de qualquer um.

Estradas e urbanização

A nível do município, as questões relacionadas com estradas e o ordenamento territorial são um problema bem patente. No que toca ao melhoramento das vias públicas, ainda há muito por ser feito. Diga-se, em abono da verdade, nesta componente, quase nada foi feito nos últimos tempos, ou seja, não houve nenhuma intervenção digna de registo. As poucas vias de acesso não foram asfaltadas, e outras continuam esburacadas e de terra batida, e não oferecem as mais elementares condições de transitabilidade.

Milange conta apenas com uma única via asfaltada, que é a estrada principal que liga a autarquia ao vizinho Malawi. Em alguns bairros, houve diversas intervenções, nomeadamente a abertura e o alargamento de vias de acesso.

Aliado à precariedade das vias públicas, está o problema da falta de ordenamento territorial em alguns bairros periféricos. Todos os dias, cresce o número de construções desordenadas com materiais não convencionais, na sua maioria nas regiões de grande risco, uma vez que a autarquia é propensa à erosão. A construção desordenada de habitações também é uma das preocupações da edilidade. A justificação para o recrudescimento de edificações em locais impróprios é o crescimento da população. Em 1997, o município dispunha de pouco mais de 17 mil habitantes, e presenteemente conta com mais de 191 mil.

A vila de Milange apresenta características rurais. Apesar de as autoridades municipais disporem de um projecto de estrutura urbana, nota-se que ainda não existe um plano de ordenamento eficaz dos bairros, razão pela qual se assiste a um índice crescente de edificação anárquica de moradias. A maioria das quatro zonas residenciais necessita de requalificação. Na verdade, não se pode falar de urbanização naquela autarquia.

Saúde, transporte e rede eléctrica

O acesso à saúde ainda não é satisfatório. A nível do distrito, Milange conta com 11 unidades sanitárias. Apesar disso, o dilema continua a ser o tempo de espera para se obter atendimento médico, além de ainda se assistir a casos de pessoas que têm de percorrer longas distâncias para obterem cuidados médicos. A malária e as doenças diarreicas têm sido as principais causas de internamento nas unidades sanitárias.

No que diz respeito ao transporte, não existe transporte público na autarquia e grande parte dos residentes, que não possuem meios circulantes próprios é obrigada a deslocar-se a pé para alguns pontos do município. Os chapas fazem apenas as ligações da vila municipal às cidades de Mocuba e Quelimane.

A expansão da rede eléctrica no município de Milange ainda acontece de forma tímida. Quase metade dos municípios não tem electricidade nas suas respectivas casas. Os que dispõem dela, esta não chega nas condições desejáveis. No entanto, têm sido levadas a cabo actividades de renovação da linha ou de substituição dos cabos eléctricos de modo que a energia abranja a todos. De forma gradual, assiste-se à expansão da rede eléctrica para diversas zonas rurais da área municipal.



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

° Aniversário d'Verdade

A Verdade não tem preço desde 2008



Nas garras da erosão

O crescimento vertiginoso da mancha urbana e a incapacidade financeira da edilidade transformaram a erosão num problema quotidiano. Manica poderia ser um lugar mais atractivo se a expansão da urbanização fosse acompanhada de um sistema uno de drenagem de águas pluviais. A gestão dos resíduos sólidos – ainda que exclua partes consideráveis da circunscrição – é eficaz. A colecta de impostos poderia ser melhor, mas os munícipes ainda não compreendem o sentido de autarquia.

Texto & Foto: Rui Lamarques

Um dos desafios de um município em expansão é conciliar o desenvolvimento económico com a preservação do ambiente. Os problemas decorrentes desse desequilíbrio são o desemprego e o surgimento de famílias carenciadas. O investimento em infra-estruturas é fundamental para que o crescimento não seja sinónimo de problema. O acesso aos serviços de água canalizada, luz e cuidados sanitários é imprescindível. Manica tem de olhar para este aspecto para se tornar uma cidade melhor para os seus habitantes.

Os dados compilados pelo Ministério da Administração Estatal indicam que em Manica o desemprego nunca foi um problema. O levantamento feito em 2002 dá conta de uma taxa de empregabilidade na ordem dos 85 por cento. Efectivamente, existem em funcionamento 1.056 barracas, 805 bancas, 31 estabelecimentos comerciais, 15 operadores hoteleiros, três unidades agro-indústrias, duas agências funerárias privadas, uma clínica, sete restaurantes, 20 carpintarias de pequeno porte e uma olaria. Estas actividades asseguram 2.789 postos de trabalho. O Estado emprega apenas 719 munícipes. O total de pessoas assalariadas é de 3.200 cidadãos. O sector privado absorve praticamente o dobro da actual capacidade do Estado em Manica: 1.344 funcionários.

No início do actual mandato, a cidade de Manica tinha como desafios o aumento da cobrança de taxas, a ampliação da rede de abastecimento de energia na zona de expansão da urbe, o crescimento da capacidade do sistema de abastecimento de água, o melhoramento das vias de acesso e o controlo da erosão e das queimadas. Volvidos quatro anos e oito meses, esses problemas continuaram actuais em alguns bairros.

Contudo, o reordenamento territorial que se traduziu num sistema de cadastro urbano expedito e a construção de valas de drenagem das águas pluviais nas diversas artérias da pequena cidade fronteiriça representam, na verdade, a administração de um fármaco para aliviar os sintomas dos problemas de que enferma a urbe.

Os bairros Josina Machel, 4o Congresso e 7 de Abril dão corpo ao esforço da edilidade no que concerne aos desa-



fios da urbanização. As vias de acesso, devido à natureza do relevo da urbe caracterizado por montanhas, declives e rios, impediam a circulação de viaturas. A realidade nos dias que correm é outra. Engana-se, porém, quem julga que a erosão foi relegada para o passado. É um problema presente no dia-a-dia da vida dos munícipes.

@Verdade visitou os bairros Josina Machel, 25 de Setembro, Vumba e 7 de Abril. Pela janela do táxi, que avançava aos solavancos pela periferia de Manica, a visão da erosão impressiona. À medida que seguíamos pela estrada de terra batida, os buracos surgem, ameaçando propriedades, a rede de iluminação e até cemitérios, em localidades como Manhate, a 10 quilómetros da sede do município, que sofre com a erosão causada pela acção do homem e das chuvas.

A edilidade reconhece-se incapaz de combater o problema. No entanto, tem em carteira um projecto avaliado em cerca de dois milhões de meticais. Efectivamente, o projecto já foi apresentado ao Banco Mundial, através do Ministério da Administração Estatal. Com esse montante, Manica pretende, ao menos, minimizar o problema cuja gravidade exige muito mais investimentos. Paradoxalmente, o combate à erosão constitui uma das principais tarefas constantes do manifesto eleitoral e do plano estratégico da edilidade.

Um outro grande desafio do elenco que governa o segundo pólo económico da província com o nome da autarquia está relacionado com o abastecimento de água, cuja cobertura subiu de forma exponencial com a entrada em funcionamento do FIPAG, através do seu projecto de abastecimento do precioso líquido

a partir da albufeira de Chicamba.

Actualmente a cobertura através de fontanários passou de 800 para 35 mil pessoas, como resultado da abertura de 30 furos nos bairros periféricos e outros quatro pequenos sistemas de abastecimento.

O mercado municipal: um lugar de (des)encontros

Fisicamente, é difícil saber onde começa e termina o mercado municipal. O formal mescla-se com o informal e as fronteiras esbatem-se. Lojas vivem paredes-meias com vendedoras de hortícolas e bugigangas. À primeira vista, o que chama a atenção é, sem dúvida, o caos que caracteriza o espaço. Verifica-se por ali um intenso movimento de peões, um ruído plural e ensurdecido de vendedeiras de pão e de quinquilharias, gritos de angariadores de passageiros e do cobrador que nunca se conforma com a lotação do “chapa”. Em Manica os transportadores públicos usam camionetas para levar pessoas e bens. A hora de partida é determinada pelo número de passageiros. As pessoas ficam horas sem fim a aguardar pela partida. A viagem é extremamente desconfortável, mas ninguém reclama.

Depois há o lado sociológico. O espaço distingue-se pelas con-



A CONTECEU
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.



vivências sociais e aprendizagens diversas, como nos deram a conhecer alguns jovens. Estes preferem o mercado à escola. Ali aprendem a sobreviver no informal, a desenrascar a vida, bem como a solucionar problemas mais pontuais. “Temos pais e casa, mas preferimos o mercado porque conseguimos sobreviver daqui”, afirmam.

Aliadas a essa tendência, estão as diversas histórias de vida levadas a cabo por gente que assume o local como um meio para realizar sonhos e construir futuros. Santiago Gimo, de 26 anos, oriundo do distrito de Bárue (sobre) vive ali desde 2004

chuva. “Só me restou alugar esta banca para ganhar a vida”, diz. Com a escassez de emprego, o comércio informal e o garimpo tornaram-se um meio de renda para centenas de jovens em Manica. João vive numa casa sem água. Sem rede de saneamento e nem esgoto, o jovem compra água limpa num fontenário que dista cinco quilómetros da sua residência. A habitação só tem um quarto e sala para Canivete, um filho, uma filha e dois sobrinhos. A única renda certa vem da esposa, ajudante de cozinha num restaurante. “O indispensável aqui seria a drenagem, a luz, a água potável e a escola para os meus filhos... Falta tudo”. Como ele,



quando veio para Manica arrastado pela promessa de enriquecimento fácil no garimpo artesanal. A vida não tem sido fácil e encontrar ouro está cada vez mais difícil. “Vim para fazer mineração, mas não deu certo. É um trabalho muito pesado. Estava com um amigo, mas assim que chegámos ele abandonou-me e, porque não conhecia a cidade, decidi ficar aqui. Arranjei primeiro um emprego a lavar loiça numa barraca onde se vendia comida. Hoje com o pouco dinheiro que obtive tenho o meu próprio negócio: vendo água gelada em frascos que antes continham água mineral.”

João Canivete, de 34 anos de idade, era camponês até que o produto do seu trabalho foi levado pela

40 por cento da população de Manica vivem em bairros com pouca ou nenhuma infra-estrutura e cada vez mais distantes.

No início do processo de municipalização, há 14 anos, “a esperança era enorme, pensávamos que era o início de uma nova era. Este optimismo diminuiu muito”, diz um residente insatisfeito.

Do ponto de vista social, a mudança é radical. Os munícipes têm de contribuir para o desenvolvimento da urbe. Isso não é bem visto por grande parte das pessoas. A adopção da taxa de recolha de lixo, impopular no seio dos residentes, constitui a maior dor de cabeça para a edilidade.



Contexto histórico

Sede do distrito do mesmo nome, situa-se na zona oeste da província de Manica próximo de Machipanda e é o segundo maior centro económico da província. Tem como limites geográficos o rio Révuê a norte; a sul a localidade de Chinhambudzi; a este o Posto administrativo de Messica; e a oeste a linha férrea Beira-Machipanda.

O subsolo é rico em ocorrência de águas minerais e minérios de ouro, ferro, bauxite, mica, feldspato, asbestos, ciomite e cassiterite. Possui ainda potencialidades agrícolas de elevado valor económico e diversidade, particularmente no espaço aberto situado nas serras de Vumba e Vengo.

A vila de Manica apresenta uma atraente configuração paisagística com instalações turísticas e zonas de expansão agrícolas; e um ar cosmopolita marcado pela corrida ao ouro que no passado fez convergir no local prospectores de diferentes origens. Com uma população actualmente estimada em 42.430 habitantes, distribuídos por uma superfície de 113 Km², a cidade está organizada em 10 bairros. O substrato populacional pertence à família Shona através dos grupos Manyica e Tewes (Dias, 1981).

A povoação, criada a 10 de Março de 1894 como Capitania Mor com sede na povoação de Macequece, situada nos arredores da actual cidade de Manica, deve a sua importância às rotas comerciais de ouro e ferro. A vila teve o seu foral aprovado no dia 4 de Agosto de 1956 (Portaria número 11583) e foi elevada à categoria de cidade a 5 de Dezembro de 1972 (Portaria número 1043/72). Em 1978 a Câmara Municipal foi transformada em Conselho Executivo ao abrigo da Lei nº 7/78 de 22 de Abril. Pela resolução no 8/86 de 25 de Junho a vila foi elevada à categoria de cidade.

A resolução nº 7/87 classificou-a com nível D. A Lei nº 3/94 determinou a criação do distrito municipal, extinto em 1997 com a criação do Conselho Municipal, de conformidade com a Lei nº 10/97. Em língua local, o nome provém da aglutinação dos termos Ma-Nyica que significa gente da casa/terra, natural.

Município de Manica em números

- População 42430 habitantes
- População urbana 25 por cento
- População rural 40 por cento
- Estradas asfaltadas 7000 metros
- Estradas com iluminação pública 8400 metros
- Fontenários 72
- Aterros sanitários 1
- Mercados 4
- Sanitários públicos 5
- População economicamente activa 30 por cento
- Taxa de emprego 85 por cento
- Casas com água canalizada 17 por cento
- Casas com saneamento e dreno 80 por cento
- Casas com corrente eléctrica 21 por cento



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

O lucrativo bumerangue da ajuda norte-americana ao Egipto

Os Estados Unidos recusam-se a suspender a sua ajuda militar anual de 1,3 bilião de dólares ao Egipto, onde as forças armadas derrubaram o Governo democraticamente eleito em Julho, com o argumento de que essa medida “desestabilizaria” ainda mais aquele país. Contudo, provavelmente a verdadeira razão seja a de que Washington deseja simplesmente proteger a sua indústria do sector de defesa. Praticamente, a totalidade do referido valor concedido ao Cairo por meio do programa de Financiamento Militar Estrangeiro (FMF) retorne à economia norte-americana, especificamente para a sua indústria de armas.

Texto: Thalif Deen/ Envolverde/IPS • Foto: Gianluigi Guercia/AFP

William Hartung, director do Projecto de Armas e Segurança do Centro para Políticas Internacionais, disse à IPS que a recusa do Presidente Barack Obama de suspender a ajuda é algo “inadmissível”, porque o arsenal norte-americano está a ser usado para matar manifestantes pacíficos no Egipto. “As razões alegadas para manter a ajuda não se sustentam diante de nenhum exame”, afirmou. A ajuda tampouco é usada por Washington como alavanca para influir nas forças armadas egípcias, de 438,5 mil efectivos, realçou Hartung, autor de muitas análises sobre a indústria armamentista norte-americana.

“O que a assistência fez e continua a fazer é enriquecer as indústrias do sector de defesa norte-americanas, como a Lockheed e a General Dynamics”, ressaltou, acrescentando que, com a excepção de uma fábrica de tanques, a maior parte dos cerca de 40 biliões de dólares entregues por Washington ao Cairo nos últimos 30 anos foi directamente para os cofres de fabricantes norte-americanos de armas.

Os sofisticados sistemas de armamentos já adquiridos pelo Egipto incluem aviões de combate F-16, de reconhecimento E2-C Hawkeye, helicópteros Apache e Sikorsky, aviões de transporte C-130, Sidewinder, mísseis Sparrow, Improved-Hawk e Hellfire, tanques de guerra M-1A1 Abrams e M60A1, e veículos blindados M113A2. Todo esse



arsenal é fornecido por grandes empresas de defesa norte-americanas, como Lockheed Martin, Northrop Grumman, General Electric, Boeing, Sikorsky, General Dynamics, Unidefence e Raytheon, entre outras.

Além das doações directas no valor de 1,3 bilião de dólares anuais do FMF, o Egipto também recebe por ano 1,9 bilião pela iniciativa Educação e Treino Militar Internacional, e outros 250 mil dólares do Fundo de Ajuda Económica dos Estados Unidos. O Egipto também recebe, a cada ano, com custos mínimos de envio, equipamentos norte-americanos de segunda mão no valor de centenas de milhões de dólares, graças ao programa de Artigos de Defesa Excedentes.

A General Dynamics colabora com Cairo na fabricação de tanques de guerra M1A1 Abrams, projecto considerado “um dos pilares da assistência militar dos Estados Unidos ao Cairo”. Ao mesmo tempo, há um programa em marcha para manter, reparar e actualizar equipamento bélico norte-americano em mãos egípcias.

Num artigo publicado no site de notícias Common Dreams, o jornalista Jacob Chamberlain cita um informe da National Public Radio indicando que a cada ano o congresso norte-americano destina mais de 1 bilião de dólares em ajuda militar ao Egipto. “Mas esse dinheiro nunca chega ao Cairo. Vai parar no Banco do Federal Reserve, em Nova York, depois segue para um fundo fiduciário no Departamento do Tesouro e, por fim, cai nas mãos das empresas militares norte-americanas, que fabricam tanques e jactos, que são, finalmente, enviados para o Egipto”, afirmou.

Até agora, o Governo de Obama só castigou o novo Governo do Egipto com a suspensão do envio de quatro aviões de combate F-16 (a força aérea desse país já tem 143, e a última ordem de compra de 20 aeronaves é de Março de 2010), e com o cancelamento dos exercícios militares conjuntos previstos para Setembro. Washington também resiste a referir-se ao derrube do Presidente egípcio, Mohamed Morsi, no dia 3 de Julho, como “golpe de Estado”, pois se o fizer estará obrigado pelas próprias leis norte-americanas a suspender a ajuda. Isso apesar de as manifestações e a repressão dos últimos dias no Egipto terem deixado um

saldo de aproximadamente mil mortos e mais de cinco mil feridos, segundo as últimas estimativas.

Pieter Wezeman, pesquisador do Programa de Transferência de Armas do Instituto Internacional de Estocolmo para a Investigação da Paz, disse à IPS que “é certo que a indústria militar norte-americana beneficia da ajuda ao Egipto. E é correcto pensar que, se os Estados Unidos deixarem de fornecer essa assistência, isso terá algum efeito na indústria de armas norte-americana”. Entretanto, observou, “tenho dúvidas de que o lobby da indústria ou a preocupação com elas sejam razões para Washington manter a ajuda do FMF ao Egipto”.

Wezeman acrescentou que Obama também poderia adoptar uma suspensão temporária, o que causaria um efeito menor na indústria. “Os equipamentos bélicos comprados podem ser armazenados pelo próprio Governo dos Estados Unidos – que no fim das contas é a entidade que assina os contratos com a própria indústria – até que mude a situação no Egipto”, opinou, lembrando que Washington já adoptou embargos contra grandes compradores das suas armas e suspendeu ajuda militar no passado, apesar dos óbvios custos para os fabricantes.

Os melhores exemplos foram a Índia em 1963, o Irão em 1979 e o Paquistão no começo da década de 1990. A ajuda militar a países como Grécia diminuiu drasticamente nos anos 1980 e 1990 e agora está na sua mínima expressão. Wezeman destacou que, embora 1,3 bilião de dólares ao ano seja muito dinheiro, é relativamente pouco comparado com os actuais cortes no gasto militar de Washington, que terão um efeito muito maior na indústria de defesa norte-americana.

Mubarak em tribunal, Badie ausente por “razões de segurança”

Julgamento em que o antigo ditador é acusado de cumplicidade na morte de manifestantes recomeçou no Cairo. Processo contra líder da Irmandade Muçulmana foi adiado para Outubro.

Texto: jornal Público, de Lisboa • Foto: EFE

Três dias depois de sair da prisão, o antigo Presidente egípcio Hosni Mubarak regressou a tribunal no reinício do julgamento em que é acusado de cumplicidade na morte de manifestantes durante a revolta de 2011. O processo contra os três principais líderes da Irmandade Muçulmana, que deveria ter começado também neste domingo, foi adiado por “razões de segurança”.

De fato de treino branco e os habituais óculos escuros, o antigo ditador assistiu ao reinício do processo sentado numa cadeira de rodas, por trás das grades de ferro que rodeiam o banco dos arguidos. Ao seu lado, os dois filhos Alaa e Gamal, o seu último ministro do Interior, Habib al-Adly, e seis outros antigos responsáveis pelas forças de segurança. Segundo a BBC, Mubarak terá sido transportado de helicóptero entre o hospital militar e a academia da Polícia, um edifício rodeado de fortes medidas de segurança onde decorre o julgamento.

Em Junho de 2012, Mubarak e Adly foram condenados a prisão perpétua por não terem impedido a morte de 850 pessoas durante os protestos que terminariam com o derrube do ex-Presidente, mas os restantes dirigentes foram absolvidos. Mubarak e os filhos foram também ilibados de acusações por corrupção incluídas no mesmo processo.



Já em Janeiro, um tribunal de recurso anulou o veredicto e ordenou a repetição do julgamento, alegando várias irregularidades, e o novo processo foi iniciado em Maio, mas tem sido marcado por sucessivos incidentes e adiamentos – percalços que levam os activistas que lideraram a revolução a acusar o Ministério Público e os juizes, a maioria ainda nomeados pelo antigo ditador, de arrastarem o julgamento com a intenção de evitar um veredicto. Uma suspeita que cresceu na quinta-feira, quando o antigo ditador foi autorizado a sair da prisão de Tora para um hospital militar depois de a justiça considerar ultrapassado o limite máximo para a prisão preventiva. Temendo protestos, o Governo invocou o estado de emergência para o colocar em regime de prisão preventiva num hospital militar nos arredores do Cairo.

Mubarak acaba por regressar a julgamento num momento em que os generais detêm novamente as rédeas do poder – o Presidente Mohamed Morsi, dirigente da Irmandade Muçulmana e primeiro chefe de Estado democraticamente eleito, foi deposto

a 3 de Julho depois de enormes manifestações da oposição que o acusavam de autoritarismo e de querer islamizar o país.

Julgamento adiado

Ironicamente, estava agendado também para o passado domingo (25) o início do julgamento de Mohamed Badie, líder máximo da Irmandade Muçulmana, e dos seus dois adjuntos, Khairat al-Shater e Rachad Bayoumi. São acusados do crime de “incitação ao homicídio” e de responsabilidade na morte de oito manifestantes durante um ataque da oposição ao quartel-general da Irmandade a 30 de Junho, dia da grande mobilização contra Morsi. Pelos crimes, de que estão também acusados outros três dirigentes do movimento islamista, arriscam a ser condenados à pena capital.

O tribunal reuniu-se durante alguns minutos, mas a sessão acabou por ser adiada dada a ausência dos três arguidos que não foram levados ao local por “razões de segurança”. O colectivo de juizes agendou uma nova sessão para 29 de Outubro, requerendo que Badie e os outros réus estejam presentes.

Badie foi detido terça-feira (20), quase uma semana depois do ataque das forças de segurança contra os acampamentos que a Irmandade ergueu no Cairo em protesto contra a deposição de Morsi. Mais de 600 pessoas, na esmagadora maioria apoiantes da Irmandade, foram mortas durante a ofensiva, alvo de fortes críticas internacionais, e o balanço elevou-se para perto de mil na violência dos três dias seguintes. Mais de mil pessoas foram também detidas, incluindo quase todos os membros da cúpula do movimento islamista que, face à repressão, se mostra agora desorganizado e incapaz de mobilizar os seus apoiantes.

Famoso discurso de Luther King quase não incluiu a frase “Eu tenho um sonho”

Clarence Jones estava sentado 15 metros atrás do seu chefe, o Dr. Martin Luther King Jr., naquele dia brilhante e ensolarado de 1963 quando King fez o discurso que iria mudar para sempre o curso das relações raciais nos Estados Unidos. Agora, 50 anos depois, Jones recorda como as palavras “Eu tenho um sonho” não estavam escritas no texto que King preparou e começou a ler naquele dia. King improvisou na altura, revivendo uma frase que ele tinha usado anteriormente sem muito impacto, segundo Jones, advogado, redactor de discursos e confidente de King.

Texto: Redacção/Agências

“Eu tenho um sonho”, gritou King à multidão, a sua voz reverberando com emoção, “que meus quatro filhos pequenos um dia vivam numa nação onde serão julgados não pela cor de sua pele, mas pelo conteúdo de seu carácter”. Feito 50 anos atrás



numa quarta-feira, a imagem de King e do seu sonho por uma América melhor ainda inspira os Estados Unidos.

O discurso foi feito para mais de 250.000 pessoas que foram até a capital, Washington, para marchar pelos direitos civis, numa época em que ainda era ilegal que negros e brancos se casassem em muitos Estados, e poucos meses depois de manifestantes no Alabama terem sido atacados por cães polícias e mangueiras de bombeiros.

King havia falado antes sobre ter um sonho para os seus filhos e para a América, mas a frase nunca tinha realmente tido impacto no público e a ideia foi deixada de fora do texto para o discurso daquele dia, disse Jones numa entrevista para a Reuters perto da sua casa em Palo Alto. Ele também reconta a história no seu li-

vro mais recente, “Behind the Dream”, publicado em 2011. King havia preparado um texto que começava com vários parágrafos redigidos por Jones.

Enquanto King começava a ler o documento, Jones seguia os parágrafos conforme ele falava. Os primeiros sete estavam como ele os havia escrito. Cem anos após a Proclamação da Emancipação que libertou os escravos norte-americanos, “a vida do Negro ainda é terrivelmente incapacitada pelas algemas da segregação e as correntes da discriminação”, entouo King.

Um pastor baptista com um estilo de discurso carismático e comovente, King continuou a ler trechos do texto que ele havia acrescentado aos primeiros parágrafos de Jones. Aí veio a mudança no script. A cantora de gospel Mahalia Jackson, que tinha apresentado a canção “How I Got Over”, gritou do estrado: “Conte-lhes sobre o sonho, Martin”, disse ela, segundo Jones. “Conte-lhes sobre o sonho!”

Jones, que é autor de dois livros sobre King, ensina na Universidade de Stanford e na Universidade de São Francisco. Ele nasceu em Filadélfia em 1931 e conheceu King em 1960, permanecendo próximo a ele até o assassinato de King em 1968. Disse acreditar que várias condições naquele dia ajudaram a fazer aquele momento histórico: o lindo tempo; a presença de mais de 250.000 pessoas; um discurso poderoso que precedeu o de King feito por Joachim Prinz, então presidente do Congresso Judaico Americano; a localização, aos pés do Memorial de Lincoln, e o centenário da Proclamação da Emancipação em 1863, que libertou os negros escravos nos Estados Unidos.

A ira entre os negros norte-americanos também estava no limite, disse Jones. Imagens de cães da Polícia e de mangueiras para apagar incêndios a ser usados contra manifestantes pacíficos, inclusive crianças, nos protestos em Birmingham, Alabama, enfiaram os afro-americanos e chocaram muitos em todo o mundo. “Não se pode entender o discurso ‘Eu tenho um sonho’”, disse Jones, “a menos que se pare e se reflita sobre as circunstâncias históricas que tinham lugar nos EUA naquele tempo”.

Fotojornalista violada por um grupo na Índia

Uma fotojornalista estagiária, de 22 anos, foi violada por um grupo presumivelmente constituído por cinco homens, em Bombaim, Índia, na passada quinta-feira 22. A vítima deu entrada num hospital com hemorragias internas, mas encontra-se livre de perigo. A polícia conduziu dez suspeitos para interrogatório e deteve cinco.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Hindustan Times



Segundo a edição online do jornal Times of India, os atacantes agiram em grupo: três terão violado a jovem, ao passo que outros dois terão manietado um colega da estagiária, depois de lhe baterem. Ambos estavam ao serviço de uma revista de lifestyle e encontravam-se a fotografar nas instalações de uma fábrica abandonada em Mahalaxmi.


Esta zona é descrita pela Reuters como um antigo bairro industrial que é uma das zonas de maior crescimento em Bombaim, com apartamentos de luxo, centros comerciais e bares.

A Polícia divulgou, através dos jornais, o esboço das caras de cinco suspeitos, conforme descritos pelo colega da vítima. O jornal Hindustan Times diz que as autoridades detiveram cinco suspeitos. Um comissário descreveu em declarações à Reuters o que se passou.

“A jovem e o seu colega estavam a fotografar. Dois homens aproximaram-se dela, perguntando se tinham autorização para fotografarem ali”, contou Satyapal Singh. O local do crime é adjacente a uma linha férrea. Os homens alegaram que os dois colaboradores da revista estariam em propriedade privada. “Um terceiro homem juntou-se ao grupo e violou a fotógrafa em grupo”, acrescentou o comissário, revelando que dez suspeitos foram conduzidos à esquadra para interrogatório.

A segurança das mulheres na Índia volta assim a ser questionada e mais um caso de violação em grupo gera protestos. Bombaim é considerada uma das cidades mais seguras para as mulheres na Índia. Por isso, diz o jornal Hindustan Times, muitos dos que agora fazem ouvir as suas críticas, sobretudo através das redes sociais na Internet, questionam se Bombaim está a seguir o caminho de Nova Deli em termos de ameaças à integridade das mulheres.

Em Dezembro de 2012, dezenas de milhares de indianos foram para a rua protestar, na sequência de um caso semelhante que ocorreu em Nova Deli, num autocarro, e envolveu uma estudante de medicina, de 23 anos, que acabou por morrer duas semanas mais tarde, por causa dos ferimentos sofridos. O julgamento dos agressores desse caso está na fase final. Uma das sentenças, relativa a um menor, deverá ser lida até ao final do mês de Agosto, diz a Reuters.



KPMG
cutting through complexity

Cursos
Moçambique

AUDITORIA INTERNA AO PROCESSO DE RECURSOS HUMANOS



O não cumprimento da Lei de trabalho, dedução incorrecta de Taxas e Impostos, não arquivo da documentação, compensação inadequada, programas de benefícios ou políticas ultrapassadas, representam risco para as organizações, por isso, no ambiente de hoje, a Auditoria e Avaliação dos Riscos e Controles da área de RH está a tornar-se cada vez mais importante para as organizações.

Este curso irá orientar-lhe em como a Auditoria a Área de RH deve ser conduzida visando:

- Melhorar a sua compreensão dos processos e actividades complexas de RH;
- Aumentar o seu conhecimento das principais áreas de risco de RH e as boas práticas de gestão de RH;
- Consolidar o seu conhecimento de auditoria de RH;

Quem deve participar?

- Auditores que queiram melhorar a sua compreensão dos processos e riscos chave de recursos humanos;
- Directores de RH que queiram avaliar os seus departamentos com as melhores práticas e questões de conformidade;
- Profissionais de RH que gostariam de melhorar a sua compreensão das áreas de risco em recursos humanos; e
- Qualquer outra parte interessada.

Conteúdo

- Aspectos chave e relevantes na Lei de Trabalho;
- Como auditar os principais processos de RH;
 - Políticas e Procedimentos de RH;
 - Recrutamento e Selecção de Pessoal;
 - Contratação de Pessoal;
 - Formação e Desenvolvimento de Pessoas;
 - Avaliação de Desempenho;
 - Compensações e Benefícios; e
- Relatórios de Auditoria.

10 a 12 de Setembro 2013

Local: Escritórios da KPMG em Maputo

Data Limite para Inscrições: 06 de Setembro de 2013

Custo por Pessoa: **40 000.00 MT** (IVA incluído)

10% de Desconto para grupo empresarial (mais de cinco participantes)

N.B.: Trazer o seu computador dar-lhe-á vantagens nos exercícios práticos

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, n.º 72C, Edifício Holland, Maputo

Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358

O conteúdo da formação e eventuais dúvidas podem ser esclarecidos junto de Sandra Nhachale pelo e-mail snhachale@kpmg.com

Afrobasket: Aspirações de Moçambique foram “sol de pouca dura”

A selecção nacional de basquetebol sénior masculina não conseguiu orgulhar o país no Campeonato Africano da modalidade, prova que tem lugar na capital da Costa do Marfim, Abidjan, desde o passado dia 20 de Agosto até ao próximo sábado (31). Depois da vitória no primeiro jogo, Moçambique perdeu as restantes partidas que teve pela frente.

Texto & Foto: Redacção/Agências

Foi uma vitória sofrida. O conjunto comandado por Milagre Macome entrou bastante ansioso no primeiro confronto, diante da República Centro-Africana, factor que lhe custou derrotas nos dois primeiros períodos por 17-8 e 22-19.

Mas, no terceiro e penúltimo tempo, os moçambicanos entraram dispostos a mudar o rumo dos acontecimentos, liderados pela tripla António Matos, Octávio Magoliço e Custódio Muchate que ajudou a recuperar a desvantagem, vencendo até ao intervalo por 12-28.

No último quarto, com o marcador a registar 51 a 55 a favor de Moçambique, a República Centro-Africana tentou, em vão, correr atrás do prejuízo, conseguindo, no mínimo, um empate a 15 pontos.

António Matos foi o melhor marcador de Moçambique com 13 pontos, enquanto a dupla Custódio Muchate e Octávio Magoliço teve o mesmo número de ressaltos, oito para cada um.

O esforço físico tramou a selecção nacional

Na quinta-feira (22), ou seja, no terceiro dia do certame, Moçambique defrontou a sua congénere de Angola, num jogo em que o esforço físico foi levado até ao extremo pelos pupilos de Milagre Macome. A falta de rodagem vingou neste confronto. Mas o grande destaque vai para o erro cometido pela organização que tocou uma canção que não tem nada a ver com o hino nacional.

Nos primeiros instantes da partida, o combinado nacional revelou altos índices de precipitação factor que, jogados apenas três minutos, perdendo por 3 a 6, obrigou Macome a pedir um tempo de desconto. No regresso, a selecção angolana mudou completamente de abordagem de jogo, privilegiando a pressão alta sobre Moçambique que exibiu sérias dificuldades para reter a bola e encontrar espaços para os passes.

Depois de muita “luta”, os angolanos cederam e Moçambique conseguiu, a dois minutos e 37 segundos do fim do primeiro tempo, estar na frente do marcador, vantagem que durou pouco tempo, pois Rage Moore, no contra-ataque seguinte, fez um triplo para o 11-13 a favor de Angola.

A dois minutos do fim, Moçambique não soube tirar proveito do limite de faltas que a selecção angolana havia atingido, saindo a perder por uma diferença de três pontos.

No segundo período, os jogadores da selecção nacional entraram destemidos e, diga-se, aproveitaram o ligeiro cansaço dos angolanos para



implantarem o seu basquetebol. Angola tirou o pé do acelerador e Moçambique explorou o jogo exterior em que se destacou, nesta etapa, Sílvio Letela que fez quatro triplos.

A nossa selecção ganhou por 24 a 20, indo ao intervalo com uma vantagem mínima de 38 a 37.

Uma segunda parte em que vingou o esforço físico

A distração, a desorganização e a precipitação voltaram a tomar conta da equipa de Milagre Macome no reatamento da partida. Em apenas dois minutos, a selecção nacional não soube ter o domínio de bola.

O angolano Carlos Morais, audacioso nos lances triplos, fez com que, em tão pouco tempo, o marcador registasse 38-47 a favor da sua equipa. Neste período, Augusto Matos ainda tentou liderar os seus colegas no jogo transversal. Fez um triplo, um afundação e marcou outros pontos. Tudo em vão. Nada podia deter os rivais que terminaram o terceiro tempo com uma vantagem de nove pontos.

O quarto e último período foi apenas para confirmar o que já se dizia nos bastidores: a falta de rodagem e o próprio aspecto físico dos jogadores moçambicanos seriam os seus primeiros adversários, e não os angolanos, estes que só passearam a classe. Entre triplos, afundações, brilhantes jogadas no interior e lançamentos de meia distância, Angola marcou 31 pontos contra apenas 22 de Moçambique, selando as contas do confronto em 73 a 91.

Sílvio Letela foi o melhor marcador de Moçambique com 12 pontos, numa partida em que David Canivete se destacou como um “res-saltador” por excelência com um total de seis. O angolano Carlos Morais foi o melhor “pontuador” do embate com 16.

Uma oportunidade deixada “voar”

No derradeiro confronto da fase de grupos, a selecção nacional enfrentou a sua congénere de Cabo Verde. Moçambique não teve forças para lutar pela segunda posição e perdeu por uma diferença de 12 pontos. 65 a 53 foi o resultado final.

Neste confronto, destacou-se o gigante Walter que converteu os primeiros quatro pontos do jogo para a selecção de Cabo Verde, que até ao intervalo vencia por 35 a 27, depois de terminar o primeiro período com um resultado favorável de 16 a 13. No final do terceiro período, os cabo-verdianos continuavam a comandar por 46-41, vantagem confirmada no quarto e último período.

Com este resultado, Moçambique qualificou-se na terceira posição para os oitavos-de-final, onde teve pela frente a selecção dos Camarões na tarde de última segunda-feira (26). Neste confronto, os moçambicanos, diga-se, só estiveram em campo somente no primeiro período em que conseguiram igualar o marcador a 14 pontos.

No segundo período, Moçambique não conseguiu manter o ritmo do primeiro, tendo marcado apenas sete pontos contra 21 dos Camarões. 35 a 22 foi o resultado que as duas colectividades levaram ao intervalo. Já na segunda parte, ou seja, no terceiro tempo, a turma camaronesa dominou totalmente o jogo, saindo com uma vantagem de 21 pontos.

Na derradeira etapa, os jogadores da selecção nacional estiveram desorientados e comportaram-se como se de uma equipa de bairro se tratasse a meio de um torneio recreativo, patenteado desorganização e desconcentração. Os Camarões aproveitaram, diga-se, para se treinarem para o seu próximo jogo, vencendo por 75 a 42, resultado que colocou Moçambique a lutar pelo nono lugar.

Neste confronto, a selecção nacional teve um registo de 28 perdas de bola, 24 faltas cometidas, converteu seis dos 28 lançamentos triplos e ganhou apenas 29 ressaltos.

Poule: Estrela Vermelha, Textáfrica e UP de Lichiga na liderança

O Estrela Vermelha de Maputo derrotou, no último sábado (24 de Agosto), o Ferrovário de Gaza em jogo da primeira jornada da poule de apuramento para o Moçambola, edição 2014. No Centro do país, o Textáfrica de Chimoio também conquistou os três primeiros pontos, enquanto o Ferrovário de Pemba se estreou com uma derrota.

Texto & Foto: Redacção

Na zona Sul do país, o Estrela Vermelha recebeu e derrotou em casa a locomotiva da província de Gaza por 2 a 0, em partida que ditou o arranque da fase de apuramento à próxima edição do Campeonato Nacional de Futebol, o Moçambola-2014.

Ainda nesta região, o Desportivo de Maputo “arrancou” uma vitória difícil ao MG da Matola por 2 a 1. Os matolenses deram um susto aos alvinegros, volvidos 44 minutos, quando Dino balançou as redes contrárias.

A igualdade no marcador foi restabelecida 10 minutos depois do reatamento, por intermédio de Lanito. Já sob o apito final do árbitro, Jorge fez a reviravolta, dando os três pontos ao Desportivo.

A grande surpresa da jornada veio da cidade de Chókwè, onde o Samora Machel local empatou sem abertura de contagem com o Incomâti de Xinavane. Com um empate, a um golo, terminou também o confronto entre a Associação Desportiva da Maxixe e o Ferrovário de Inhambane.

No Centro do país, o Textáfrica de Chimoio iniciou com uma vitória a caminhada rumo ao Moçambola, goleando em casa o FC de Angónia por 3 a 1. Quando eram jogados apenas nove minutos, Budy, da turma fabril, abriu o marcador, vantagem que durou até ao primeiro minuto da etapa complementar, momento em que Azire empatou o jogo.



Os restantes golos que deram os três pontos ao Textáfrica surgiram nos minutos 67 e 93, apontados por Dube e Tume, respectivamente.

Também nesta zona do país, o Ferrovário de Quelimane derrotou as Águias de Angónia por 2 a 0, o mesmo resultado obtido pelo Palmeiras de Quelimane na vitória diante do Sporting da Beira.

Ferrovário de Pemba consente derrota

O Ferrovário de Pemba, equipa que desceu de divisão no ano passado, perdeu no seu jogo de estreia por 0 a 2 diante da sensacional Universidade Pedagógica de Lichinga. Idêntico resultado foi verificado no embate entre a Associação Desportiva de Cuamba e o Desportivo de Mueda, cuja vitória pendeu para os representantes de Niassa.

No confronto entre as duas equipas da província de Nampula na poule, o Benfica de Monapo e o Desportivo de Nacala não foram para além de um empate a um golo.

Quadro completo de resultados e próximas jornadas				
Zona Sul				
MG da Matola	1	x	2	Desp. Maputo
AD da Maxixe	1	x	1	Fer. Inhambane
Est. Vermelha	2	x	0	Fer. Gaza
S. M.d e Chókwè	0	x	0	Incomâti
(Segunda Jornada)				
Desp. Maputo		x		Samora Machel
Fer. Gaza		x		MG da Matola
Incomâti		x		AD da Maxixe
Fe. Inhambane		x		Est. Vermelha
Zona Centro				
Fer. Quelimane	2	x	0	Á. Angónia
FC da Beira	0	x	0	Chimoio FC
P. Quelimane	0	x	0	Spor. da Beira
Tex. Chimoio	3	x	1	FC de Angónia
(Próxima jornada)				
Á. Angónia		x		FC da Beira
Spor. Beira		x		Tex. Chimoio
Chimoio FC		x		P. Quelimane
FC de Angónia		x		Fe. Quelimane
Zona norte				
B. Monapo	1	x	1	Fer.Nacala
UP de Lichinga	2	x	0	Fer. Pemba
AD de Cuamba	2	x	0	Desp. Mueda
(Próxima jornada)				
Fer. Nacala		x		UP de Lichinga
Desp. Mueda		x		B. Monapo
Fe. Pemba		x		AD de Cuamba

Futsal : Liga muçulmana goleia e conserva a liderança

A Liga Desportiva Muçulmana de Maputo derrotou, na passada sexta-feira (23 de Agosto), a equipa do Transportes Logística por 5 a 1, em jogo da 13ª jornada do Campeonato de Futsal da Cidade de Maputo.

Texto: Redacção • Foto: Liga Muçulmana



Foi um jogo fácil para os muçulmanos da capital do país, diga-se, com sentido único. Os “transportadores” não tiveram espaço para manobra e nem conseguiram implantar o seu jogo de tanto sufoco desde o primeiro até o último minuto.

A Liga Muçulmana esteve apenas no ataque contra uma equipa que lutava, a todo o custo, para tirar o esférico da sua zona mais recuada, ainda que saindo no contra-ataque. Até ao intervalo, os muçulmanos venciam por dois a zero, não conseguindo mais golos por falta de acerto dos seus jogadores.

Na segunda parte as coisas não mudaram de figura. A Liga potenciou o seu jogo ofensivo à busca de mais golos. Nos primeiros minutos desta etapa não conseguiu suplantar o guarda-redes do Transportes Logística que esteve bastante inspirado e seguro.

A 13 minutos do fim, mercê de um ligeiro cansaço dos muçulmanos, os “transportadores” resolveram então entrar na

partida, o que gerou algum equilíbrio. Mas essa abertura só fez com que a Liga dilatasse o marcador, com dois golos seguidos de Malik.

A equipa do Transportes Logística não cruzou os braços e foi atrás do tento de honra que surgiu a cinco minutos do fim da partida, graças a uma autêntica “brincadeira” de Arcanjo que tentou atrasar o esférico de forma leviana para o seu guarda-redes.

Minutos antes do apito final do árbitro, Arcanjo, o “pecador”, viria a redimir-se do erro que deu o golo aos rivais, ao rematar forte contra o guarda-redes do Transportes, e com o esférico a ir parar no fundo das malhas. 5 a 1 foi o resultado final da partida.

Nos outros confrontos, o Iquebal manteve a perseguição ao líder ao golear a Autoridade Tributária por 4 a 1. 5 a 1 foi o resultado com que a equipa da Petromoc derrotou a Auto-Avenida, enquanto a Brandel venceu a Mcel por 3 a 2. As equipas da MFS e da GSC não foram para além de um empate a um golo.

Com estes resultados, a Liga Muçulmana mantém a liderança com 31 pontos, mais um do que o Iquebal, enquanto a Petromoc ocupa a terceira posição, com 27. Estas três equipas estão na “rota” do Campeonato Nacional de Futsal, prova que irá decorrer ainda neste ano.

Quadro completo de resultados				
L. Muçulmana	5	-	1	T. Logística
MFS	1	-	1	GSC
Iquebal	4	-	1	Aut. Tributária
Petromoc	5	-	1	Auto-Avenida
Brandel	3	-	2	Mcel
Próxima jornada				
Brandel		x		MFS
GCS		x		Auto-Avenida
Petromoc		x		L. Muçulmana
Aut. Tributária		x		Mcel
T. Logística		x		Iquebal

Publicidade



SE BEBERES NÃO CONDUZAS

A CERVEJAS DE MOÇAMBIQUE RECOMENDA O CONSUMO RESPONSÁVEL E MODERADO DE ÁLCOOL

Desporto

Premier League: United e Chelsea decepcionam e empatam

Decepção no primeiro clássico do Campeonato Inglês. Em jogo rodeado de muita expectativa devido ao confronto entre dois dos principais candidatos ao título logo na segunda jornada, Manchester United e Chelsea criaram poucas oportunidades de golo, amarrados em esquemas mais preocupados com os sectores defensivos, e empataram a 0, na segunda-feira, no estádio Old Trafford.

Texto: Redacção/Agências • Foto: LUSA

Cobiçado pelo Chelsea, Rooney foi a principal novidade nas duas equipas e acabou por ser o mais perigoso em campo, principalmente no segundo tempo. Deixou Welbeck livre para marcar e assustou Cech em remates de longe. Mas foi pouco para deixar o clássico minimamente emocionante.

O ponto ganho fora de casa acabou por deixar o Chelsea na liderança isolada, com sete pontos, ainda que com um jogo a mais do que os seus principais concorrentes. Vitorioso na estreia, o United chegou a quatro.

Após trocar farpas em entrevistas, os técnicos David Moyes, no seu primeiro clássico à frente dos Red Devils, e José Mourinho abraçaram-se antes do apito inicial. Enquanto o escocês escalou pela primeira vez Rooney como titular, ao lado de Van Persie no ataque, o português optou por entrar em campo sem um médio atacante, deixando, além de Fernando Torres, o espanhol Mata no banco de reservas e preenchendo o meio-campo com Ramires, Lampard, De Bruyne, Oscar, Hazard e Schürrle como titulares.

Muito fechados, marcando fortemente no meio-



-campo, os dois rivais acabaram por optar por investir ofensivamente no mesmo lado do campo nos 45 minutos iniciais. Enquanto o Chelsea insistiu nos avanços pela esquerda, o United forçou muito o jogo pela direita do ataque.

Sem alterações para o segundo tempo, as equipas voltaram com o mesmo ímpeto na marcação. E a primeira oportunidade só surgiu aos dez minutos. Rooney descobriu Welbeck atrás da defesa na área, mas o atacante finalizou mal, por cima. O Chelsea respondeu com um chute de longe de Cahill, obrigando De Gea a mergulhar para evitar o golo.

Aos 15, Mourinho tentou dar mais agressividade ao Chelsea no ataque, trocando De Bruyne por Fernando Torres. Aos 20, logo depois de mais uma conclusão de longe de Rooney, defendida por Cech, Moyes tirou Valencia e meteu Ashley Young, também com vista a melhorar o poderio ofensivo da sua equipa.

Mas foi de novo o número 10 do United que criou uma oportunidade para marcar. Num remate de fora da área, aos 31, forçou Cech a estirar-se para evitar o golo. Em seguida, Moyes trocou Welbeck pelo veterano Giggs, na sua 50ª partida contra o Chelsea. O jogo continuou muito amarrado, e Mourinho ainda fez duas substituições nos últimos minutos: aos 41, trocou Schürrle por Obi Mikel, e aos 48, tirou Hazard que foi substituído por Azpilicueta, só para deixar bem claro que o empate o satisfaz.

Cardiff surpreende o Manchester City

Na sua primeira partida dentro de casa após ficar 51 anos longe da elite britânica, o Cardiff derrubou o poderoso Manchester City, em reviravolta, por 3 a 2, pela segunda jornada da Premier League.

Após um primeiro tempo sem golos, as equipas deixaram a cota de emoções para a etapa final. Dzeko abriu o marcador logo aos seis num belo remate de direita de fora da área. Só que a reacção dos anfitriões não demorou muito. Aos 14, o Cardiff empatou por Gunnarsson, aproveitando uma defesa incompleta de Hart. Esse, aliás, foi o primeiro golo da equipa galesa nesse retorno à elite britânica.

A reviravolta do Cardiff chegou a 12 minutos do fim da partida. Hart não se fez como devia à bola, após uma saída em falso da baliza, na marcação de um pontapé de canto, e, diante do caminho livre, Campbell atirou de cabeça para o fundo das redes.

Pouco depois, mais festa da claque que lotou as arquibancadas do Cardiff City Stadium. Campbell, novamente ele, aproveitou novo pontapé de canto para, também de cabeça, ampliar a diferença. O árbitro ainda deu seis minutos de compensação e Negredo teve a oportunidade de deixar a sua marca, após cruzamento de David Silva. O City ainda tentou o empate, mas debalde.

La Liga: Adriano garante vitória do Barça

Sem Lionel Messi, Adriano garantiu a vitória do Barcelona por 1 a 0 sobre o Málaga no domingo (25), fora de casa, pela segunda jornada do Campeonato Espanhol.



Texto: Redacção/Agências • Foto: LUSA

Sem o número 10, o Barça demorou a engrenar. A primeira boa oportunidade aconteceu somente aos 27, quando Iniesta bateu da entrada da área após jogada individual, mas a bola parou nas mãos do guarda-redes Caballero. Um minuto depois, foi a vez de Valdés trabalhar em cobrança de falta de Antunes.

No ataque, Alexis Sánchez atrapalhava mais que ajudava, e o Barça apostava em forçar o erro de Caballero para abrir o marcador. Aos 36, o guarda-redes assustou a claque mas evitou o golo após cabeçada do chileno. Aos 43, a rede balançou: Adriano dominou de longe e

arriscou, Caballero facilitou e a bola entrou no canto direito.

O Barça voltou para o segundo tempo com Daniel Alves no lugar de Adriano, que deixou o relvado com dores musculares na coxa direita. Mas Neymar continuou no banco até os 17 minutos, quando substituiu Pedro. Antes da entrada do número 11, a equipa catalã quase ampliou “sem querer” por Piqué, aos 11: após cruzamento de Xavi, o defesa dividiu o esférico com a defesa adversária na área, a bola bateu nas suas costas e tocou o travessão do Málaga.

Com Neymar em campo, o Barça passou a usá-lo como referência e as principais jogadas a partir dos 17 saíram dos pés do ex-santista. Mas a equipa de Martino também apanhou um susto: aos 23, Roque Santa Cruz recebeu e cruzou rasteiro para Fabrice, que dominou e atirou para a trave.

Quando a bola ia para o Barça, geralmente caía nos pés do craque brasileiro. E Neymar passou a ser caçado em campo. Aos 26, Darder e Camargo fizeram falta dupla sobre ele, que “voou” e caiu mal (Darder recebeu o amarelo). Oito minutos depois, o ex-santista fez uma boa jogada individual, arrancou pelo meio e sofreu falta de Darder na entrada da área. Neymar pediu para cobrar e quase marcou: chutou com força para o canto esquerdo, mas Caballero salvou.

Aos 35, a estrela arriscou de novo, de fora da área, mas a bola bateu na defesa e saiu. Dois minutos depois, Neymar sofreu nova falta, dessa vez de Gámez, que ainda deu uma cabeçada no brasileiro. Aos 45, a melhor oportunidade do craque: após furada de Roberto na área, a bola sobrou para Neymar, que ajeitou com carinho e bateu, mas a bola tocou no cal-

canhar de Angeleri e saiu raspando o travessão. Para finalizar, mais uma falta sobre o ex-santista, aos 46, de Darder.

Real derrota Granada

Tudo azul para o Real Madrid. Vestida com o seu uniforme reserva, a equipa fez o suficiente para garantir a sua segunda vitória no Campeonato Espanhol, mantendo os 100% de aproveitamento, à ilharga do rival Barcelona. A actuação não foi das mais brilhantes, mas serviu para derrotar o Granada, por 1 a 0, no estádio Los Cármenes, na segunda-feira (26). O golo da vitória foi de Benzema, logo no início, em assistência involuntária de Cristiano Ronaldo.

Com os três pontos, o Real junta-se a Barcelona, Atlético de Madri, Villarreal e Athletic Bilbao (este, aliás, o próximo adversário merengue, domingo, em Madrid) na liderança do Campeonato Espanhol, com seis. O equipa de Messi está à frente pelo melhor saldo de golos, e os merengues ficam na quinta posição. O Granada continua com três pontos, em nono lugar.



Liga Zon Sagres: Sporting; FC Porto, Rio Ave e Estoril no topo

Ao fim de duas jornadas, são quatro as equipas que somam por vitórias os jogos disputados, com destaque para o ataque demolidor do Sporting, que coloca os Leões no comando do campeonato devido à melhor diferença de golos. Depois de abrir a Liga com um 5 a 1 frente ao estreante Arouca, a equipa agora treinada por Leonardo Jardim voltou a ganhar por quatro golos de diferença, mas agora sem que Rui Patrício fosse batido.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Lusa



A vítima foi a Académica, em Coimbra, e os adeptos leoninos têm claramente razões para encarar com grande confiança esta temporada. O colombiano Fredy Montero, depois do hat-trick na primeira jornada, voltou a marcar e é o líder dos melhores marcadores. O Sporting tem a companhia de mais três equipas no topo, com destaque para o FC Porto.

O tricampeão português realizou o primeiro jogo em casa esta época e o Estádio do Dragão viu uma equipa capaz e eficaz, que despachou o Marítimo (que tinha vencido o Benfica na semana passada) por um claro 3 a 0. Jackson Martínez marcou o golo da ordem, a abrir caminho ao sucesso.

No topo estão, também, o Rio Ave, que continua a mostrar o bom futebol que já exibiu na época passada, e o Estoril, que, além de brilhar no campeonato, também está muito perto de se apurar para a fase de grupos da Liga Europa.

Em fase bem diferente estava o Benfica. Depois das enormes desilusões dos últimos jogos de 2012/13, em que perdeu o campeonato e a final da Liga Europa no período de compensação, e da derrota na primeira jornada, a equipa de Jorge Jesus deu o troco, mas teve de sofrer. O Gil Vicente gelou o Estádio da Luz já na segunda parte, mas Markovic e Lima deram a volta ao resultado no tempo extra e ofereceram os primeiros três pontos à equipa.

Fórmula 1: Vettel ultrapassa Hamilton no início e triunfa na Bélgica

A chuva que deixou o treino classificativo imprevisível não caiu no domingo. E em “condições normais de temperatura e pressão” em Spa-Francorchamps, prevaleceu a qualidade da combinação Sebastian Vettel/RBR. Partindo em segundo, o tricampeão precisou de apenas algumas curvas para deixar o pole position Lewis Hamilton para trás e rumar para uma vitória tranquila no GP da Bélgica, na sua quinta na temporada, 31ª na carreira.



Hamilton manteve a ponta na largada, seguido por Vettel, Rosberg e Button. Quem começou bem foi Alonso. O espanhol saltou por dentro na primeira curva e subiu de nono para quinto. A liderança de Hamilton durou poucas curvas. Ainda na primeira das 44 voltas, logo depois da famosa Eau-Rouge, Vettel não vacilou e assumiu a liderança. Procurando não perder o contacto com os ponteiros, Alonso passou a pressionar Button nos momentos iniciais e assumiu a quarta posição na quarta volta. Lá na frente, Vettel começou a imprimir um ritmo muito forte e obteve quatro segundos de vantagem em apenas cinco voltas.

Alonso continuou como destaque do início de prova. Depois de ultrapassar Button, logo se aproximou de Rosberg e rapidamente tomou a terceira posição do alemão. Mais atrás, Massa diminuía o prejuízo ao superar Grosjean, que saiu da pista ao ser ultrapassado por Pérez. Por causa da manobra, o mexicano foi penalizado com um drive-through (passagem directa pelos boxes).

Alonso ultrapassa Hamilton e Button e sobe para segundo

Massa foi um dos primeiros a parar nas boxes, na décima volta. O brasileiro re-

tornou à pista em 17º. Dos ponteiros, até a 15ª volta apenas Button e Grosjean não tinham parado nas boxes. Vettel manteve-se líder, à frente do britânico da McLaren. Na sequência disso, Hamilton e Alonso protagonizaram um belo duelo pelo terceiro lugar. O espanhol ganhou a posição do rival e, na volta seguinte, freou, o mais tarde possível na curva 1, precisando de segurar o carro para se manter à frente.

Com pneus desgastados por ainda não ter parado nos boxes, Button foi presa fácil para Alonso e Hamilton. O espanhol subiu para segundo, seguido pelo piloto da Mercedes.

No fim da 26ª volta, Kimi Raikkonen tentou uma ultrapassagem mas passou directo e saiu da pista. O “erro” grosseiro do “Homem de Gelo” tinha explicação. Sofrendo com problemas nos travões desde o início da prova, Kimi ficou de vez sem o sistema de frenagem. Depois de sair da pista, ele seguiu directamente para os boxes e deixou a prova com os travões super-aquecidos.

A essa altura, Vettel mantinha-se confortavelmente na liderança, 10s à frente de Alonso, que também administrava uma boa vantagem sobre Hamilton. Webber aparecia em quarto, seguido por Button, Rosberg e Massa.

Maldonado faz confusão

Ao ser ultrapassado por Nico Hulkenberg e Adrian Sutil na chicane final, o vene-

zuelano da Williams percebeu que os seus pneus estavam muito desgastados e resolveu aproveitar para entrar nos boxes, à sua direita. Porém, ele não reparou que ao seu lado passava também Paul di Resta. Atravessando a pista, acertou no escocês no meio. Maldonado foi considerado culpado pela colisão e foi punido pela direcção de prova com um “stop and go” (paragem obrigatória nas boxes).

A dez voltas do fim, após a segunda rodagem de pit stops, poucas mudanças nas primeiras posições. Vettel continuava líder, com os mesmos 10s de vantagem sobre Alonso. Um pouco mais atrás, estava Hamilton. Já Rosberg ganhou a posição de Webber e aparecia em quarto. Button abortou a estratégia de uma paragem e era o sexto, acompanhado por Grosjean, único com apenas um pit stop. Logo atrás, aparecia Massa em oitavo. Pressionando o francês da Lotus, o brasileiro da Ferrari ainda teve tempo de efectuar uma bela ultrapassagem sobre o francês e assumiu a sétima posição, a três voltas do fim. Daí em diante, sem mais mudanças. Vettel recebeu a bandeira-da xadrez para mais uma vitória no ano. Alonso derrapou ao entrar na recta principal, mas segurou o carro e chegou em segundo, seguido por Hamilton, Rosberg, Webber, Button, Massa e Grosejean. Completaram o top 10 Sutil e Ricciardo.

Vettel, Alonso, Hamilton. A ordem do pódio também é a mesma da classificação do campeonato. Após 11 etapas, o alemão da RBR chegou aos 197 pontos e mantém-se cada vez mais líder. Já o espanhol da Ferrari (151) e o inglês da Mercedes (139) deixaram Kimi Raikkonen para trás na tabela.

Texto: Redacção/Agências • Foto: F1.com

Bundesliga: Bayern cede empate e tem primeiro tropeço no Alemão

O Bayern de Munique pagou o preço de dar primazia à final da Supertaça da Europa. Nesta terça-feira, a equipa poupou boa parte dos seus titulares e empatou com o Freiburg a 1 golo, em jogo antecipado da quarta jornada do Campeonato Alemão de futebol, podendo perder a liderança da competição caso os seus concorrentes vençam no fim-de-semana.

Já a pensar no duelo com o Chelsea, na sexta-feira, Guardiola mandou para o campo uma equipa bastante modificada. Ribéry, Robben, Mandzukic e Lahm ficaram no banco, enquanto Shaqiri, Pizarro e Rafinha, entre outros, ganharam uma oportunidade como titulares. Götze foi mantido no conjunto inicial x assim como Dante, Neuer e Schweinsteiger x, mas teve uma nova participação discreta e foi substituído na segunda parte.

Entretanto, a aposta não deu certo. Com o empate, o Bayern tem 10 pontos em quatro jogos e pode ser ultrapassado por Borussia Dortmund, Bayer Leverkusen e Mainz, que têm nove pontos e jogam neste fim-de-semana. Já o Freiburg chegou a dois pontos, mas manteve-se na 14ª posição.

Para piorar a situação, o médio Schweinsteiger, um dos poucos que permaneceram como titulares, deixou o campo lesionado no segundo tempo, coxeando e mostrando preocupação. Mais um problema para Guardiola.

Texto: Redacção/Agências

Apuramento CHAN: Zimbabwe bate Zâmbia e qualifica-se para a fase final

O Zimbabwe qualificou-se para a fase final do Campeonato Africano das Nações 2014 (CHAN) previsto na África do Sul, depois da sua vitória por 1-0 diante da Zâmbia, no termo do jogo da segunda mão disputado sábado no estádio Levy Nwanawasa, em Ndola, na Zâmbia. A nossa selecção, Moçambique, continua a sonhar com o CHAN após empatar sem golos na tarde de domingo (25), diante da sua congénere de Angola.

Charles Sibanda inscreveu depois de uma hora de jogo o golo da vitória que arruinou as oportunidades de a Zâmbia aceder à fase final do CHAN de 2014, depois de as duas equipas empatarem no jogo da primeira mão disputado em Harare, a capital do Zimbabwe.

O Zimbabwe é o 14º país a qualificar-se nesta fase final que vai agrupar 16 países, além do país organizador (África do Sul), do Burkina Faso, do Burundi, do Congo, da Etiópia, do Gabão, do Gana, da Líbia, do Mali, de Marrocos, da Mauritânia, da Nigéria e do Uganda.

Duas outras equipas apuradas sairão dos jogos entre o Congo e a República Democrática do Congo, e entre Angola e Moçambique.

Mambas empatam na Machava

Um empate em casa, apesar de ser a zero, nunca é bom resultado para quem deseja chegar ao CHAN. Mas os Mambas de nada se podem queixar até porque, ao longo de todo o jogo, subjugaram o seu adversário não conseguindo, porém, ultrapassar o grande guarda-redes angolano, Landu.

Na primeira parte, a selecção nacional exibiu um excelente nível de futebol: rápida na circulação e transição de bola; eficiente na recuperação; e bastante objectiva no jogo ofensivo. Contudo, foi a selecção angolana que chegou a introduzir o esférico na baliza moçambicana, volvidos 12 minutos, lance anulado pelo árbitro por posição irregular.

No reatamento, o combinado nacional voltou a adoptar a mesma atitude, ainda que com menor velocidade. Soube implantar-se no meio-campo contrário e, a todo o custo, procurou o tento.

Nesta etapa, João Chissano chamou algumas unidades como Manuelito II, Reginaldo e Belito, na expectativa de recuperar a rapidez ofensiva. Debalde. A tarde daquele domingo (25) diga-se, não estava para golos no Estádio da Machava.

Com o resultado nulo até ao minuto 90, as duas equipas deixam a decisão desta eliminatória para o confronto que terá lugar a 31 de Agosto corrente, no estádio de Ombaka, na cidade centro-costeira angolana de Benguela.

O CHAN que arrancou em 2009 é reservado aos jogadores que evoluem nos campeonatos locais do continente.

Texto: Redacção/Agências

“A poesia deve ser revolucionária. Não perco tempo com erotismos!”

Promove a poesia mas ama os contos. Tina Mucavele é poetisa, no entanto ‘nunca’ irá publicar uma obra poética. Identifica-se com a escola da literatura afro-americana, por isso não lhe custa nada rotular a academia europeia: “Os escritores moçambicanos são alegóricos”. Sentencia que o poema só faz sentido quando provoca revoluções. O resto é cantiga...

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Rita Silva

@Verdade: *Em jeito de recordação pode falar-nos sobre os primeiros anos do seu envolvimento na vida artística?*

Tina Mucavele: Sou um pouco esquizofrénica, porque cresci no mundo das artes. Na cidade de Maputo, nos anos 80 e 90 do século passado, as pessoas tinham duas opções básicas a seguir na vida: as artes e o desporto. Era uma realidade quase compulsiva.

Realizavam-se, fervorosamente, actividades extracurriculares que eram seguidas pelas crianças. Tive a bênção de ser inscrita na Escola Nacional de Música, aos sete ou oito anos. Foi a partir daí que a minha relação com as artes começou. Nunca mais consegui sair desse mundo, sobretudo porque, de certa forma, sinto que nas artes há muita liberdade da alma, do espírito e de sonhar do que nas actividades mainstream. Mas mais tarde, tive de optar pelos caminhos convencionais, fazendo uma formação em ciência sociais. Passei a vida na universidade a fazer artes. No entanto, o meu vínculo em relação à escrita começa quando eu tinha 13 anos. Na época, apreciava bastante os livros da minha mãe.

Além do mais eu era a filha mais nova de sete irmãos – o que concorreu para que eu fosse solitária – afinal, todos já eram crescidos. Na minha casa não havia outras crianças além de mim. Eu não tinha com quem brincar além das crianças da rua. Acredito que essa realidade possibilitou-me sonhar e fantasiar histórias, embora nunca tenha pensado que isso fosse algo sério. Naqueles anos, por causa da música brasileira, as pessoas escreviam – em nome de poesia – sobre o amor. Mas isso, na minha percepção, não podia configurar uma carreira artística. Ora, quando em 2000 recitei um poema que despertou a atenção das pessoas granjeando não só a sua simpatia como também estímulos e motivação, percebi que devia continuar a escrever. Já vivia na África do Sul, onde estudava.

Sucedo que a partir de 1994, na África do Sul, os jovens começam a viver uma grande euforia, por causa da Revolução. Foi uma experiência que – assemelhando-se ao que se viveu em 1975 em Moçambique – gerou um impacto no movimento artístico. Acompanhei esse movimento porque vivia naquele país desde 1995.

Na universidade onde estudava, os estudantes faziam muito a arte e a música. Realizavam-se sessões culturais, Spoken Words, para recitar poesia. Esta influência encheu-me de crença para o facto de que as coisas que eu pretendia dizer podiam ser partilhados naquele contexto. Arrojei-me mais na escrita. Entretanto, em 2003, já em Moçambique, eu e alguns amigos, criámos o Movimento Sem Crítica, um espaço onde nós, os amantes das artes, profissionais e amadores, tínhamos a oportunidade de nos expressarmos sem que ninguém nos ditasse padrões de estilos ou de qualquer outra natureza. Foi no âmbito do Movimento Sem Crítica que fiz a minha primeira performance artística em Maputo, com a banda de Stewart Sukuma. Mas existiam outros membros como Samito Matsinhe, Sininho Paco, Sheila Jesuíta, Tânia Tomé, entre outros.

Mais adiante comecei a perceber que existiam outros jovens na cidade que se empenhavam na literatura. Isso impulsionou-me muito porque – uma vez que desempenho muitas



actividades – podia ter parado de fazer arte. Ao longo dos anos também participei nas Noites de Poesia organizadas por Feling Capela, no ICMA.

Uma poetisa de justiça social

@Verdade: *Que influência a sua mudança de contexto sócio-espacial – quando retorna a Maputo – gerou na sua carreira artística?*

Tina Mucavele: Quando nós criámos o Movimento Sem Crítica tínhamos o objectivo de construir um espaço de liberdade artística. Mas eu vinha da África do Sul com algum background em relação à luta pelos direitos humanos, à saúde e à educação. Ou seja, eu ainda tinha os ideais da revolução a partir das artes. Entretanto, quando cheguei a Maputo ninguém estava preocupado nesse sentido. E os meus poemas são mais reivindicativos. Falam sobre a justiça social. Por isso senti-me um pouco desenquadrada da colectividade, muito em particular porque os meus colegas defendiam que tínhamos de fazer poesia de amor erótico. Ora, eu não consigo escrever temas de amor dissociados de algum tipo de reivindicação. De uma ou de outra forma, sinto que o facto de não ter parado de escrever como pensava ajudou alguns dos meus colegas a libertarem-se dos seus medos e a falarem sobre as suas preocupações sociais, sobre as grandes diferenças que existem na sociedade. E quando falo sobre as diferenças não me refiro apenas às questões de natureza política, mas também das relações humanas entre pais e filhos, homens e mulheres, incluindo as prostitutas na rua.

Esses temas começaram a gerar algum interesse por parte dos meus colegas que passaram a escrever a poesia da revolução.

@Verdade: *Tem na palavra um recurso para o seu trabalho artístico. Tem algum medo no uso da palavra?*

Tina Mucavele: Eu nunca tive medo porque falo com base numa perspectiva de sinceridade. Não estou a mentir, embora isso não quer dizer que trago factos. Falo sobre o que vejo, aquilo que o meu coração lê e que acontece na sociedade. Não tenho receio em relação àquilo que as pessoas irão pensar. Reporto sobre a situação de uma mulher que sofre ou de um demente que está prostrado na rua. Tudo isso está na sociedade e pode ser interpretado por qualquer pessoa de maneira diferente.

@Verdade: *A palavra tem força, ilumina as pessoas, despertando-as a tomar posições para transformar uma realidade...*

Tina Mucavele: O que você está a dizer é sério e muito certo. Por exemplo, quando eu estou nas Noites de Poesia sinto que os presentes não têm medo de nada. Há muitos miúdos, da escola secundária, muito mais novos do que eu, que sobem ao palco uniformizados para recitar um poema a reclamar em relação ao problema dos transportes, das estradas esburacadas. É na base disso que constato que não devo parar de escrever. Porque se eu afrouxar os meninos terão medo de actuar. E não é que eu seja uma referência, mas faço parte do movimento. Isso significa que se um movimento começa a ter elementos que fraquejam acaba – como aconteceu com a greve dos médicos – por decair. Eu sinto que entre 10 pessoas cinco já não têm medo de reivindicar os seus direitos.

@Verdade: *Essa ousadia estará a transcender o espaço artístico rumo a outro âmbito da vida social?*

Tina Mucavele: Não necessariamente. Eu tenho uma formação no campo de serviços sociais e desenvolvimento. Por essa razão, tenho um background em matérias de justiça social. As artes não influenciam a minha faceta profissional. Se isso aconteceu, então é no sentido inverso. Desde que eu comecei a trabalhar em Moçambique, em 2002, passo metade de um mês num distrito qualquer.

Então, vamos supor que eu vá à província de Gaza hoje, e três anos depois, quando retorno, constato que a comunidade visitada não mudou em nada. Os miúdos vestem-se da mesma maneira, nas escolas – construídas com material precário, o que significa que quando chove não se estuda – senta-se no chão. A partir daí questiono-me: onde é

que está a mudança de que se está a falar?

Grosso modo, o meu trabalho profissional – no campo mainstream – é que influencia a minha escrita. É por isso que digo que, quando declamo algo sobre a realidade, estou a ser sincera porque eu trago as minhas vivências para a minha arte.

Uma luta pela sobrevivência

@Verdade: *Está a dizer que a transformação social de que os políticos falam não é a mesma que nós, na arte, encontramos ao analisarmos a realidade?*

Tina Mucavele: A arte é subjectiva e não é linear como outro tipo de actividades. É por essa razão que, no princípio, afirmei que não consigo sair desse mundo porque me permite ser livre. Não há padrões na arte. Mas eu não posso generalizar nada porque o que eu penso é diferente do que Lulu Sala – que também é artista – pensa.

@Verdade: *Como é que consegue conciliar as várias actividades que tem com a produção artística?*

Tina Mucavele: Eu penso que todos nós temos algo sem a qual não conseguimos viver. Se eu deixar de escrever, vou morrer, desaparecer e deixar de viver. Não se trata de uma questão de hobby, mas é de sobrevivência. Se eu parasse de escrever eu desapareceria como uma pessoa activa.

@Verdade: *Este ano o Movimento Sem Crítica completa 10 anos. Como tem sido a sua gestão ao longo do tempo?*

Tina Mucavele: É muito difícil manter movimentos artísticos, por isso nós nunca nos formalizamos. Não temos estatutos. Mas somos um espaço em que os artistas têm liberdade de agir. As nossas actividades combinam todas as formas de arte – a dança, a poesia, a pintura, a música, ao mesmo tempo. Não ‘morremos’, mas paramos de trabalhar activamente porque, pelo menos, uma vez por ano, realizamos um evento. Sinto que o Movimento Sem Crítica foi muito activo nos seus primeiros anos. Nessa época, existiam poucos grupos que desenvolviam uma actividade similar à nossa. Nós fomos os pioneiros. É por isso que neste momento esse movimento não é indispensável. Ele continua a ser um espaço aberto e de liberdade de expressão. Porque o ‘vírus’ que disseminámos infectou todos agora.

Os seus deuses

@Verdade: *O sarau cultural ‘Ser e Brisa’ que protagoniza tem alguma relação com a realidade que se vive no país neste momento?*

Tina Mucavele: Para fazer este concerto inspirei-me numa cantora norte-americana de Hip Hop que no seu ‘show’ recitou um poema interessante. Ora, eu constatei que há dez anos que recito poesia mas nunca tinha feito o meu con-

Gabriel Chiau está doente!

Para salientar a sua grandeza, os moçambicanos chamam-no embondeiro, mas Gabriel Chiau é um músico que – ao longo de vários anos – criou e cantou a música “A uni tenderi”. Agora, aos 74 anos, mais de 50 dos quais dedicados à música, está doente. Padece de um cancro da próstata. Precisa de tratamento, que é caro. Será que, apesar do estatuto de embondeiro, deixá-lo-emos murchar?

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Arquivo



“Conhecemos os embondeiros. Eles são uma espécie vegetal que se caracteriza por viver longos anos. E nós, os seres humanos, com o desenvolvimento tecnológico que criámos, agora temos mais esperança de vida. Dizem que vamos poder viver até os 150 anos”.

Em princípio, estas palavras – expressas por Manuela Soeiro, a mãe do teatro em Moçambique – podem revelar alguma emoção, no sentido positivo do termo, mas, na verdade, elas contêm um desespero que se traduz nesta sentença: “Eu não me imagino sem Gabriel Chiau!”

A narrativa

A história da descoberta do cancro de próstata, de que padece, pode ser narrada, divertidamente, por Chiau da maneira seguinte:

“Todos sabemos que um bebé que não chora não mama. Então, a descoberta da minha doença surge no âmbito da minha abertura quando fui surpreendido por um jornalista – da Gungu TV – que queria fazer matérias sobre a minha obra e o meu percurso. Com ele, no decurso da conversa, falei sobre as minhas complicações de saúde.

Não sabia qual é que seria o rumo desta situação. Facto, porém, é que, mais tarde, fiquei a saber de que padecia de um cancro de próstata”.

“Numa outra ocasião, o médico Domingos Mapasse – que trabalha no Hospital Central de Maputo – interessou-se pelos meus trabalhos. A sua esposa celebrava o seu aniversário. Entretanto, eu não quis tratar o assunto telefonicamente como, habitualmente, tenho feito. Fui a sua casa a fim de discutir sobre como seria o evento e como eu iria participar”.

“Depois da conversa eu – cara sem vergonha e atrevido – expliquei-lhe que não sabia de que padecia, mas sentia dores nos músculos que, por vezes, têm tido prisões. Queria saber de que modo o médico me podia ser útil”.

“Numa facilidade extraordinária, o médico orientou-me para que fosse ao Hospital Central de Maputo, onde fiz os exames. Fiquei sabendo que por causa desta doença as pessoas morrem. O cancro da próstata é uma doença fatal. Por isso, depositei muitos agradecimentos ao doutor Mapasse”.

“O médico explicou que o custo dos medicamentos que me deviam receitar varia entre 35 e 45 mil meticais em cada três meses. Mas onde é que eu iria encontrar esse dinheiro?”

Outra narrativa

No outro dia – supõe-se que seja na mesma semana que Chiau conversou com o jornalista – a estudante de comunicação, Eládia Madau, fazendo um search pelos canais televisivos, sintonizou um em que se passava a informação de que Gabriel Chiau estava doente e que o tratamento da enfermidade demandava muito dinheiro.

Entretanto, como há um ano – o tempo da sua criação – Madau já fazia parte do Movimento Solidário do Facebook (MSFB), uma organização juvenil que desenvolve

acções filantrópicas e humanitárias, imediatamente, partilhou com os seus colegas a ideia de apoiar o músico enfermo. A missão foi aprovada. Ela mesma telefonou para Chiau para falar sobre a decisão.

“Há muita malandrice e oportunismo na cidade – por isso desconfiei da chamada e da sua intensão”, comenta Gabriel. O facto mais importante – porque gerou alguma solução – é que, em pouco tempo, a informação sobre a doença de Chiau chegou a Portugal, para o conhecimento da doutora Ana Caeiro. Refira-se que o artista não conhece a referida Caeiro.

“Mas ela preocupou-se tanto em relação à minha saúde de tal sorte que já me providenciou a primeira doze dos medicamentos. Além do mais ela garantiu-me que – com o tratamento integral – esta doença é curável e eu voltarei a ser o Gabriel de sempre”.

Emoção espontânea

Na sequência de todos estes acontecimentos, narrá-los para as pessoas chega a ser uma experiência emocionante para o doente. Então, “como é que, nestas condições, eu não me posso sentir bem? Eu agradeço a iniciativa do MSFB, bem como à directora do Teatro Avenida, Manuela Soeiro que é uma pessoa muito amiga, incluindo todas as pessoas que me estão a apoiar nesta luta”.

“Em relação à doutora Ana Caeiro quero vê-la, abraçá-la e expressar-lhe os meus agradecimentos. Já estou a tomar os medicamentos disponíveis. Espero que este movimento de solidariedade se expanda para muito mais gente que precisa. Devíamos guiar-nos com base no princípio da solidariedade, tornando-nos amigos, para estabelecer a paz na nossa sociedade”.

A solução falhou?

A solução encontrada e proposta pelo MSBF é a realização de um concerto musical com a participação de vários músicos. Há um naipe de artistas conceituados que toparam a proposta. O ‘show’ – cujo dinheiro dos ingressos deve reverter na compra dos medicamentos – devia ter sido realizado na sexta-feira passada, 24 de Agosto. O problema é que Gabriel Chiau teve uma recaída. Cancelou-se o espectáculo, estando previsto que aconteça numa data a marcar.

Mas ele continua doente. Será que a solução falhou? E nós vamos admitir isso? Não! O MSFB que se voluntariou para colectar e encaminhar o dinheiro para a compra dos medicamentos não abandonou a missão.

O estimado leitor – se achar, como é óbvio, que vale a pena apoiar esta causa – pode contactar o Movimento Solidário do Facebook, através do jornal e da sua respectiva página nessa rede social.

“Gabriel Chiau é um amigo de longa data. Ele tem sabido oferecer-nos a sua energia através das suas canções que nos enchem a alma de alegria. Mesmo com as dificuldades em que se encontra, ele é uma pessoa que sempre canta com muita alegria. Ou seja, não faz a música por alguma obrigação mas pelo puro prazer de cantar”, afirma Manuela Soeiro.



Kuphaya

Cremildo Bahule
cremildo.bahule@gmail.com

ANGÚSTIA

Faz um frio agudo dentro de mim. Procuo um agasalho. Cubro. Recubro. Mas, desnudo-me diante de uma mentira, pois cubro o meu corpo e não o meu sentimento de angústia. Que sentimento tão inválido é este que me aflige? Feio. Insípido, flácido na fluidez da impaciência que eu descubro.

Enquanto cubro, vou descobrindo a minha nudez sentimental que me escapa por causa da invalidez emocional. Inválidos somos nós, na vertiginosa conquista que pretendemos dar ao nosso futuro.

Ah, o futuro. Olha meu irmão, o futuro é tão antigo como a Humanidade. E ao caminharmos para o futuro, é da clemência que vamos ao encontro, na precisão de uma nova conquista.

É nesse mito que se emerge a minha angústia, que se esfria dentro de mim. Não será isto início de uma loucura. Louco. Estou a ficar louco. Pelo menos a loucura dá-me a certeza de que sou alguma coisa. Pelo menos uma certeza, ganhei, na vida: sou louco. Louco!

Nesse estágio da vida, pelo menos posso lutar contra tudo. Posso lutar contra «o nada». Posso sonhar com tudo. Posso viver o rito de um presságio único. Posso, como louco, ser barco. Mar. Oceano. Concha marítima. Mercado.

Mercador. Luz. Sol. Folha. Agulha. Amante. Amado. É bom ser louco, porque podemos ser e fazer tudo. Podemos ganhar. Perder. Rir. Chorar. Cantar. Saltar. Orar. Ou rezar para quem acredita que numa fé maior que a minha.

Mas isso não tira e muito menos purifica a nossa loucura, apenas atenua. Engrandece. Desloca-nos. Transfere-nos. Espalha-nos. Congela-nos. Irrita-nos. É dentro da nossa irritação humana que continuo a sentir um frio agudo dentro de mim.

A angústia revela-me a sua loucura. Alguns chamam-me louco, por ser poeta. Sou artista e não poeta. Estou transtornado com a minha situação de artista. Sou promíscuo. Débil. Boémio. Suicida.

Insolente. Vagabundo. Gostava apenas de ser o sol das futuras gerações. Belo. Bom. Moralmente aceite como referência de todos os tempos e de todos os artistas.

Mas olhem para onde estou agora, no lado da ala vertiginosa do mundo. Estou do lado da mesma estrela que conquistei, da mesma estrela que, sem me aperceber, deitei na lama, por causa de uma simples fornicação mental, banal, diagonal, sazonal e excepcional.

Virginal, no plano quinzenal. Infernal, no plano teológico. Salvífico, no legado literário. Matinal. É nesse matinal escuro, solar e existencial que me encontro agora. É nessa matriz que me cubro, redescobindo que não fui honesto com os descobrimentos que foram desacobertados para que eu possa andar coberto como um artista cordialmente uno, complexo e simples.

Nessa onda matinal, em que me encontro agora, o frio (a angústia) toma conta de mim. Acho que estou nos últimos momentos de mim.

Mesmo assim, vou-me agasalhando cada vez mais. Esperando que a angústia (o frio) me leve de mim, para fora de mim. Enquanto me cubro, espero que o frio (a angústia) me arranque de mim, para me levar para o futuro de mim mesmo.

Choro. Choro, sim. Choro, porque tenho medo do além. Choro, não por medo de um frio denso e agudo. Choro porque descubro dentro da Humanidade, dentro de mim, que a única angústia (o frio) de que tenho medo (dentro do meu frio angustiante) é o futuro: a morte.

Plateia

Os festivais de timbila estão a degenerar

O primeiro som da timbila só se ouviu muito perto das 12 horas do dia 24, no início do festival anual que decorreu até 25, contra todos os preceitos traçados desde o princípio, quando tínhamos as orquestras afinadas já no dia anterior.

Texto & Foto: Alexandre Chaúque

Alguns grupos chegaram ao local em cima da hora, ou mesmo depois do tempo apazado, trazendo ao de cima as fragilidades que estes eventos denotam em cada ano que passa. O público também foi enganado. Badalou-se, durante uma semana, anunciando-se a presença no M'saho (nome chopi que levam os festivais de timbila), de um grupo de nyau vindo de Tete. Mas, além de o grupo não ter aparecido, ninguém nos soube explicar com clareza as razões. Disseram-nos que a ausência aconteceu porque o empresário que havia garantido a participação dos tetenses mostrou-se, à última da hora, indisponível. Rodrigues Mário, um dos dirigentes da AMIZAVA (Associação dos Naturais e Amigos de Zavala), afirmou que só soube da vinda (falhada) do grupo de nyau, no próprio local.

“Nós como AMIZAVA não chegámos a colocar essa possibilidade, ficámos surpreendidos quando nos disseram isso, daí que não lhe possa dar nenhuma explicação”.

De qualquer modo, os festivais de timbila precisam de ser repensados. Reestruturados. Sobre tudo no que diz respeito à logística dos grupos. É preciso dar dignidade aos artistas, oferecendo-lhes boas condições de alojamento e alimentação, o que não se tem verificado ultimamente. E esse aspecto importante não foi acautelado neste festival realizado no último fim-de-semana. A timbila ocupa um lugar sagrado na UNESCO e no Mundo. É Património da Humanidade e, quando o discurso é dessa natureza, há que haver muita responsabilidade. Não queremos tomar o passado como cavalo de batalha porque “os ventos do norte não movem moinhos”, embora seja necessário lembrar que já tivemos festivais com um nível assinalável, em que os artistas eram tratados como “meninos finos”, que são na verdade. Mas hoje por hoje, tudo isso degenerou. Os timbileiros são tratados com vulgaridade. E a vergonha desse processo todo vai ficar estampada no palco, onde está montado um alpendre sem imaginação. Feito mais ao sabor do improviso do que propriamente em obediência a um desenho de arquitectura.

Os festivais de timbila são anunciados a nível mundial. Para Quissico convergem pessoas de diversos cantos do globo e esse marketing, por si só, exige uma organização ao mais alto nível, não só em respeito aos que vão ao local, mas para valorizar um tesouro inalienável que é a timbila. É urgente que se reformule o palco. Quando as orquestras estão em acção, os assistentes têm dificuldades em contemplar livremente as Lagoas de Quissico, e o miradouro teve sempre a vocação de emprestar à vista e à alma o gozo de ver aquele paraíso. O alpendre instalado não dignifica esse Património da Humanidade, nem os moçambicanos. Os timbileiros não podem ser confinados, têm que evoluir num espaço mais amplo, onde possam dar total liberdade à sua execução. E aquele palco é parco.

A demora do Nkwayo

Nkwayo é o nome que se dá à cerimónia de abertura do festival. É uma



espécie de prece. Faz-se uma selecção dos aristas de todos os grupos participantes que evoluem no palco ao som de um toque “slow”. É um hino. E só depois disso é que vem a cascata. Normalmente, os componentes do nkwayo ficam posicionados antes de serem anunciados pelo mestre de cerimónia (MC), mas até às 12 horas não se faziam ao estrado, ainda não estavam organizados, o que vai contra as normas estabelecidas para o M'saho. Ao vermos o tempo passar, quisemos saber de Rodrigues Mário os motivos da demora, e ele também não sabia. “Estamos à espera dos responsáveis, do nosso lado está tudo pronto”. Fomos ter com o director distrital da Cultura, e a resposta que tivemos foi a mais simples: “vamos começar daqui a pouco”. A festa não podia iniciar sem a presença dos dirigentes políticos, e estes estavam atarefados nas eleições internas dos seus partidos com vista às “autárquicas”. Com a excepção do administrador (que apareceu tardiamente, com as pessoas cansadas e revoltadas por tanta demora), os outros dignitários, nomeadamente o governador e o ministro da Cultura, que eram esperados, fizeram-se representar por terceiros. Na verdade não são os políticos que fazem a Cultura, mas também a vocação deles não é dificultar o processo. O público e os artistas merecem o maior respeito. Pelo menos deixem as coisas acontecer no tempo programado.

A festa começa cedo

O princípio do M'saho é que tudo começa cedo. Já de madrugada ouve-se o som da timbila ecoando por toda a vila. O timbileiro é, por vocação, um artista com propensão para o transe. Entrega-se facilmente aos espíritos que o manipulam e não o deixam dormir em dias importantes. Mas desta vez os organizadores não permitiram que isso acontecesse. Até ao meio-dia nenhum toque se ouvia. Nem o nkwayo estava preparado. O chão de cimento que os artistas deviam pisar, com os pés nus, aumentava o aquecimento à medida que o sol ia subindo. E mesmo assim as pessoas não arredavam pé. Não queriam perder o frenesim, quando ele começasse. Apesar destes problemas de programação e de logística demonstrados, as orquestras foram ao palco em respeito ao trabalho que sempre fizeram com amor. O seu desempenho foi de proa, o que nos leva a repetir que estes artistas merecem muito respeito. Não se pode esperar que falte um ou dois meses para se preparar o M'saho. É a partir de agora que tudo deve começar para o festival de 2014. É importante que se pense seriamente no artista, que é o centro de todas as atenções. Não basta a sua alma, é necessário que essa alma seja acarinhada. Há toda a necessidade de se rever o palco, chamando para o efeito um arquitecto. Não se pode permitir que o cimento continue a dilacerar os pés dos nossos artistas, é preciso idealizar um piso mais confortável. E, se a timbila é bela, então todo o cenário à sua volta tem que ser belo. O belo atrai o belo. É necessário pensar-se também no fogo de artifício. Para a abertura e encerramento. Porque a timbila é uma celebração da Humanidade.

O alojamento

Este é o maior “calcanhar de Aquiles”. Desta vez Quissico abarrotou. Comeu-se carne até à exaustão. Degustaram-se iguarias japonesas, estranhas ao nosso paladar. Bebeu-se de tudo e festejou-

-se à larga. Mas há muita gente que ficou sem lugar para dormir. As poucas ofertas de acomodação ali existentes não chegaram para a procura, e este será um problema eterno porque Quissico, por natureza, é lugar efêmero, e poucos serão aqueles que se vão arriscar a investir no alojamento.

Onyau deixou água na boca

Teriam sido duas manifestações culturais elevadas a Património Cultural Intangível da Humanidade a ocuparem o mesmo palco. Por um lado o nyau, por outro, a timbila, duas danças de mito que ultrapassam os Conservatórios. Mas esse sonho ficou adiado. Aqueles que esfregavam as mãos para ver ao vivo ao xirombo (bicho do mato, como também é designado o nyau), tiveram de engolir “toda a saliva que as papilas gustativas tinham produzido”. Não faz mal, fica para a próxima.

O zorre também foi adiado

As estruturas da Cultura em Inhambane lutam por promover o zorre (dança típica dos bitongas) a Património Cultural da Humanidade. Haviam programado um festival para o passado dia 11 do mês corrente na localidade de Cumbana, distrito de Jangamo, o qual não se realizou porque, segundo nos disseram, “está-se na preparação da visita do Chefe de Estado à província de Inhambane”. Mesmo assim, o evento foi reprogramado para o próximo mês de Setembro no mesmo local. Porém, por aquilo que sabemos, o festival de zorre vai decorrer num espaço sem condições adequadas. E se os organizadores querem, de facto, fazer algo sério, então que não façam por fazer. Soubemos que o evento havia sido projectado para um lugar, ainda em Cumbana, que tem um palco montado aquando da realização dos jogos escolares. Só que essa infra-estrutura foi erguida num espaço privado e o dono do terreno não está interessado em voltar a cedê-lo. Foram encetadas conversações entre as estruturas locais e o proprietário, mas não produziram resultados positivos, levando a Direcção Provincial da Educação e Cultura em Inhambane a optar por outro lugar que não oferece as melhores condições. A ideia de realizar este festival, segundo os promotores, surge da necessidade de se medir a “pulsação do zorre”. Até aqui está tudo bem. Mas se existe a pretensão de se realizar um festival, tem que haver seriedade. Se a alternativa de Cumbana não é viável, que se transfira para a cidade de Inhambane, onde as condições são bem diferentes. Bem melhores.

“A poesia deve ser revolucionária. Não perco tempo com erotismos!”

certo completo. No decurso dos ensaios – que duraram dois meses – a sociedade experimentou situações assustadoras. Por exemplo, os poemas que vou recitar foram escritos ao longo de dez anos. Mas as pessoas irão pensar que os escrevi por causa das coisas que estão a acontecer na actualidade no país. Há um poema – de um amigo meu – que tirei do facebook. O mesmo fala sobre a morte, quando sabemos que há duas semanas assassinaram o escultor Alexe Ferreira. Então, não posso dizer que se trata de algo metafísico – mas os factos puxaram-se.

@Verdade: É uma artista que, a avaliar pelos trabalhos que tem exibido, já devia ter uma obra publicada. Existe algum obstáculo, nesse sentido, ou sente que ainda não é o momento adequado?

Tina Mucavele: Eu não tenho a ambição de publicar um livro de poesia porque acredito que a técnica que uso na elaboração dos meus textos é muito livre, fazendo com que os mesmos sejam mais apropriados para serem escutados. E não para ficar nos livros – onde perderiam a força. Quero que as minhas mensagens sejam ouvidas. Não vou publicar

um livro de poesia – se isso acontecer será por força do universo – porque não tenho essa intenção. Mas estou a preparar uma colecção de contos que será publicada nos próximos dois anos.

@Verdade: Não estará a resignar-se em relação a alguns condicionalismos das editoras?

Tina Mucavele: Não! Eu tenho uma paixão de escrever histórias. Posso escrever um conto num dia ou em algumas horas. É muito mais fácil para mim elaborar uma narrativa do que um poema – que é um resumo do primeiro textos.

@Verdade: Quais são as suas referências na literatura moçambicana e mundial?

Tina Mucavele: Eu estudei na África do Sul por isso tenho muita influência da literatura afro-americana. Sinto que, talvez, por causa do sofrimento, o povo americano tem uma forma muito sensível de escrever. Quando os comparo com alguns escritores moçambicanos, percebo que há uma distância muito grande. Os americanos utilizam muita sátira

e ironia enquanto os escritores moçambicanos são muito alegóricos. Eles têm uma grandeza épica qualquer. Quando escrevo, tenho umas mãezinhas por perto. Não fazem nada, mas é como se estivessem a guarnecerem-me. Uma delas é Alice Walker que escreveu o livro The Coler Purple, em que fala sobre uma mulher que era abusada, violentamente, pelo marido. Toni Morrison que escreveu o livro Beloved acerca de uma mulher que mata os seus filhos para que os compradores de escravos não os levassem. Ela tem histórias muito pesadas mas que falam sobre até onde o Homem pode ir para se defender. Também gosto de Isabel Allende cujas histórias possuem muitos movimentos. Aprecio a escritora africana, do Gana, Ama Ata Aidoo. Ela tem histórias irónicas em que fala sobre os amores underground, do backstage, muito vividos nas urbes africanas.

Mas também aprecio escritores africanos como o nigeriano, Ben Okri, que faz uma literatura que se chama surrealismo mágico, na medida em que incorpora aspectos metafísicos nos seus textos. Em Moçambique tenho dois escritores favoritos que são Paulina Chiziane e João Paulo Borges Coelho.

Pintura pode suavizar a pobreza!

Durante algum tempo, 19 artistas plásticos moçambicanos transformaram bicicletas em obras de arte, cuja comercialização pode suavizar o sofrimento de pessoas desfavorecidas. A iniciativa chama-se Pinte Pelo Povo e é protagonizada por três organizações nacionais. As obras estão expostas na Mediateca BCI – Espaço Joaquim Chissano, em Maputo.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Em Moçambique, o Inquérito Demográfico e de Saúde (IDS) de 2011 – publicado em Março último – revela que um pouco mais de metade de nascimentos (55%) ocorridos nos últimos cinco anos tiveram lugar em unidades sanitárias estatais e 43% ocorreram nos domicílios.

O documento informa que “a possibilidade de uma mulher ter assistência adequada durante o parto depende do lugar onde este ocorre. Nos países como Moçambique, onde tem poucos profissionais de saúde, os partos que se dão em casa têm pouca possibilidade de serem assistidos por pessoal médico – grifo nosso – qualificado, contrariamente aos que ocorrem nas unidades médicas”.

A razão é simples. A assistência ao parto por um profissional de saúde treinado é de extrema importância, pois contribui para a diminuição da mortalidade materna e perinatal”. No entanto, o problema é que, em Moçambique, nas zonas rurais, o sistema de transporte é deficiente – havendo lugares em que o mesmo não existe –, e os postos de abastecimento de água, que também são escassos, encontram-se a distâncias longínquas.

O IDS reporta também que quase três terços de moçambicanos (62%) declararam que tiveram pelo menos um problema de acesso aos cuidados de saúde. A percentagem é mais elevada nas zonas rurais (76%) do que nas cidades (35%). No depoimento das mulheres, esta realidade é originada, mormente, pelas longas distâncias entre as residências e os postos de saúde.

Mas o que estes números, apesar de denunciarem factos, têm a ver com criação artística? Com a pintura? Talvez, a uma hora dessas, o estimado leitor se questione. A verdade é que a maior parte dos artistas plásticos filiados na Associação Núcleo de Arte têm a consciência do sofrimento que a situação impõe na vida desses moçambicanos. Mais do que isso, compreendem que é necessário transformá-la. Correlacionados com a necessidade de se suavizar as dificuldades das pessoas carenciadas, há muitos outros factores que inspiraram a Mozambikes, a empresa promotora da iniciativa, o Núcleo de Arte que forneceu os artistas, a mão-de-obra, para o efeito, incluindo a Mediateca BCI – Espaço Joaquim Chissano, onde as obras estão expostas, a executarem estas criações. Há vários objectivos em volta da mesma manifestação: A promoção do uso de bicicleta, do seu poder na luta contra a pobreza nas zonas rurais, a divulgação e promoção da pintura e dos artistas plásticos, incluindo, por extensão, a divulgação da cultura moçambicana. Mas também, e acima de tudo, como refere Lauren Thomas, da Mozambikes, é importante “vender-se estas obras de arte para que se obtenha o dinheiro que será aplicado na compra de bicicletas a serem doadas às comunidades que têm dificuldades em termos de meios de transporte”.

Uma crença

O que se percebe neste conjunto de acções combinadas é que há uma crença, uma ideologia – ‘comprada’ por Arlindo, Bento, Bono, Carlos Fornasini, Carlos Jamal, Chichongue, Falcão, Fiel dos Santos, Forna, Hobjana, João Henriques, Mahumanhana, Makolwa, Mapfara, Matswa Vilankulo, Nhongwene, Niria Fire, Saranga e Quehá, os mesmos artistas que construíram as obras – difundida pela Mozambikes: “Uma bicicleta pode mudar uma vida, trazendo água potável, possibilitando o acesso a clínicas e escolas, transportando lenha e produtos agrícolas”. É por isso que as pessoas a quem se ofertam as bicicletas são, criteriosamente, seleccionadas: “Para que uma pessoa receba uma bicicleta, ela deve ganhar menos que um salário mínimo e deve viver numa zona rural”. Além do mais, Lauren Thomas explica que “na semana passada doámos bicicletas às mulheres que trabalham nas machambas. Elas fazem um percurso de duas horas, a pé, para chegar ao local do seu trabalho ou para encontrar água potável”. Durante a criação das obras, os artistas abraçaram com muito afecto a ideia fazer arte para apoiar as pessoas desfavorecidas. “Eles não receberam nenhum dinhei-



ro para trabalhar, mas apostaram na causa. Ou seja, perceberam que esta acção era necessária e oportuna. O trabalho, em si, foi uma experiência divertida e diferente. Estas bicicletas que foram transformadas em obras de arte possuem ideias, pensamentos e emitem mensagens. Isso significa que os artistas acrescentaram valor às bicicletas”.

Como funciona a estratégia

Como explicar a ideia de reverter o dinheiro da obra comprada em bicicletas? Sobre o assunto, a co-fundadora da Mozambikes, Lauren Thomas, afirma que “nós avaliamos o custo da bicicleta, o valor dos materiais investidos na sua produção, desta vez, como obra de arte, incluindo o trabalho produtivo do artista.

É o somatório de todos estes custos que nos dá a imagem/ideia de quantas bicicletas uma obra pode gerar”. Se uma obra de arte for vendida a 5.500,00 meticais ela gera um total de três bicicletas. Isso significa que as 22 obras de arte – quando comercializadas – podem gerar um universo de mais de 60 bicicletas. Mas acredita-se que esta quantidade pode aumentar porque há obras que são comercializadas a um preço duplicado, sobretudo aquelas que são demandadas fora do contexto da exposição. Houve obras que foram vendidas por 10 mil meticais.

De acordo com a Mozambikes, o projecto irá continuar noutros formatos. “Estamos a pensar em realizar um evento no qual iremos revestir as bicicletas de capulana. Certamente que, desta vez, trabalharemos com designers e estilistas”.



Toma que te Dou

Alexandre Chaúque
bitongachauque@gmail.com

Aurélio Furdela no África Tropical

Na verdade, este texto é um agradecimento. Público. Ao Mário Albuquerque. Proprietário do “África Tropical”. Na cidade de Inhambane. Onde as pessoas se encontram. E se misturam. E se juntam. E se unem. E se apertam. E se amam. E levitam ao som da música ao vivo. Foi lá que, no passado dia 26 de Julho, Aurélio Furdela lançou a sua mais recente obra literária, “As hienas também sorriem”. Sem pagar nada pelo espaço. Nem o quarto para dormir. Nem os músicos que foram ao palco para, numa jam session, festejar com o escritor e com o público o livro que era dado à estampa. Mário abriu o coração e desvalorizou o dinheiro. Ele que, para além de homem de negócio, é um devorador de livros.

Obrigado Mário. Pela hospitalidade. Que vai para além do mecenato. Agradecemos todos nós que percebemos a grandeza do gesto. E a vida é feita pela mão aberta. Pela alma. Pelo desinteresse. Pelo amor àquilo que faz bem aos outros. E todos nós estivemos lá. No dia 26 de Julho. Debaixo daquele tecto de colmo. Cada um no seu azimute, mas todos no mesmo voo. Sem nos preocuparmos com o que vai acontecer amanhã. Porque a vida é inesperada. Não esperemos por ela. Vivamo-la. Agora. Nem que seja no “África Tropical”.

Aurélio Furdela está apaixonado pela cidade de Inhambane. Quer vir sempre para aqui. Veio agora. Outra vez. Com um livro no regaço. Para publicá-lo. Sem saber que seria recebido com carinho. Supreendeu-se. Ele e o seu amigo, o Amilcar, uma jóia de pessoa. E Furdela disse-me que vai falar do “África Tropical” quando chegar a Maputo. Vai falar do Mário. E dizer à Sónia que ele também esteve aqui. Porque aqui a Sónia também esteve. Para lançar o seu livro. E teve as portas completamente abertas.

O “África Tropical” merece receber mais eventos desta natureza. Aqui é um lugar de cultura. De culturas também. De repente temos a impressão de que o mundo se compactou e vai morar aqui. Onde não há limites. Onde as pontes se ampliam. Onde os muros são derrubados. Onde os preconceitos são esmagados. Porque se queres conhecer o valor desta árvore, trepa-a e prova o seu fruto.

É isso! Na verdade, este texto é um agradecimento. É um reconhecimento de que com pessoas assim, como o Mário Albuquerque, a cultura pode avançar mais um passo. E um passo, por mais pequeno que seja, quando é dado com firmeza, ele se agiganta. E quando esse passo é dado para abraçar os outros, então estamos perante uma grandiosidade. Porque as grandes coisas são feitas de coisas pequenas. Como estender a mão a um amigo. A um desconhecido. E a vida só faz sentido assim.

Depois de Sónia Sultuane e Aurélio Furdela, quem mais levará uma obra ao “África Tropical”? Não sei. Já há nomes pairando no ar. Na devida altura sabe-lo-emos. Por enquanto fica este apreço. E o recado do Nuno, filho do Mário e bar-man, ao Aurélio Furdela, que mandou cozinhar uma mathapa e depois não comeu. Foi-se embora. Apressado. Porque o carro estava à espera na Maxixe. E a panela estava ainda ao lume. Que pena! E o Nuno disse, “fão faz mal, fica para a próxima”.

Obrigado, Mário Albuquerque. Obrigado a todos os que foram abraçar Aurélio Furdela. Obrigado aos músicos. Todos eles.

Até!

Cidadania

 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

23/8 às 16:40

Há indicações de ter havido mais uma troca de tiros nesta quinta-feira a noite, o segundo no mesmo dia, entre as forças governamentais e homens da Renamo na região centro de Moçambique, concretamente na província de Sofala.

<http://www.verdade.co.mz/newsflash/394126>



Ancha Hilas Hilas kikiki,exe vosso presidente é um fantx,em presidencia aberta ele ja visitou todas as provincias de norte e centro menos Beira,para mi acho que exa provincia pertence a um outro país nao Moçambique e dizem que agora ja esta a escalar a zona sul,acerca dos militares que estao a morer por dia para ele nao é nada porque usa se sistema de bate saí e é triste exe comportamento, tenha vergonha presidente 23/8 às 17:21



Gércio Leite O triste é quem os que morrem sao nossos irmaos inocentes que morrem e sem saber a causa, os verdadeiro que enchem as barigas com isso td tao sentados com uma segurança forte que protege ate as pontas dos cabelos, falo dessa merda de governantes do topo. 23/8 às 18:31



Mateus Francisco Navaia Quando assisto alguns debates nos Canais supostos publicos sobre a tensão político militar em Moçambique fazem manipulando a informação real e fazendo consumir aos indivíduos distraídos se é k existem e deixando o real problema k isso tem solução pacífica! 23/8 às 19:04



AX Mimbire mesmo os tais "guerrilheiros" estao perdendo tempo em prol dos seus dirigentes, por mais k matem todos soldados governamentais, o governo enviara mais e mais, e por mais que aia o bolo que tanto almejam nao chegara as suas bocas, ira terminar com os lideres e eles continuaraos reles instrumentos do medo, quica ambas forza se unissem e expulsassem ambos dirigentes que os levam ao vale da morte e seus colaboradores, e criassem uma nova ordem... pena k isso nao passa de sonho idiota 23/8 às 21:42



Eliseu Mateus Tamele Este homem chamado presidente d moz e frente parece k tem medo de perder as eleições e prefere a guerra. Por qué tudo que tem aver com o pais tem de favorecer a "frelimo" irmão de "Mugabe? Onde vamos ondd estamos? 3 23/8 às 17:51



Leonel Angela Nhanombe Lan-gy Mas ecex guereiros da FRELIMO X RENAMO sao caes purk nao podem si unir i irem djezar GUEBUZA I DHAKAMA???? Axam corecto matar inocentes???? 23/8 às 20:52



Norberto Jr Gong Marley MEU DEUS INCUTA UM POUCO DE INTELIGENCIA NA CABEÇA DESTA GENTE Q PENSA Q O POVO LHES PERTENCE... Ninguem merece! 23/8 às 17:09



AX Mimbire dai que digo: nao existe guerra santa, nao existe guerra justa, nao existe governo justo... se optar em receber uma arma para tirar a vida do outro espere que dela morras tambem enqto quem te entregou assiste isso entrega outro e vai substituindo, o engracado e k esse processo e repetitivo 23/8 às 21:35



Licinio Chambale Chambale Hum! Outrax coisas pah! Ixo virow moda! Em Moz ha cada coisa! Paix d pandza ta mal! 23/8 às 22:48



Joao Henriques Até quando meu Deus...? Porq n nox liquidam d uma vez por tdxax? Vixto q n nux qerem maix por extax bandax,talvez prefiram tranxformar ixto numa ilha em q xo habitam pxoax do alto xkalao cmo vxex... 23/8 às 16:49



Guleras Gouveia Enquanto nossos irmaos morrem, manu guebusiness esta em tsalala! Até meus irmaos nao estudaram hoje porque nao sei, mas segundo eles nao estudaram porque tio patinho estava aqui 23/8 às 16:48



Manex Sumilzah Witiman Ta dificil exte pais d pandza!!! agora vamox mudar o pai pelo voto gente, no tempo d Chissano nao havia isso!! 23/8 às 6:53

 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

25/8 às 15:25

Um grupo de supostos malfeitores, composto por mais de uma dezena de indivíduos, invadiu a residência de um pastor da Igreja Metodista Wesleyana da KaTembe, saqueou alguns bens e osqueimou no seu quintal, na madrugada de sábado passado (17), no bairro de Incassane no Distrito Municipal KaTembe. <http://www.verdade.co.mz/nacional/394254>



Jordan Augusto Squeia E depois o governo diz que g20 nao existe e diz que e um boato... O que e isso que ta acontecer? 25/8 às 16:09



Imidio Junior Ate hoje gebas diz k é boato 25/8 às 16:43



Sageda Hassamo O que questiono é porque matar/queimar?!?... O que ganham em tirar a vida das pessoas, depois do saque?!!!! 25/8 às 16:26



Paito Martinho Dpois vao dizer k é boato! 25/8 às 15:10



Delmar Gonçalves Está tudo a ficar doido?Que raio é isto? 25/8 às 17:19



Tomas Pedro Carvalho No final dos tempos o amor de muitos esfriará. 25/8 às 17:01



Jordan Jordan em moz o crime esta mais organizado do que o proprio governo 25/8 às 16:18



Emiliano Kiteque Esses malfeitores merecem castigos. 25/8 às 15:28



Amina Lucilia Jamal sao demonios disfarçados 25/8 às 17:27



Ricardo Ferreira Será possível que estes vândalos têm tanta sorte não serem apanhados? Isto é muito esquisito.! O que faz a policia? 25/8 às 19:55



Arssen Machel é boato pk ainda nao lhe atingiram com ministro d interior 25/8 às 18:25



Jordão Bertino Cosme Mpinicamula Esses jovens nao crêem em Jesus, filho d Deu. 25/8 às 18:05



Renito Meeting Ajuste d contas e queima de arquivo é a característica dest crime. 25/8 às 17:23



Edson Jasse Mgucci pais da Marabentaa vai d mal a pior 25/8 às 17:15



Samuel Kamkass tem mais ai,saquear depois queimar nao faz sentido,tem algu mais nexex axunt 25/8 às 17:09



João José Cossa Onde esteve a polícia 25/8 às 16:53



Renito Meeting Nas esquadras a guarnecer os carros e a pedir livrete e... nos automobilistas. 25/8 às 17:20



João José Cossa Afinal o nome'polícia' receberam para tal?guarnecerem carros? 25/8 às 17:22



Osvaldo Gilberto Davuca Moz vai de mal a pior. Ta um terror autentico isto,pah. Outras coisas,pah. 25/8 às 16:46



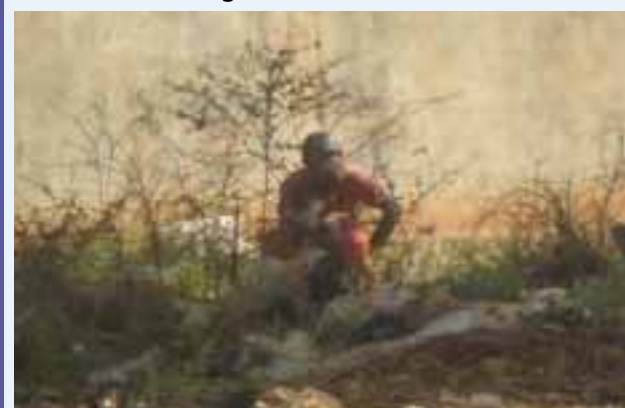
Hélder Niclidio Orlando Mhula Maj sera k o Governo naw vem ixo. . . Exej gajoj dvem ser unj psicopataj ganha a vinda dixgraxandnd uj outro gente xem coraxao sou malfetorej. Epha e lamentavel ixo 25/8 às 16:31



Joao Xavier Vilanculos E o nosso Governo recusa da existencia desses bandidos, sem piedade que anda soltous por a nos saquear... ate quando isso... socorooooo 25/8 às 16:31

 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Fotos da cronologia



Jornal @Verdade

Defecar em locais impróprios tornou-se um problema comum no bairro de Muhala-Belenenses, na cidade de Nampula, e ninguém faz nada para contê-lo. As latrinas ainda são um luxo para o grosso das famílias daquela zona. Por isso, o acto tem lugar nas proximidades de um riacho chamado Muhala. Alguns alegam que não constroem latrinas para o efeito por falta de espaço e outros por não disporem de dinheiro.



Alfredo Luis Luso "Eu ainda criança defecava bem mesmo no mato, isso parece um complexo que o Homem tem" eu gostava mesmo porque no mesmo tempo que eu defecava aproveitava o tempo para fazer desenhos de bonecos nas areias. Ate que em primeiro lugar eu preparava o terreno limpando e depois deixava o inutil sucesso. Mas quando cresci vi que as coisas eram outras! Como memoria pela zona onde eu nasci e cresci eu quando la vou pretendo continuar a lembrar o pesado. 24/8 às 9:54



Jaqueline Massingue Isto chama-se feccalismo a ceu e paredes abertas. Hehehehe 24/8 às 9:56



Carlos Moisés Quando a colera começar a lhes sacudir depois vao dizer que é feitiço ou a culpa é do governo 24/8 às 9:53



Isa Marcelino Conceicao Senhor k esta depositando seus excrementos nesse local n tem vergonha nao? N ve k ai tem mto capim e pode surgir uma cobra e t picar? Recolha suas fezes e saia ja dai. Va p casa e mobilize seus colegas a construir latrinas imediatamente. Daqui a algum tempo alguem ira a esse lugar p recolher estrume p aplicar nas machambas. Cada um k defecou nesse local voltara a cnsuir suas fezes cmprando as lindas verduras no mercado. 25/8 às 4:32



Michael Daude isto n e por falta de dinheiro, sejamos serios, isto e pura e simplesmente porquice do pior tipo, faz quatro paredes de canico e usa uma enchada, custa fazer isso? Porcalhoes 24/8 às 18:11



Rita Teixeira É preciso sensibilizar as populações que este ato, é, um atentado à saúde publica. Para erradicar ou diminuir, contágios de certa doenças tais como: (... malária, cólera, difteria... etc...) é necessário que cada um contribua, (... por exemplo: construindo a sua própria latrina...) Na Europa na primeira metade (...dos anos 40/50 do século XX) estas doenças foram erradicadas com o melhoramento dos saneamentos e construção de latrinas nos meios rurais... 24/8 às 13:46



Leonel Angela Nhanombe Lan-gy Falta du conhecimento sobre as doenças k isto tras para a vida humana 24/8 às 13:09



Emidio Combe Por outro lado nao e falta d dinheiro pois este nao justifica higiene, pode-se fazer uma latrina cm base em bambus k na mata pods adquerir e uma simples enxada e poe a mao na massa 24/8 às 12:39



Fernando J. Inacio Meu amigo Raul Barata, olha oq andam a fazer n nossa bela prov d Nampula! Tems q acabr com isso 24/8 às 11:51



Ibraimo Braimo Realmente o governo juntamente com as religiões cívicas deviam trabalhar pra mudar este cenário. 24/8 às 10:10

Selo d'@Verdade

Faça o seu caminho e não espere o trilho do outro: Uma concepção sobre o futebol moçambicano

Continuação

Sendo o Futebol uma paixão que move massas e nos ajuda a esquecer alguns problemas que roubam a nossa auto-estima, parece-nos ser de fundamental importância discutir o fenómeno na sua dimensão global, e não numa perspectiva reducionista que vê o Futebol, exclusivamente, em termos desportivos como o local onde se vão buscar os atletas do futuro e se podem vender marcas de camisolas, fazer circular jogadores e manipular árbitros e resultados por serem da ala dos “salgadinhos” e chegar na segunda-feira e atirar a “bola ao ar” por ter conquistado um resultado na secretaria. Nesta perspectiva, o Futebol tem de ser visto como um instrumento de civilidade e interação social, o que muitos “salgadeiros” ainda não descobriram.

As críticas sobre essa debilidade do nosso Futebol recaem, quase que sempre, sobre a FMF (Federação Moçambicana de Futebol). Ela é acusada de ser corrupta e de corromper. Ela é incriminada por não fazer nada pelo nosso futebol. Ela é imputada de ter outras “agendas” que se distanciam do nosso futebol. Ela é culpada de ser “um celeiro de negócios de uma única família”. É assacada de trair a Nação moçambicana, pois “vende resultados” aos adversários, principalmente, quando são da ala Magrebe.

Já ouvimos frases como: “não treino a selecção nacional enquanto não se tirar a escória que está na Federação Moçambicana de Futebol”. No meio dessas acusações até podem existir algumas verdades, mas entro em defesa da mesma agremiação x Federação Moçambicana de Futebol x quando nós (sim, nós que fazemos o coro de censores), apenas acusamos, imputamos e não indicamos caminhos para solucionar tal situação miserável em que o nosso Futebol se encontra.

A mesma agremiação (que sempre é recriminada por causa da penúria do nosso Futebol), depois de ter sido eleita prometeu, dentre várias coisas, as seguintes: (i) campos iluminados, (ii) aposta na formação e (iii) realização de uma “conferência” sobre o Futebol. Muitos, neste fórum e outros similares, reclamam o não cumprimento do que vinha no manifesto. Porém, é no último ponto que urge a motivação de eu conceber este texto.

Se a Federação Moçambicana de Futebol não faz a desejada Conferência sobre o Futebol Moçambicano, nós que estamos neste fórum e noutros interessados podemos fazer. Como fazer?, perguntar-me-ão alguns. Se existem “Cimeiras Anti-Maxacas” (que são de brincadeira e de sacanagem x não estou em defesa do Maxaquene, pois o meu Clube é o Desportivo de Maputo), acredito que é possível fazer um Colóquio sobre o Futebol Moçambicano.

Se o Futebol, hoje, é um instrumento que deve ser utilizado de

uma forma racional e coerente em matéria de políticas públicas, não só do ponto de vista interno como externo, é imperioso que as outras forças da sociedade (não apenas a Federação Moçambicana de Futebol), façam valer o seu valor interventivo. Por isso afaio que é possível fazer um encontro sobre o nosso Futebol Moçambicano, sem que esperamos a boa vontade da agremiação-mor. Como materializar isso? Dentre várias indícios de actuação, indico apenas sete:

Encontrar indivíduos e personalidades (não cito nomes, pois nós conhecemos alguns) que nos disponibilizem um espaço e que nos ajudem (pois, alguns, são mecenas) com custos miniaturais a fazer um Colóquio de dois dias, no mínimo.

Que identidade futebolística estamos a projectar para o nosso país? Esta inquietação é a base de todos os projecto desportivos que pretendemos para Moçambique visto que até hoje não conseguimos ter um modelo futebolístico que assente a nossa realidade.

Criar painéis especializados de debates constituídos por treinadores, gestores desportivos, academias de formação desportiva, árbitros e instituições universitárias que têm o Desporto nos seus programas de ensino. (Aqui para evitar mordeduras, podemos colocar Lamarques, Sueia, Nhacila, Nhassengo, Castro Jorge, Menya Wanicela como moderadores dos sarapintados painéis).

Execução de palestras de temas específicos do nosso Futebol (aqui podemos resgatar as diversas dissertações que as nossas Faculdades fazem sobre o nosso Desporto/Futebol em Moçambique);

Discutir, com clareza, sobre o tipo de jornalismo desportivo que se faz em Moçambique (que se tornou mais especulativo que factual).

Reflectir à volta dos diplomas de desenvolvimento que consignam o seguinte: (i) regimes especiais ao nível do contrato de trabalho, da segurança social, dos acidentes de trabalho e da tributação do praticante desportivo profissional (e.g., explicar a ideia de “ilicitude no Futebol”); (ii) estruturas organizacionais específicas para participarem em competições profissionais: as sociedades anónimas desportivas ou os clubes desportivos em regime especial de gestão; (iii) ligas profissionais dos clubes enquanto órgãos das federações com competências no sector profissional.

Elaborar Planos Metodológicos e de sentido “solucionador” para o nosso Futebol, ouvindo experiências, por exemplo, de psicólogos, antropólogos, nutricionistas, biomecânicos do Desporto/

Futebol, juristas (quicá, nos expliquem os “ilegítimos no nosso Futebol”).

Concluídas estas e outras acções que advirão dos organizadores, faz-se um “corpus” para submeter ao Ministério da Juventude e Desporto. Outra pergunta que me sobrevém é: temos legitimidade para fazer esse “rendez-vous”, encontro, e elaborar documentos para mudar o cenário do nosso Futebol? Eu acho que sim. As Associações Desportivas de todo o país, em uníssono, podem empreender tal labuta sem esperar o aval da Federação Moçambicana de Futebol.

Acredito que as organizações da sociedade civil, que também são desportivas, algumas, não existem, apenas, para assuntos políticos. A outra forma de legitimar as decisões que advirem desse encontro é usarmos a plataforma das universidades que têm o Desporto como currículo. Por tabela, aparece-me um pedido: procuremos ouvir, por exemplo, as experiências científicas sobre o desporto vindas dos Professores António Prista (Universidade Pedagógica/Universidade Eduardo Mondlane) e Albertino Damasceno (Universidade Eduardo Mondlane)]. Atenção: para que estes debates de salvação do nosso Futebol sejam frutíferos devem realizar-se uma vez em cada semestre. O debate sobre o Futebol moçambicano deve ser constante para que encontremos novas plataformas de robustecer o nosso Desporto.

Termino usando uma frase que todos nós conhecemos: “Se a montanha não vai a Maomé, Maomé vai a montanha”. Podemos não dominar a frase, pois temos diferentes credos, mas ela infere uma grande verdade: se você não vai atrás, ninguém fará nada para mudar a sua situação. Nós que estamos neste ajuntamento que ama o Futebol podemos mudar muitas situações do nosso Futebol com acções concretas. Vai ser difícil, mas só fazendo e exercendo pressão sobre as “agremiações-mor” tiraremos os diversos lodos que pululam o nosso Futebol (que não merece ter adeptos campesinos e dirigentes de uma mentalidade rural).

Alegorizando o que disse precedentemente: devemos fazer os nossos próprios caminhos desportivos aceitando o que é bom e repudiando o que é mau, pois esperar os trilhos do outro equivale a aceitar que nós já fomos campeões do mundo porque entomamos “bem e com ânimo” o hino nacional antes de uma partida contra o Taiti.

P.S.: Com este texto, espero não ser acusado de “Sedição Desportiva”. Sobre as frases que estão entre aspas não precisei de colocar os nomes, pois nós conhecemos os donos das mesmas.

Cremildo Bahule

Mau trabalho do Tribunal Judicial da Cidade de Maputo

O meu nome é Américo, e quero convosco partilhar a minha triste história.

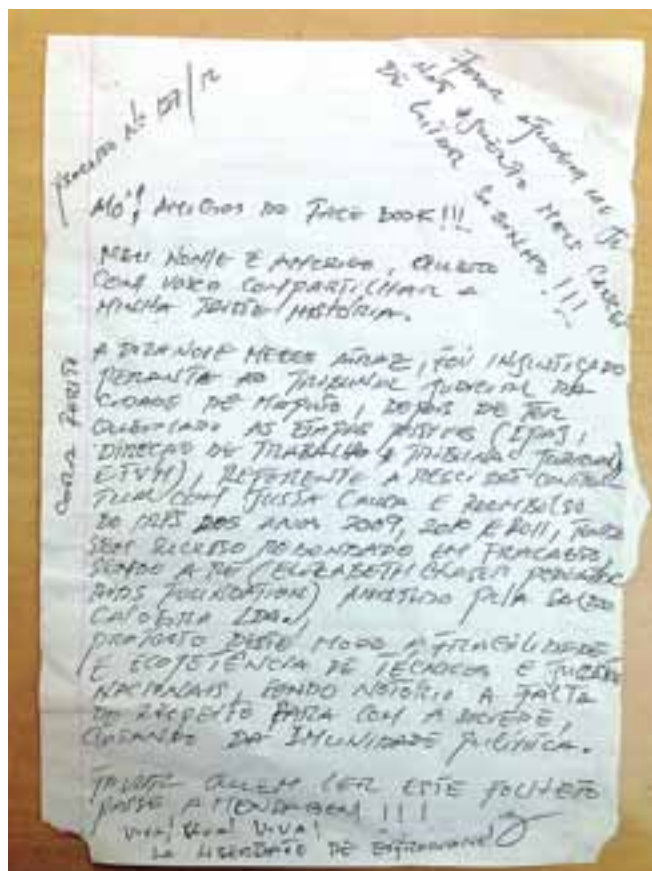
Há dezanove meses, fui injustiçado pelo Tribunal Judicial da Cidade de Maputo, em conluio com Elisabeth Glaser Pediatric ands Foundation, apesar de ter sido representado pelo Instituto de Patrocínio e Assistência Jurídica (IPAJ).

O caso, que era do conhecimento da Direcção do Trabalho, era referente à rescisão contratual por justa causa e exigia o reembolso do IRPS dos anos 2009, 2010 e 2011. Mas tudo redundou em fracasso.

A ré (Elisabeth Glaser Pediatric ands Foundation) foi assistida por um prestigiado escritório de advogados da cidade de Maputo.

Protesto contra a fragilidade e incompetência dos técnicos jurídicos. É notória a falta de respeito para com a sociedade. Mas com razão, eles gozam de imunidade política.

Américo



FALENCIA

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

/JornalVerdade

Email: averdademz@gmail.com

@Verdade Online: www.verdade.co.mz

“O que mais preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons.”

- Martin Luther King

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.



@Verdade